Diário de Lisboa

Maio 1977
Terça-feira
24

ANO 57.º
N.º 19 361
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

RAMALHO EANES EM MADRID

Viagem exacta no momento exacto

MADRID, 24 — (Do nosso enviado especial Rogério Rodrigues) — «Portugal — sem interferência nos problemas internos de Espanha — pretende afirmar, com a minha presença neste momento, antecipando-se a circunstancialismos políticos, o desejo de colaboração com a Espanha independentemente dos regimes estabelecidos, dentro da garantia de defesa dos Direitos do Homem e do respeito pela soberania dos outros povos» — disse o general Ramalho Eanes ontem durante o jantar que lhe foi oferecido pelo rei Juan Carlos, algumas horas depois da sua chegada à base militar de Getafe.

Surgem estas palavras exactamente algumas horas antes de começar aqui a corrida eleitoral, a primeira após longos anos de partido único, e no momento em que observadores políticos sugerem o Presidente português como «enviado especial» da NATO para conversações com as autoridades militares espanholas.

Viagem exacta no momento exacto poder-se-á classificar esta visita do general Eanes a Espanha (o primeiro chefe de Estado a visitar Espanha depois da subida ao Poder de Juan Carlos e da gradual e lenta desfranquização do país).

Com efeito, «antecipando-se a circunstancialismos políticos» e «independentemente dos regimes estabelecidos», o general Eanes pôde reunir-se esta manhã com o general Gutiérrez Mellado, vice-presidente do Governo espanhol, enquanto o ministro dos Negócios Estrangeiros conferenciava ao mesmo tempo com o seu homólogo.

São visíveis, como pano de fundo das conversações que ontem se começaram a entabular, o Pacto Ibérico e a necessidade da sua revisão, perante as perspectivas abertas pela cimeira da NATO, ou seja pelo ressuscitar de uma «guerra fria» antes da Conferência de Belgrado sob os desígnios da «détente». Torna-se urgente a revisão do Pacto Ibérico — nesta perspectiva — sob pena de se transformar numa redundância, pela passagem da não agressão» e «boa vizinhança dos anos 40 à «solidariedade completa». e «atlântica» do ano 77, via Londres, Cimeira da NATO.

Entretanto esta manhã o Presidente Ramalho Eanes foi recebido no «Ayuntamento» de Madrid, onde o alcaide (presidente da Câmara) da capital espanhola lhe entregou as chaves da cidade.

Após esta cerimónia Ramalho Eanes manterá conversações, na vice-presidência do Governo, com o general Gutiérrez Mellado e outros altos-comandos espanhóis.

Simultaneamente, no Ministério dos Negócios Estrangeiros o ministro Medeiros Ferreira reunir-se-á com o seu homólogo espanhol, acompanhado pelos embaixadores de Portugal em Madrid e de Espanha em Lisboa.

Ramalho Eanes almoçará depois com o rei Juan Carlos e com a rainha Sofia, no Palácio da Zarzuela, após o que participará em recepções ao corpo diplomático aos funcionários portugueses e à comunidade portuguesa.

Ao fim da tarde Eanes recebe na Embaixada de Portugal em Madrid o presidente do Governo espanhol, Adolfo Suarez após o que estará presente num jantar oferecido pelo Município de Madrid e no qual participam também os reis de Espanha.

Textos integrais dos discursos de Juan Carlos (pág. 6) e Eanes (pág. 7)

Durante o banquete de gala oferecido ontem por Juan Carlos a Ramalho Eanes, os dois chefes de Estado e demais convivas brindaram pela prosperidade de Portugal e Espanha (Telefoto Cifra/UPI/ANOP).

O «alcalde» de Madrid, sr. Arespacochaga, entregando, esta manhã, ao Presidente da República Portuguesa as chaves da cidade

PROJECTO ÚLTIMO DO PLANO QUADRIENAL

Consolidar novas relações de produção e definir um novo modelo de sociedade

O Plano a médio prazo, previsto na Constituição Portuguesa, que será muito brevemente apresentado à Assembleia da República, para aprovação, poderá vir a tornar-se num instrumento poderoso de «consolidação de novas relações de produção e de definição de um novo modelo de funcionamento da sociedade portuguesa».

Pelo menos assim o dá a entender o texto do projecto que ontem foi divulgado pela Secretaria de Estado do Planeamento afirmando-se, aí, seguramente com boa dose de optimismo, que não se trata de reencontrar equilíbrios do passado de fazer ajustamentos mais ou menos complexos, mas sim tentar uma saída colectiva da crise e a «abertura para um novo modelo económico e social de desenvolvimento».

Satisfazer as necessidades básicas da população, absorver parte do actual desemprego com a criação de 215 mil novos postos de trabalho, redução do «deficit» externo a fim de diminuir a nossa dependência económica, correcção das desigualdades na repartição dos rendimentos, correcção das desigualdades regionais e preparação da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia são os objectivos-base que presidem ao projecto do Plano para o período 1977-80 ontem apresentado pela Secretaria de Estado do Planeamento.

Segundo especificou a dra. Maria Manuela Silva, as necessidades básicas a satisfazer, segundo prevê o projecto do Plano, são a alimentação, habitação, saúde, segurança social, transportes acesso à cultura, à informação e à intervenção social; para além da criação de algo mais que duas centenas de milhar de novos postos de trabalho o projecto aponta para a manutenção do emprego actualmente existente na agricultura e nos sectores na indústria tradicional. A correcção das desigualdades na repartição do rendimento deverá ser feita através da actualização dos salários e pensões mínimos, acréscimo moderado dos salários reais médios, crescimento geral dos salários reais a ritmo semelhante ao do aumento da produtividade. A adesão à CEE é abordado no projecto do Plano na perspectiva de que até 1980 atravessaremos uma fase preparatória e que só nos anos 80 ela se virá a concretizar.

A comunicação da dra. Manuela Silva foi feita, ontem, na Fundação Calouste Gulbenkian aos três primeiros grupos de trabalho que vão discutir pontos parcelares do projecto global. Estes três grupos analisam as questões do emprego, sectores produtivos e necessidades essenciais participando neles técnicos da OIT (Organização Internacional de Trabalho), Ministério do Plano, Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN), e a Comissão dos Sectores Produtivos, Comissão dos Sectores Sociais e Comissão Regional.

Esta tarde são apresentadas, em plenário, as conclusões sectoriais dos três grupos. Seguir-se-á a discussão de outras questões específicas de projecto do Plano posto o que o conjunto dos trabalhos elaborados, e segundo intenção manifestada pela Secretaria de Estado do Planeamento, deverão ser publicados «a fim de suscitar a participação democrática na construção do projecto de sociedade que a Constituição esboçou para a República Portuguesa».

Concluida essa discussão prévia através das diversas estruturas representativas dos parceiros sociais em confronto o projecto de Plano é transformado em proposta de lei que o Governo deve submeter à Assembleia da República para se dar cumprimento ao artigo 93.º da Constituição.

EXCLUSIVO

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

A intervenção no Zaire dos países ditos «ocidentais» em defesa de Mobutu, «peão dos Estados Unidos na África negra» e uma entrevista com o cançonetista uruguaio Daniel Viglietti, que nos fala da «canção contra o Imperialismo» são artigos do «Exclusivo» de hoje. Carter e a América Latina. O regresso de Teng Hsiao-Ping e outros temas da actualidade internacional são igualmente inseridos no nosso suplemento das terças-feiras.

Sá Carneiro convocado a S. Bento

(Pág. 20)

França paralisada por uma greve geral

Do canal da Mancha à costa mediterrânica, a França encontra-se hoje paralisada por uma greve geral de 24 horas. Passando por cima das suas divergências, todas as centrais sindicais (incluindo a FO e a Confederação Geral de Quadros) decidiram ripostar com esta acção às medidas de austeridade decretadas pelo Governo.

Segundo a Reuter, a paralisação de hoje será mais vasta que a de Maio de 1968. Para lá da greve, os trabalhadores manifestarão ainda o seu descontentamento face ao crescente desemprego e ao agravamento das suas condições de vida, mediante manifestações marcadas para Paris e muitas outras cidades francesas.

A greve atinge tanto o sector público como o sector privado. Fábricas, transportes públicos, escolas, lojas, restaurantes, bombas de gasolina encontram-se encerrados. Os jornais também não aparecerão à venda, enquanto o lixo amontoa nas ruas. A energia eléctrica foi cortada e reduzida a pressão do gás.

No Sul de França, os vinhateiros (há muito em luta contra a política agrícola imposta pela CEE) erguem barricadas nas estradas. Em Cannes os organizadores do festival decidiram adiar as exibições programadas para hoje devido às dificuldades de abastecimento de energia eléctrica. Pormenor curioso: é a segunda vez que uma greve afecta o Festival. A primeira ocorreu em 1968, quando a agitação social levou à sua interrupção.

Esta impone. e manifestação de unidade e combatividade dos trabalhadores franceses verifica-se numa altura em que a aliança de esquerda (vitoriosa nas eleições municipais de Março) colhe cada vez mais popularidade, segundo as sondagens ultimamente publicadas.

Patrões associados na Confederação Patronal Nacional e Governo condenam esta acção, que, segundo a associação patronal, causará 60 milhões de contos de prejuízo. O presidente Giscard está hoje reunido com os seus conselheiros estudando o impacto da greve.

Ontem à noite o primeiro-ministro Raymond Barre declarou que a política governamental não lhe parece tão rijida como

Continua na pág. 20

Política de A a Z

FOGOS CRUZADOS

Lia-se, ontem, num jornal da tarde: «O Governo encontra-se, pois, submetido a fogo cruzado, no momento em que dificuldades de toda a ordem embaraçam a sua acção». E além da «tentação totalitária» que rouba a paz a alguns pobres de espírito, o jornal apontava o outro fogo, o das posições da «direita», o dos partidos que são a expressão organizacional não só de interesses reticentes à evolução política para as metas constitucionais, como francamente opostos à Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974, à sua inspiração antifascista e anticolonialista, ao seu programa de democratização, à aspiração socialista na Constituição consagrada. E o jornal, que é porta-voz do patronato confederado e de interesses adjacentes, reconhecia a origem do recrudescimento de uma contestação, que vai degenerando de crítica legítima para agitação desestabilizadora, na qual se comprometem, dia a dia, com as forças da «direita», partidos ditos «democráticos». A frase é elucidativa e transparente: «Alertados com o apelo do Presidente da República, no seu histórico discurso de 25 de Abril, os partidos da oposição — PSD e CDS aceleram a pressão sobre o Governo e o partido em que este se apoia, enquanto lhe oferecem propostas de diálogo e cooperação.»

Estas **propostas**, que são referidas como de «diálogo e cooperação», são, na realidade, **pedidos de admissão** na «área do Poder». **A direita**, e os que se orientam pela «direita», e os que a direita procuram servir, sabem que não podem governar, respeitando a legalidade democrática, contra o PS e contra o PCP. Daí este movimento de contestações e de manobra, de intriga e de conspiração, que acena com a «tentação totalitária» para alcançar uma repartição do $poder de Estado» que não seria alcançada através do voto do eleitorado. Trata-se, como aliás é dito e escrito, de uma «ofensiva concertada». Contra o Governo Socialista, em primeiro lugar. Mas não só. Esta «ofensiva concertada» é uma ofensiva contra a Democracia. é uma ofensiva contra o «25 de Abril» e as conquistas populares, contra o movimento antifascista, contra a descolonização,

«Alentados com o apelo do Presidente da República, no seu histórico discurso de 25 de Abril...». Saborosos hipocrisia. Aqueles para quem Mário Soares já não serve, preparam-se, também, para a «ofensiva concertada» contra António Ramalho Eanes. Não há discurso, mas nem existem concessões, nem se vislum cedencias, que apaziguem uma «direita» que suspira por um «regresso» e conspira para uma «desforra».

Este PSD de Francisco de Sá Carneiro (e, também, de Nuno Rodrigues dos Santos e de Barbosa de Melo, de Cunha Leal e de Rui Machete) será ultrapassado pelos «117». E nem o manso e conselheiral catedratísmo de Diogo Freitas do Amaral escapará na «arrumação das contas». Se a Democracia não se defende contra a «direita» legal sucumbirá, num próximo futuro, ao assalto da «direita» subversiva.

O que está em causa, repetimos, não é só o Partido Socialista e o seu Governo. O que está em causa é também a Democracia.

OFENSIVA CONCERTADA

Ofensiva «concertada», planeada, financiada, dirigida. Do semanário ao diário, os órgãos de intoxicação social, em todos os tons, do confidencial ao editorial, destilam as mesmas insinuações, enunciam os mesmos argumentos. Não se trata de simples cópia ou de carência de imaginação. trata-se de uma «ofensiva concertada».

Utilizaram, ontem o Partido Socialista para liquidar a viabilidade de um «Governo de maioria de esquerda»; hoje, utilizam o Partido Sócialista, procuram utilizar a noção de «maioria presidencial» para cercar o Partido Socialista, para reduzir o Partido Socialista a uma força complementar de Governo no quadro da chamada «maioria dos partidos democráticos». Antigos colaboradores do «Estado Novo», ou adeptos do «Estado Social», propoêm-se leccionar democracia e, de sua vocação totalitários, ou por totalitária recordação, excluem uns quantos do campo democrático.

Estamos perante uma «ofensiva concertada». Não podemos cruzar os braços. O diálogo entre as forças democráticas tem que realizar-se sem demora. Franco, límpido, severo mas fraternal. Sabemos que ao Partido Socialista devem ser atribuídos erros e desvios. Sabemos que **estes** partidos, são os partidos que temos. Mas é com eles, e com **estes** sindicatos, e com **este** Povo, que há que prossequir a Revolução iniciada em 25 de Abril de 1974. E agora, com determinação e com clarividência, há que criar rapidamente condições para deter e vencer a «ofensiva concertada», e o concertado coro da Imprensa ao serviço do patronato e da reacção.

A Democracia é forte. A correlação de forças será favorável a uma «esquerda» que, respeitando a sua própria diversidade, saiba encontrar, no diálogo, o entendimento necessário, e, na acção concreta, a convergência indispensável, contra a «ofensiva concertada».

DEFENDER A LIBERDADE

Defender a Democracia; defender a Liberdade; defender a Independência Nacional — eis alguns pontos que podem constituir uma base de acordo daqueles que fazem da Constituição uma bandeira de avanço, em democracia, para o socialismo. Mas qualquer entendimento, e a convergência urgente, exigem um muito claro acordo quanto aos princípios, o respeito efectivo e uma intransigente defesa das conquistas de Abril.

A resposta à «ofensiva concertada» terá que ser pronta, clara e firme.

Não se apaziguará a «direita irrecuperável» com concessões, com cedências, com abdicações. E a «direita recuperável» terá que ser colocada perante o valor exemplar e pedagógico da revolução vitoriosa, da institucionalização da vida democrática, da cooperação antifascista, da mobilização popular, da participação dos cidadãos, da capacidade dos trabalhadores.

O Governo terá que enfrentar a «ofensiva concertada» com a consciência de que deverá corrigir a sua orientação e aliviar-se do «peso morto» dos tecnocratas, dos burocratas e dos empatocratas. Ter o «coração à esquerda» é bom. Mas não é suficiente para ganhar esta batalha.

Médicos e Governo discutem ensino nos Hospitais Civis

Os médicos dos Hospitais Civis irão, brevemente encetar com o governo o diálogo que permita debelar o conflito que os divide, e iniciar as aulas que têm sido sucessivamente adiadas. No final de uma reunião entre o Primeiro-Ministro, os ministros da Educação e Investigação Científica, e dos Assuntos Sociais, e membros da Comissão de Gestão do Ensino Pré-Graduado dos Hospitais Civis de Lisboa, demissionária, e a Comissão Instaladora dos mesmos HCL, ambas as partes sublinharam a esperança de que se viesse a chegar a um acordo.

O dr. António Baptista Pereira, representante dos médicos da Comissão Instaladora dos HCL, revelou que, hoje mesmo, seria marcado com o Primeiro-Ministro a data do início do diálogo entre as duas partes, diálogo cuja via — afirmou — foi aberta na reunião de ontem.

O dr. Baptista Pereira, que classificou o encontro com os membros do governo de «extremamente interessante», fez menção de sublinhar que as duas partes não eram antagónicas e que mostraram uma «grande vontade» de resolver as questões que as opõem.

O porta-voz dos médicos dos Hospitais Civis de Lisboa acrescentou, no entanto, que as aulas não seriam — por ora —, retomadas, tudo dependendo dos resultados do diálogo que agora se vai iniciar.

53 DOCENTES FAVORÁVEIS AO «REFERENDUM»

Um grupo de 53 docentes da Universiade de Coimbra — entre os quais não se conta nenhum da Faculdade de Ciências, que esteve na base dos incidentes —, tomou posição face à moção aprovada, há dias, numa reunião dos docentes eleitos para as Assembleias de Representantes das diversas Faculdades e em que se exigia a reabertura da Universiade

Esses professores, assistentes e monitores dizem não se solidarizar com a moção referida, repudiando-a, acrescentando ainda que ela não foi aprovada «por todos os docentes eleitos nem sequer pela maioria na maioria das Faculdades da Universidade de Coimbra». O comunicado não aborda a questão de fundo mas toma uma posição favorável à decisão do MEIC em consultar os estudantes por forma diversa que não as Assembleias gerais

O comunicado foi distribuido aos jornais através dos serviços oficiais da Secretaria de Estado da Comunicação Social e é assinado, entre outros, menos conhecidos, pelos professores Eduardo Correia, Figueiredo Dias e Pereira Coelho (da Faculdade de Direito), Pinho Brojo (Farmácia), Andrée Crabee Rocha e Carlos Reis (Letras) e Mário Luis Mendes e Jorge Fagulha (Medicina).

Demitidos da RDP preparam recurso

Cerca de ano e meio sobre os acontecimentos relacionados (ou feitos relacionar) com o que se passou no dia 25 de Novembro de 1975 nas instalações da Rua do Quelhas, da então Emissora Nacional, por despacho do actual secretário de Estado da Comunicação Social, foram demitidos quatro trabalhadores. Estes trabalhadores vão recorrer da decisão para o Supremo Tribunal Administrativo. São eles Afonso Henriques Ferreira, António Tadeu, Armando Cavalheda, e Eugénio Alves. Pertencem ao número de cerca de trinta camaradas de trabalho que estiveram, desde aquele dia, sujeitos a vicissitudes e arbitrariedades diversas, como a proibição de entrada nas instalações da RDP, a suspensão, depois a abertura de processos disciplinares que conduziram a resultados diversos, por vezes surpreendentes, como a seu tempo se verá.

A propósito, recorda-se também que a grande maioria dos trabalhadores em causa, então suspensos, dirigiu ao secretário de Estado da Comunicação Social na altura Manuel Alegre, um pedido de inquérito à actuação do elenco directivo da ex-EN ao tempo do 25 de Novembro. Do resultado de tal pedido nada souberam até hoje. É curioso também reparar no facto de, durante meses, Manuel Alegre não ter mexido nos processos dos trabalhadores. Só depois da entrada de Roque Lino, tais processos saíram da gaveta.

Por outro lado, trabalhadores afastados da Rádio logo a seguir ao 25 de Novembro obtiveram recentemente um parecer do procurador da República, junto do STJ que lhes é favorável.

Quanto ao pedido de inquérito à actuação da Comissão Administrativa da ex-EN, recordamos ainda que uma delegação de trabalhadores suspensos nos disse ter havido «filhos» e «enteados», no respeitante por exemplo, ao período horário nocturno. Isto é, enquanto alguns foram conhecedores das determinações ou conselhos da CA, outros não receberam dele quaisquer instruções, facto que os terá levado a considerar a presença de uma força militar nas instalações do Quelhas 2 como facto perfeitamente normal, até porque se tratava de uma presença constante nos momentos de crise.

Claro que os despedimentos, suspensões, castigos e finalmente as demissões não incidiram sobre aqueles que foram contemplados com as determinações ou conselhos «recados» vindos, portanto, do exterior do edifício da Rua do Quelhas.

A ambiguidade de todo este processo, ao que nos afirmam advogados a ele ligados, é tão patente que, de forma irrecusável, conduz à suposição da existência de factores de perseguição, quer política, quer pessoal.

Psicologia (Porto) aceita em parte despacho do MEIC

PORTO, 24 — Reunidos em RGA, os alunos do curso de Psicologia aprovaram ontem, apenas parcialmente, o despacho do MEIC recentemente emitido. Assim aceites os pontos 1, 2 e 6 do despacho relativos aos alunos do 1.º ano e à necessidade do início urgente das aulas e repudiado o disposto nos pontos 3 e 4, propondo-se como alternativa uma reciclagem com controlo de assiduidade individual e avaliação individual, tendo como única finalidade a correcção da nota dada na ano passado, salvaguardando a equivalência em todas as cadeiras já feitas. Outros pontos da proposta aprovada obrigam à participação dos alunos na definição dos parâmetros de funcionamento do curso e a uma melhor definição da situação dos trabalhadores-estudantes.

De acordo com o despacho do MEIC foi decidido que os alunos do 1.º ano entreguem de imediato os seus documentos com vista à confirmação da pré-inscrição. Por outro lado «as aulas só abrirão quando o MEIC der cumprimento integral à presente proposta». Foi solicitada a resposta do Ministério até ao próximo dia 25. No caso de não se verificar qualquer resposta, as alunos responsabilizarão o MEIC pelas formas de luta que forem obrigados a encetar.

Por fim, foi decidido prosseguir a luta como estudantes da academia pelo cumprimento do caderno reivindicativo do ensino superior.

Podemos pescar até 1980 nas águas da Noruega

Os navios portugueses continuarão a pescar, a título transitório na zona económica norueguesa das 200 milhas, segundo os termos do acordo assinado entre os Governos de Portugal e da Noruega agora publicado no «Diário da República».

Assim, o Governo norueguês compromete-se a permitir que os barcos de pesca portugueses pesquem na sua zona económica até final de 1980, devendo as capturas limitar-se às quotas previamente fixadas.

O Governo Português é responsável pela observância, por parte dos navios sob bandeira portuguesa, das disposições do acordo e dos demais regulamentos noruegueses em vigor.

Termas da Curia voltam a abrir

As Direcções-Gerais de Minias e da Saúde acabam de autorizar a reabertura das Termas da Curia, que em princípios de Agosto do ano findo tinham sido encerradas por ali se haver verificado na altura uma situação de poluição bacteriológica de água servida pela «buvette».

Com efeito, os trabalhos iniciados logo após o encerramento das termas foram bem sucedidos e abriram caminho à autorização oficial de reabertura. A água agora captada assume as características da anteriormente usada.

UCP's de Évora em plenário

ÉVORA, 24 — Com a participação de representantes das UCP's e cooperativas agrícolas do distrito de Évora realiza-se amanhã, às 10 horas, no Palácio D. Manuel, um plenário que tem por objectivo a discussão de alguns temas relacionados com a Reforma Agrária.

Estarão presentes técnicos progressistas, representantes do Departamento Agrícola da Intersindical, do Grupo de Apoio à Reforma Agrária e da Comissão de Trabalhadores da CUF, alguns deputados à Assembleia da República e presidentes das Câmaras Municipais do distrito.

PUB

PROBLEMAS ACERCA DAS LENTES DE CONTACTO

O Centro Delgado Espinosa, dedicado exclusivamente à investigação e adaptação de Lentes de Contacto e a próteses oculares, está equipado com modernos laboratórios de ajuste e de aparelhagem contactológica da mais actual.

A atenção pessoal que cada caso exige, está a cargo de contactologistas com grande experiência, altamente especializados, cuja permanente actualização é feita através de simposiuns e Congressos de Lentes de Contacto, onde participam activamente.

Deste modo consegue-se que no nosso centro sejam adoptadas Lentes de Contacto em curto espaço de tempo, resolvendo-se qualquer problema que nos seja apresentado, inclusive em pessoas com elevado grau de sensibilidade.

A adaptação faz-se mais rápida e comodamente quando utilizadas técnicas modernas, havendo assim a resolução de problemas visuais, tais como miopia, estigmatismo, hipermetropia, afaquia (operados de catarata) deformações corneais, etc, através de um moderno meio correctivo que são as Lentes de Contacto.

post-scriptum

Responda quem souber!

. Sábado à tarde, 7 de Maio, «houve touros» em Vila Franca de Xira. Um acontecimento tanto mais banal quanto melhor tivermos em conta as antigas tradições da terra neste domínio. Mas, logo de início, a corrida marcada para este dia suscitou um interesse muito maior que o normal, simplesmente porque corria de boca em boca que ia haver touros de morte.

Não me compete a mim, e tão-pouco é intenção desta carta, discutir a maneira como acabam os espectáculos deste género: com touros de morte na arena ou com touros de morte no matadouro municipal mais próximo. Não me cabe também a mim discutir a validade das corridas de touros, podendo no entanto avançar que elas trazem consigo aspectos políticos muito negativos, de direita pode mesmo dizer-se, por exemplo nas «madames», «senhoras», «lavradores» e outros que tais que as frequentam (não acreditam? Lembrem-se só do famoso 26 de Setembro de 1974 em que Vasco Gonçalves foi assobiado e Spínola aplaudido. Onde? No Campo Pequeno), nas casas que fornecem os touros (olhem as propriedadezinhas), nas famílias que estão por detrás dessa máquina (oh! tudo boa gente). Mas nem tudo é mau. Felizmente o reverso da medalha é toda aquela massa anónima que vai às corridas vibrar com a luta desigual entre o homem e a besta (até aqui as bestas são vencidas):

Bom, mas eu deixo esta discussão para outros mais entendidos e volto ao último sábado. A tal corrida realizou-se e o que é certo é que houve mesmo touros de morte nada menos que 6. E pronto! Quebrou-se, penso que pela 3ª ou 4ª vez, a velha tradição de que em Portugal não há touros de morte. Mas como a Lei é para se cumprir (que pena cumprirem todas menos a nossa fundamental, a Constituição) os responsáveis tinham que ser presos. E aqui é que começa a história toda.

Vibrantes de entusiasmo, vinham os aficionados a festejar aquilo que para eles era uma vitória, trazendo em ombros os toureiros, quando, sensivelmente a meio da vila, se lhes depara nada mais, nada menos, do que um cordão da polícia de choque. No meio dos protestos da multidão, dois dos toureiros são presos, enquanto o 3º consegue fugir. Até aqui tudo... mais ou menos normal.

Mas as pessoas começam a perguntar-se a razão dum tal aparato policial para prender 3 indivíduos (o número de agentes devia rondar os duzentos), começam a formar-se grupos, ajuntamentos, as pessoas conversam, discutem... a polícia aproxima-se, observa, é adjectivada de maneira pouco agradável à primeira vista, mas que vai ser confirmada pela actuação que vai ter, e quando menos se espera, numa corrida desenfreada, começa ainda mais desenfreadamente a bater no primeiro que se lhe atravessa no caminho. Novos, velhos machos, fêmeas, tudo leva minha gente. E a cena repete-se 1,2,3, tantas vezes quantas necessárias para que aqueles peitos fiquem um pouco menos cheios de toda a raiva que os ensinaram a acumular.

Eu vi-os actuar. E não podia, não queria acreditar naquilo que via. Repetia-se a velha cena do povo a correr à frente da polícia.

Aqueles homens não vieram manter a ordem, porque ela nunca esteve em perigo, vieram fomentar a desordem. Como é possível agarrar-se num motivo tão absurdo para pôr em movimento um corpo policial que arrasta atrás de si recordações tão odiosas ao nosso povo? Como é possivel transformar homens em máquinas destruidoras? Que meios se empregam? Quem os emprega? Com que fins? Quem está tão pouco seguro de si e do seu lugar que necessita de instrumentos destes?

. É urgente responder a estas perguntas porque se o não fizermos... de pouco nos servirá termos um Primeiro-Ministro condecorado com a medalha dos direitos do homem, porque na realidade eles foram violados em Vila Franca de Xira, a 7 de Maio de 1977, entre as 9 e as 11 horas da noite.

Vila Franca de Xira

Assim vai a RDP

No passado sábado, dia 7, foi-me dado ouvir, cerca das 13,40 horas, através do noticiário do Norte da Radiodifusão Portuguesa, uma notícia cujo título era mais ou menos sobre graves problemas causados por arrastões russos e espanhóis. No desenvolvimento desta notícia, uma locutora, com uma voz que me pareceu completamente alterada, disse que barcos piratas russos, operando nas nossas águas territoriais, tinham causado enormes estragos, nomeadamente nos apetrechos dos nossos pescadores.

Estranhei que no desenvolvimento da notícia não se referissem aos arrastões espanhois, como tinham sido referenciados no título da notícia, mas apenas aos arrastões russos, mas enfim o «inimigo» a atingir era outro, e de que maneira.

Cabe-me perguntar se os microfones da RDP podem ser utilizados desta forma. Em caso afirmativo é simplesmente lamentável que sirvam a calúnia e a mentira, o que é muito grave, partindo estas notícias de uma estação oficial.

Joaquim Domingues de Oliveira Gonçalves
— PAREDE

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

Folhetim artístico — **José-Augusto França**

MITOLOGIAS DO QUOTIDIANO

Uma exposição do Museu de Arte Moderna de Paris renova agora o tema de uma exposição realizada, há treze anos em Paris sob a mesma invocação de «Mythologies Quotidiennes». Assim fazem os organizadores de 1977 situam-se, em relação ao tempo tanto quanto em relação ao conceito, possível e necessário, de mito, na cultura contemporânea. E isso tem, obviamente, uma grande importância.

«Erectus», «sapiens» depois, o «homo» acabou por se definir como animal mítico, e único da sua espécie, no grande jardim zoológico da Criação. Ele gera a sua própria lenda, nela acreditando tanto como sem si próprio acredita, ser lendário na realidade quotidiana assim mesmo assumida — e iludida. Nas duas situações, aliás, o homem vai vivendo e procurando sentido para o dia a dia da sua obrigação. Sentido e sonho que, pelo impossível (único que vale a pena), chega ao possível que lhe seja possível... O mito tem assim uma função projectante num futuro utópico, justificando nisso a alienação dos seus meios. Mas há muitos e mitos, que vão do «star system» à «Revolução permanente» que, para ser acreditada, também tem as suas estrelas e os seus cartazes e «posters». E se nada melhor do que um mito serve o poder institucionalizado, nada mais do que ele pode servir o contra-poder, o não-poder, e o próprio novo poder. Entre mitos, ou melhor dizendo, em mitos vivemos, e denunciá-los é ainda assumir uma responsabilidade mítica. Como não pode deixar de ser.

A exposição proposta em 1964 teve uma agressividade polemicamente indispensável, nos princípios da arte «pop» e ainda então escandalosa como moda vinda de além mar. A figuração (que podia ser «narrativa») criava a custo o que então chamei (e a designação teve algum sucesso) uma «nouvelle imagerie» — entre o crítico e o absurdo, o ingénuo e o calculado. Ao mesmo tempo, ela desdizia as correntes abstractas e a lembranças das figurativas, para impor uma nova posição perante o real. Uma posição que não podia deixar de ser operatória, e acabou por se prender na sua própria armadilha, como primeiro momento de uma negação que iria dar longe, para além do imaginável em figuras e em quadros ou «obras de arte».

O prefácio do organizador de então (G. Gassiot-Talabot) sublinhava o significado sociológico da empresa, na sua crítica a um sistema que já era de sociedade de consumo, nos então meados do século. O mundo enriqueceu mais depois de 1964, o consumo acentuou-se — mesmo o da pintura «pop», que da denúncia fez naturalmente ganha-pão. Essa, aliás, a fatalidade da arte crítica que acaba devorada pela sociedade criticada, assim, afinal, demonstrando a sua própria razão. É no momento em que um quadro contestário é comprado que ele realiza o «quod erat demonstrandum» em que teimava; e muitos pintores críticos da sua sociedade assim acabam, tão necessários sendo ao equilíbrio dela, como os que a elogiam — sejam quais forem, ideologicamente, uns e outros...

«Estes artistas têm de comum o facto de se recusarem a ser simples testemunhas indiferentes ou «blasés» de um mundo «que suscita e nausea e o sarcasmo». Estas palavras do prefácio do catálogo de 1964 têm um valor de época, e tão perto e tão longe de nós, ainda e já, se encontram, que somos levados a sorrir de tanta boa-fé... O quotidiano, desvendado então nos seus falsos mas poderosos poderes mitológicos ficou por assim dizer garantido, e também o ficaram muitos dos artistas então apresentados.

Vimo-los de novo agora, nomes depois indiscutíveis, nas andanças da fama — mas com eles estão muitos outros, mais novos, entretanto surgidos. Seria interessante sobrepor as duas grelhas, mas não aqui, onde muitos deles não têm curso, e mais importará verifiicar como evoluíram os antigos e que novos dizeres trouxeram os novos.

É neste ponto que baterá a crítica, verificando que os treze anos decorridos, tão ricos (por assim dizer) de acontecimentos sociais e culturais, históricos mesmo, não parecem ter passado entre as imagens agora exibidas. O visitante que percorra a exposição do Museu de Arte Moderna de Paris, e ande entre as quatrocentas obras expostas, de oitenta e seis artistas mais um grupo inglês, pode na verdade, imaginar-se na exposição de 1964. Ou, se nesta esteve, tem uma estranha ilusão de tempo não passado. Como se nada tivesse acontecido.

Aliás, que poderiam ter feito os actuais expositores contra uma sociedade que perdeu agora as penas brilhantes dum consumo empobrecido — senão ter, dela, uma nostalgia mais ou menos imaginosa, mesmo que negativa?...

Não interessa aqui, evidentemente, fazer uma crónica da exposição em causa, e se dela falo, observando as suas relações com a anterior (que me lembro de ter defendido), é apenas para sugerir uma reflexão sobre os poderes da imagem no mundo actual, e a sua dependência do que poderia chamar-se um «crédito mítico».

De tanto abusar dum código mitológico, quotidianamente expresso, as sociedades, diversa e mesmo opostamente politizadas, vêem-se a braços com o descrédito que toda a inflação produz. Descrédito do que se figure, da pintura ao cartaz e à televisão; descrédito da própria possibilidade de figurar, provado pela repetição das figuras e dos sistemas, nesta exposição parisiense.

..É certamente por isso que as vias da criação, dita ainda artística, são hoje muito outras...

A MÁQUINA ENLOUQUECIDA

ALFRED KASTLER

O actual desenvolvimento das centrais de energia nuclear em numerosos países, põe, com uma actividade sem precedentes, o problema da proliferação das armas nucleares. Porque as centrais, criadoras de energia útil e indispensável, também são fábricas que fabricam plutónio, matéria-prima das bombas. É a aprendizagem das mesmas técnicas que dá acesso ao desenvolvimento de uma energia benéfica e ao potencial de armamento.

Para evitar esse perigo, o tratado de não proliferação das armas nucleares, devido a uma iniciativa das Nações Unidas, entrou em vigor em 1970 depois de ter sido ratificado por três potências nucleares — os Estados Unidos, o Reino Unido e a URSS — e mais quarenta Estados. Em 1975, noventa e quatro Estados não-nucleares subscreveram-no.

Como este tratado implica, para os países signatários, não nucleares, uma renúncia voluntária, foi preciso, em compensação, oferecer-lhes certas vantagens. A essencial é enunciado no artigo IV do tratado. Este exprime o seguinte compromisso por parte das potências nucleares: **Todas as partes se comprometem a facilitar uma permuta tão ampla quanto possível de equipamento e informações científicas e tecnológicas para a utilização da energia nuclear para fins pacíficos.**

Há também no artigo IV, muito breve, segundo o qual **cada uma das partes se compromete a prosseguir de boa-fé, com negociação sobre medidas eficazes relativas à cessação da corrida aos armamentos nucleares, e sobre um tratado de desarmamento geral e completo sob um controlo internacional estrito e eficaz.**

Eis pois, um texto aprovado e assinado em 1970. Este texto constituiria para as duas grandes potências nucleares, os Estados Unidos e a URSS, o compromisso moral de deter a corrida aos armamentos e de, numa data próxima, abordar o desarmamento. Estamos hoje em 1977. Decorreram 7 anos. Terão mantido a sua palavra, as potências signatárias?

De modo nenhum. Durante os anos que acabam de passar desde a assinatura do tratado, os Dois Grandes fizeram, tanto um como o outro, exactamente o contrário daquilo a que se tinham comprometido com a sua assinatura. Em vez de procurar dar início ao desarmamento, prosseguiram e intensificaram a corrida aos armamentos a um ritmo que hoje se tornou — estou a pesar as minhas palavras — monstruoso e demencial. Com o termo **monstruoso** quero exprimir um juízo de valor moral; com o termo **demencial** quero caracterizar um desafio à inteligência humana.

Com efeito, possuindo as duas grandes potências, já em 1970, um armamento nuclear suficiente e sectores apropriados em número superabundante para mutuamente se destruírem, tanto uma como a outra desenvolvem desde essa data os mísseis de cabeças múltiplas, intitulados MIRV. Conseguiram através do acordo de Vladivostok, em 1974, ter cada uma, mil trezentos e vinte mísseis estratégicos intercontinentais de cabeças múltiplas. Um míssil americano Poseidon, pode estar munido de umas dez cabeças. Os soviéticos constroem mísseis de oito cabeças. Cada uma das cabeças de todos estes mísseis é constituída por uma bomba de hidrogénio cuja potência destruidora é vairável e pode ir de uns quarenta quilotones a 1 a 2 megatones de TNT, isto é, cem vezes a da bomba de Hiroshima (que era de 18 quilotones TNT).

Em vez de uma centena dessas cabeças nucleares, os Dois Grandes deram-se mutuamente o direito de fabricar mais de dez com mil cada uma. Sabemos de fonte segura que os Estados Unidos dispunham, no início de 1976, de um «stock» de mais de nove mil desses engenhos de megamorte, e a URSS, mais de quatro mil. E que tinham fabricado, Estados Unidos e URSS, um número abundante de mísseis intercontinentais, capazes de ser transformados em MIRV (dois mil e quatrocentos na URSS, dois mil e duzentos nos Estados Unidos). Precisamente devido aos acordos concluídos, essa corrida insensata continua.

Quanto às armas nucleares ditas «tácticas», de pequeno alcance, ainda não foi feito nenhum acordo que limitasse o seu número.

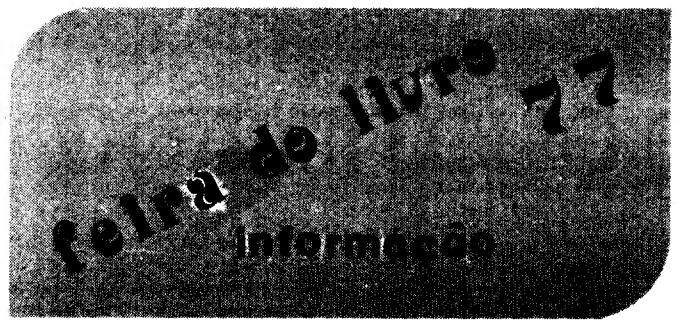
O «segundo apelo de Estocolmo», proposto em 1975, denuncia com força o «armazenamento de armas nas mãos dos imperialistas». Nada diz, porém, sobre esse armazenamento «nas mãos dos socialistas». Por ingenuidade ou por hipocrisia?

. Jimmy Carter e Walter Mondale estão talvez de boa-fé, ao tentar deter essa corrida insensata. Mas o complexo militar-industrial está alerta, e tudo fará para fazer fracassar a sua tentativa e para manter a corrida e até para a intensificar. A receita é de uma simplicidade infantil, e é eficaz. Basta proclamar com força que o parceiro se está a superarmar, para que o próprio superarmamento fique justificado. Foi assim que o Conselho da NATO, reunido em 1976 em Bruxelas, tomou a dianteira proclamando que a URSS estava a consagrar 13 por cento do seu produto nacional bruto ao orçamento militar, enquanto que os Estados Unidos se contentaram com 6 por cento. Uma tal afirmação é exagerada. Segundo cálculos feitos pelo SIPRI, o orçamento militar dos países do pacto de Varsóvia é da ordem de metade do das nações do pacto atlântico (NATO mais a França).

Os Dois Grandes têm a responsabilidade não só da sua própria proliferação vertical, mas também da inevitável proliferação horizontal que começa a estender-se pelo globo. O seu comportamento tira-lhes todo o crédito moral para se opor a essa proliferação. As possibilidades de sobrevivência da espécie humana reduzem-se assim, de ano para ano. Haverá a mínima esperança de quebrar o ciclo infernal? Claro que não se pede aos Estados Unidos e à URSS que se desarmem totalmente, de um dia para o outro. Pede-se-lhes, sim, que detenham essa estúpida corrida e que se entendam acerca das primeiras medidas a adoptar para transformar a desconfiança em confiança e para permitir um início de desarmamento. Uma dessas medidas é a paragem total das explosões nucleares. Ela é realizável.

Entretanto, enquanto esse

Continua na pág. 4



INICIATIVAS EDITORIAIS

Sobre o Contrato Social
de Louis Althusser ~~78$~~ 56$

Elementos de Autocrítica
de Louis Althusser ~~86$~~ 64$

STAND N.º 57

SEARA NOVA

DESERTO COM VOZES, 60$00
Urbano Tavares Rodrigues
Colecção Ficcionistas Portugueses

ZEBRA

UM DOS BICHOS DE ABRIL

EDITORIAL PRESENÇA

Pavilhão n.º 43 na Feira de Lisboa
Pavilhão n.º 32 na Feira do Porto

Peça-nos um catálogo
Rua Augusto Gil, 35-A Lisboa

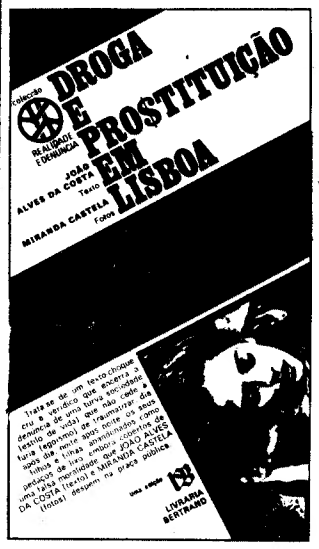
livros horizonte

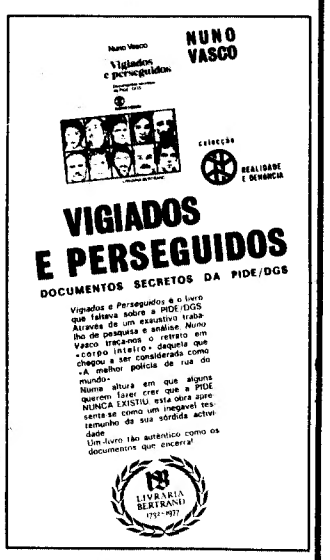
ESCRITOS PARLAMENTARES
Henrique de Barros

STAND 34

Preço: ~~100$00~~ 50$00

LIVRARIA BERTRAND





Pavilhões 5 e 6

NUM COMÍCIO EM LAGOS

Álvaro Cunhal acusou Governo PS de entendimentos com CIP e CAP

«Os partidos e os homens julgam-se pelos seus actos, e os actos do Governo PS estão à vista de todos para julgarem. O secretário-geral do Partido Socialista diz que os trabalhadores já não devem fazer reivindicações porque (diz ele) os trabalhadores estão no Governo por intermédio do Partido Socialista e, sendo assim, a política do Governo do Partido Socialista é a política dos trabalhadores. Esta explicação e toda a política do Governo, em aliança de facto com o CDS e com o PPD, obrigam a definir qual é a natureza de classe do Governo actual. E o que define a natureza de classe de um partido ou de um Governo não são os votos, mas é a sua política. O que define a política de classe de um Governo é na verdade aquilo que ele faz, não é aquilo que ele diz. É pelos seus actos que se pode julgar a quem serve um Governo. Se serve o povo trabalhador ou se serve os agrários e os capitalistas» — afirmou Álvaro Cunhal, discursando no domingo em Lagos, num comício que reuniu milhares de pessoas.

O secretário-geral do PCP acrescentou:

«Depois do derrubamento da ditadura fascista, os seis governos provisórios tiveram composições diferentes e políticas diferentes, mas tiveram, entre outras, duas características comuns: uma, foi que nesses governos estiveram representados, além do MFA, forças sociais e políticas muito diferentes, com objectivos diferentes e até contraditórios. E uma outra característica desses seis governos é que participaram neles, como ministros e secretários de Estado, militantes do Partido Comunista que no Governo fizeram os possíveis e os impossíveis para defender os interesses dos trabalhadores e para que se desse a democratização política, económica e social no nosso país. (...) Só quem não queira ver não vê que com a saída dos comunistas do Governo se acentuou ainda mais a viragem à direita e que o Governo PS sozinho, em vez de aplicar o programa do PS, começou a aplicar uma política que não é muito distante daquela que o PPD e o CDS reclamavam. Definindo a natureza de classes de um Governo pela sua política, temos de afirmar que o Governo actual, apesar de ser de um partido que tem o nome de socialista, é um Governo que serve os capitalistas e os agrários, que representa, portanto, os seus interesses. Essa não é a natureza nem a opinião de muitos trabalhadores membros do Partido Socialista, mas é a natureza da política do Governo do Partido Socialista».

Prosseguindo o seu violento ataque ao Governo PS, Álvaro Cunhal sublinhou que esse Governo «cede à pressão da reacção interna e externa, entende-se com os grandes capitalistas e agrários ao mesmo tempo que expressa um ódio crescente aos trabalhadores. Entende-se com a CIP, com a CAP, ao mesmo tempo que faz guerra à organização sindical dos trabalhadores e diz que a Intersindical, que foi acompanhada por um milhão de trabalhadores no 1.º de Maio, não é representativa. Entende-se com o PPD, com o CDS, para atacar o Partido Comunista ao mesmo tempo que, no fim de contas, não toma medidas contra a reacção, contra o fascismo».

Depois de acusar o Governo, e particularmente o MAP, de realizar uma política frontalmente contrária aos interesses dos trabalhadores e do povo português. Álvaro Cunhal prosseguiu o seu libelo acusatório, declarando noutro passo do discurso:

«Eu pergunto e pergunto particularmente aos socialistas e àqueles que votaram no PS, eu pergunto quantas vezes é que vêem este Governo dar razão aos trabalhadores contra os capitalistas. E quantas vezes é que vêem este Governo dar razão aos agrários e aos capitalistas contra os trabalhadores. Podemos dizer que para este Governo, pela sua política, parece que os capitalistas e os agrários têm sempre razão e os trabalhadores nunca têm razão. Nós pensamos o contrário, é que os capitalistas e agrários nunca têm razão para explorar, para humilhar, para reprimir, para isso nunca têm razão, e os trabalhadores têm sempre razão para lutar pelos seus interesses, para lutar pelas liberdades, para lutar em defesa das conquistas da Revolução».

KAUNDA POSSUI PROVAS

Cartel do petróleo violou sanções contra Rodésia

Importantes companhias ocidentais de petróleo efectuaram conversações secretas em Zurique e decidiram destruir documentos comprometedores sobre a violação das sanções económicas das Nações Unidas à Rodésia — afirmou o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda.

Hás seis semanas, o dirigente zambiano anunciou que o seu país tencionava levar a tribunal, por transgressões das sanções, cinco gigantes do petróleo: BP, Shell, Caltex, Mobil e Total.

Kaunda acentuou que, apesar da destruição dos documentos em Zurique, provas existiam do não cumprimento das sanções económicas propostas pelas Nações Unidas contra a Rodésia. «Isso porque — explicou — uma multinacional com interesses na Zâmbia, a Lonrho, nos ajudou a reunir provas suficientes».

Kaunda implicou a África do Sul na sua acusação, declarando que o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, tinha enviado uma mensagem a Tiny Rowlands, director-gerente da Lonrho, «ameaçando-o de disparar o gatilho contra ele».

Reafirmou que o seu país vai levar a acção judicial por diante e manifestou a esperança de obter o apoio diplomático ocidental para o desfecho. Não revelou a data do encontro de Zurique nem a identidade dos participantes. Também não entrou em pormenores sobre a mensagem a Rowlands, limitando-se a dizer que era «perigosa para Rowlands e os seus amigos».

Angola nacionalizou mais cinco mineiras

Foram nacionalizadas em Angola mais cinco empresas do sector mineiro, entre as quais duas que se dedicavam à pesquisa de diamentes, anuncia a Imprensa de Luanda.

Há alguns dias fora anunciada a nacionalização da Companhia Mineira do Lobito e da Companhia do Manganês de Angola, ambas com sede em Lisboa.

As empresas agora nacionalizadas são a «Sociedade Mineira de Angola», a «Empresa do Cobre de Angola», a «Gemangol», a «Companhia Ultramarina de Diamantes» e a «Companhia Nacional de Diamantes».

O Governo angolano já nacionalizou também a «Pedra de Água Termal e Turística», «Águas Minero-Medicinais do «Hama» e «Empresa das Águas do Cota-Cota».

A razão invocada para as nacionalizações é a do abandono das empresas pelas entidades patronais.

A MÁQUINA ENLOUQUECIDA

Continuação da pág. 3

gasto insensato de potencial humano continua, uma parte cada vez maior do Terceiro Mundo, mergulha na miséria e na fome por não ser suficientemente ajudada pelos países industrializados.

Do relatório de Mc Namara, presidente do Banco Mundial, apresentado em Outubro passado, limitámo-nos a citar a seguinte passagem: **Milhões de crianças de poucos anos, têm uma alimentação tão pobre em proteínas, que o seu cérebro é prejudicado. Eis o que é pobreza absoluta para uns setecentos e cinquenta milhões de seres humanos.**

Uma redução de 5 por cento das despesas de armamento das nações do Globo e a entrega de créditos correspondentes ao auxílio ao desenvovimento, permitiria modificar radicalmente essa evolução.

Em Dezembro de 1975, perante oitenta prémios Nobel, reunidos em Estocolmo para o celebrar o 75.º aniversário do prémio, Olaf Palme, então primeiro-ministro da Suécia, dizia: **A corrida ao armamento aumenta a insegurança. E, o que é mais, esse enorme potencial de criatividade humana e recursos materiais podia ser orientado para a luta contra a pobreza e o subdesenvolvimento nos países pobres do mundo. Assim, estes enormes recursos seriam postos ao serviço da paz e da razão.**

Fazendo-se eco desta afirmação de um ministro socialista, a Santa Sé, na sua mensagem de Junho de 1976, às Nações Unidas, declarava: **A corrida aos armamentos e a sua dinâmica própria que foge ao controlo dos Estados, é uma máquina enlouquecida. (...) A evidente contradição entre o desperdício de superprodução de engenhos militares e a soma das necessidades vitais não satisfeitas (países em vias de desenvolvimento: marginais e pobres das sociedades ricas) já constituem uma forte agressão àqueles que são suas vítimas. Agressão que vai até ao crime. Mesmo quando não são utilizados, os armamentos, devido ao seu preço, matam os pobres, fazendo-os morrer de fome.**

Esperemos que estas vozes sejam um dia ouvidas.

© («Le Monde»)

Solidariedade da RDA com África oprimida

Está a decorrer em Berlim uma «Semana de Solidariedade com a Luta dos Povos Africanos pela Libertação Nacional e Social», durante a qual se fala essencialmente da solidariedade com os povos de língua portuguesa, com o povo etíope e com os movimentos de libertação que lutam no sul da África.

A juventude berlinense terá um comício especial numa empresa de construção, com a presença de jovens africanos que estudam actualmente na República Democrática Alemã (RDA).

Quase todos os 8,3 milhões de trabalhadores sindicalizados da RDA pagam mensalmente um contributo de solidariedade, pelo qual são financiados auxílios que seguem regularmente para a África.

COM PREJUÍZO PARA COOPERATIVA

MAP entregou herdade no concelho de Arraiolos

No concelho de Arraiolos, a entrega de mais uma reserva vai certamente agravar o desemprego que alastra no distrito de Évora. Desta vez o MAP decidiu entregar a herdade da Almagem, integrada na Cooperativa Agrícola 6 de Agosto à agrária Maria Adélia Calazans Pedro de Jesus. A entrega processou-se com a cobertura de forças da GNR, o que já se tornou trivial no Alentejo.

Quando os trabalhadores ocuparam a herdade da Almagem esta encontrava-se votado ao abandono. Na sua recuperação, a cooperativa investiu mais de 2500 contos. Entretanto, na exposição enviada pelos trabalhadores ao CRRA de Évora foi precisamente apontada esta questão e lembrado àquele organismo que em Novembro de 1975 os seus técnicos tinham elaborado um relatório no qual consideravam a herdade «no mais completo abandono e absentismo».

Apesar de tudo, os 300 trabalhadores da Cooperativa 6 de Agosto, a fim de evitarem o desemprego, estão na disposição de arrendar a herdade. Nesse sentido apresentaram uma proposta ao CRRA, proposta essa que foi recusada.

PARA IMPEDIR FESTA EM COOPERATIVA

Populares montaram barricadas na estrada

Com o objectivo de impedir a festa de inauguração da cooperativa «Copernoia» cerca de uma centena de pessoas, no último domingo montou barricadas nos cruzamentos que ligam a estrada nacional Lisboa-Porto à povoação de A-dos-Negros, no concelho de Obidos.

A primeira parte do programa, que constava de um mercado de venda directa do produtor ao consumidor, decorreu sem incidentes. No entanto, na parte da tarde, a partir das 16 horas, começaram a concentrar-se indivíduos (com tractores e camionetas) tentando impedir a passagem das pessoas que pretendiam participar na festa de convívio que se seguia. Com ameaças de «sangue» os provocadores mobilizados por intermediários da CAP fizeram voltar para trás o conjunto «Estrela Vermelha» da Marinha Grande que ia actuar numa sessão de canto livre promovida pela «Copernoia».

Entretanto chegou uma caravana de carros que transportavam bastante gente. Travou-se um diálogo entre os elementos das barricadas e os outros. De início a conversa foi difícil. Muitos dos provocadores estavam bêbados, e agressivos. Os outros não desistiram. Continuaram a explicar aos agricultores «arrebanhados» pela CAP que o seu procedimento não era correcto. Ao fim de umas horas os indivíduos das barricadas que estavam ali por engano e não por convicção começaram a fraquejar. Muitos abandonaram o local. Quando a GNR apareceu, chamada pela povo, já as barricadas se encontravam desmobilizadas.

Alguns dos agricultores confessaram que lhes tinha sido dito que o mercado organizado pela cooperativa se destinava a vender produtos da Reforma Agrária e que até «vinham trabalhadores do Alentejo para ocupar as terras».

Apesar de tudo ainda se registaram de início, confrontos físicos o que originou ferimentos numa ou duas pessoas. Os elementos das barricadas estavam armados de matracas e outros objectos que não saíram dos bolsos mas se presumia pela aparência do vulto serem pistolas. A manobra foi bem dirigida, bem orquestrada, mas as «bases» foram-se abaixo.

Os chefes, entre os quais se destavavam figuras como José Rainho, conhecido intermediário de fruta, e Luís Garcia, proprietário de uma farmácia em Óbidos, ambos afectos à CAP, também se retiraram. As pessoas que fizeram as barricadas foram mobilizadas em Rio Maior, Caldas da Rainha e na Usseira.

Mais tarde o conjunto «Rumo à Vitória» das Caldas da Rainha já passou sem problemas. E a festa realizou-se. Cumpriu-se o programa previsto: canto livre, discursatas e baile. A atitude dos «capistas» somente serviu para alertar as populações contra os métodos de uma organização que se diz «porta-voz e defensora dos interesses dos pequenos agricultores». Percebeu que o que o estava em causa era a «Copernoia»: o aparecimento de uma cooperativa numa zona onde proliferam intermediários nunca pode ser bem vista por estes. Incomoda-os mesmo.

Junta resolve proibir reuniões de reformados

PORTO, 24 — «O Governo fechou os ouvidos às justas reclamações de mais de 500 mil reformados e os seus lacaios nas autarquias dão-nos a última machadada» — lê-se num comunicado que nos foi enviado pela delegação de S. Pedro da Cova da Associação-União dos Reformados da Previdência (AURP) que denuncia «publicamente a injustificada e arbitrária atitude do actual presidente da Junta de Freguesia» ao proibir a continuação das reuniões que aquela associação de reformados vinha realizando, todos os sábados, no salão Nobre da autarquia local.

Essa proibição concretizou-se na última reunião da Assembleia de Freguesia diz, ainda o comunicado que acrescenta: «só os quatro elementos da FEPU e o representante do PPD/PSD, apoiaram e votaram a favor do nosso justo pedido, enquanto que, afrontosamente, o presidente da Assembleia que é do PS, juntamente com os outros quatro elementos do mesmo partido, apoiados pelo elemento do CDS, votaram contra os pobres reformados da sua terra, recusando por 6 votos contra 5 o direito de continuarmos a reunir na Junta».

DESPEDIMENTOS, GREVE, CONTROLO OPERÁRIO

Socialistas contra leis a discutir na Assembleia

A Coordenadora Nacional das Comissões de Trabalho Socialistas desta manhã, numa sala cedida pelo Clube Nacional de Natação em Lisboa, uma conferência de Imprensa para tornar pública uma tomada de posição sobre três leis que vão ser discutidas dentro de dias na Assembleia da República: as leis dos despedimentos, do controlo de gestão e da greve. Segundo a Coordenadora, tais leis, elaboradas pelo Ministério do Trabalho, são «contra os trabalhadores e contra as conquistas da Revolução de Abril» e «porão em causa a sobrevivência de milhares de famílias e as mais elevadas conquistas dos trabalhadores portugueses».

Os excertos constam dum apelo aos trabalhadores portugueses que a Coordenadora elaborou e estão a circular por todo o País para recolha de assinaturas, a fim de funcionar como abaixo-assinado a entregar às comissões parlamentares do PS e do PC. Segundo os conferentes, o documento, só na zona de Lisboa, já recolheu mais de três mil assinaturas. O apelo é para que a «maioria parlamentar», como no próprio texto se diz, retire as leis em questão, que não deverão sequer ser discutidas.

«Se os deputados eleitos pelo povo trabalhador para o defenderem ratificarem a lei dos despedimentos, eles colocarão uma arma na mão dos patrões, que a utilização legalmente para despedir trabalhadores sob os mais fúteis pretextos, atirando para o desemprego e para a miséria, legalmente e de forma sumária, os trabalhadores que entenderem» — considera a Coordenadora.

Na conferência de Imprensa dada esta manhã falaram alguns militantes socialistas que foram primeiro suspensos e depois expulsos do PS pela Comissão de Conflitos do Partido, sob o pretexto de uma prática militante que não se enquadrava no âmbito do consentido pela respectiva direcção. Entre eles, José Simões, José Luís Mendes, Velez, Maria da Paz, e um dirigente sindical dos metalúrgicos de Aveiro. Presente ainda o deputado Aires Rodrigues.

A Coordenadora deve entregar às parlamentares do PS e do PCP o abaixo-assinado dentro de dias, recolhido o número de assinaturas considerado significativo.

Entretanto, no próximo dia 7 de Junho, vai realizar-se um comício na Voz do Operário. O objectivo é «exprimir a vontade dos trabalhadores de não verem aprovadas as leis em questão».

VILA DA FEIRA

Exportadores e Banca em reunião

PORTO, 24 — As demoras do Banco de Portugal no deferimento do pagamento das comissões aos agentes estrangeiro pode traduzir-se na perda de confiança e de mercados externos, afirmou ontem, em Vila da Feira, um exportador de calçado durante um encontro com técnicos e gestores da Banca. Aquele exportador salientava que aquela dificuldade orbiga por vezes ao desvio de verbas no destino, verbas que nos são devidas para pagamento de mercadorias exportadas, para não ter de demorar ainda mais o pagamento dessas comissões. No caso do calçado esta situação é particularmente importante, salientou-se ainda, dado que a perda dum agente externo significa também a perda da estação seguinte no mercado estrangeiro daquele produto.

Para além desta, outras questões foram levantadas, nomeadamente no campo da compra de máquinas e matérias-primas, durante o debate que se seguiu, à exposição das linhas de crédito postas à disposição dos exportadores, enquadradas na actual política económica e tendentes a promover as exportações e a conter as importações.

O encontro promovido pelo Banco Pinto de Magalhães, através da sua agência de Vila da Feira, reuniu, ontem à tarde, no salão nobre dos Paços do Concelho, cerca de uma centena de exportadores. Os técnicos e gestores daquela instituição bancária fizeram uma exposição das referidas linhas de crédito, esclarecendo as diversas modalidades e os termos da sua aplicação. Salientaram, a propósito, que esse apoio à exportacão cobre sucessivas fases de processo, desde o fabrico ou constituição de existências, à fase do crédito constituído sobre o importador estrangeiro.

O encontro reuniu exportadores de cortiça (3,5 milhões de contos em 1976), calçado (um milhão), madeiras, cerâmica, tapetes e cordoaria da região da Vila da Feira, onde existem importantes actividades económicas.

Inquérito no Metro

Quantas pessoas utilizam diariamente o Metro? E destas, quantas têm passe social? Estas são algumas das questões que fazem parte de um inquérito que a Empresa do Metropolitano leva a efeito a partir de amanhã e até 31 de Maio.

Este inquérito é semelhante a um outro efectuado há perto de quatro meses e que pretendeu que fosse obtida uma ideia sobre as estações mais frequentadas. Desta vez, o inquérito processar-se-á não unicamente às horas de «ponta». A Empresa do Metropolitano procura obter uma imagem o mais correcta possível da utilização daquele meio de transporte com vista a uma racionalização dos seus serviços.

CDL
CENTRAL DISTRIBUIDORA LIVREIRA

FEIRA DO LIVRO

edições Avante! | editorial CAMINHO | CDL

LIVROS DO DIA

40% DE DESCONTO

HOJE

CURSO BÁSICO DO COMUNISMO CIENTÍFICO (os 4 volumes)
Edições Avante ~~140$00~~ 85$00
NACIONALIZAÇÕES E CONTROLO DA PRODUÇÃO
Edições Opinião ~~25$00~~ 15$00
O MAOISMO EM PORTUGAL
Edições Sociais ~~30$00~~ 20$00
PAÍS DE ENQUANTO
Notícias da Amadora ~~40$00~~ 25$00

AMANHÃ

RELATÓRIO DO CC AO 1.º CONGRESSO DO P. C. CUBA
Edições Avante ~~50$00~~ 30$00
CIÊNCIAS SOCIAIS NA URSS
Novo Curso Editores ~~100$00~~ 60$00
ANDRÉ E A BOLA MARAVILHOSA
Neotema ~~30$00~~ 20$00

LIVRARIAS

ALGÉS – LIVRARIA POPULAR DE ALGÉS Parque Anjos lote 2 ● **BAIXA DA BANHEIRA** – LIVRARIA 1.º DE MAIO, Praceta Portugal ● **COIMBRA** – INTERLIVRO COIMBRA, Terreiro da Erva 6 ● **ÉVORA** – LIVRARIA POPULAR, BENTO JESUS CARAÇA, Rua Alcarcova de Baixo, 13 ● **FARO** – LIVRARIA POPULAR DE FARO, Rua 1.º de Dezembro, 13 ● **FIGUEIRA DA FOZ** – GALERIA DEGRAU, Rua Maestro David de Sousa, 99 ● **LISBOA** – INTERLIVRO, Rua Pedro Nunes, 9-A; LIVRARIA POPULAR DOS OLIVAIS, Rua Cidade Quelimane, 3-C, Olivais Sul ● **MARINHA GRANDE** – LIVRARIA 18 DE JANEIRO, Rua António Campos Júnior, 18 ● **PORTO** – LIVRARIA AVANTE, Rua de Aviz, 26 ● **SANTARÉM** – LIVRARIA CAMINHO, Rua Pedro Santarém, 41 ● **SETÚBAL** – LIVRARIA MUNDO NOVO, Avenida de Angola, 29-A ● **VILA FRANCA DE XIRA** – LIVRARIA SOEIRO PEREIRA GOMES, Rua Serpa Pinto, 77

CDL a distribuição

STAND AVANTE ● STAND CAMINHO ● STAND CDL

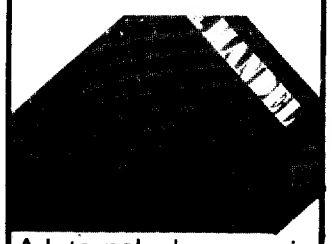
feira do livro 77
informação

STAND N.º 75
MFA, MOTOR DA REVOLUÇÃO PORTUGUESA
textos divulgados através do órgão do MFA, «O Boletim do 25 de Abril»
DIABRIL EDITORA
SOCIEDADE COOPERATIVA
~~120$00~~ 72$00

ULMEIRO livraria e distribuidora, lda.
avenida do uruguai, 13-a – lisboa
telef. 70 75 44
STAND N.º 59
OS CONDENADOS DA TERRA
de Frantz Fanon
Preço: ~~100$00~~ 60$00

CABRA

UM DOS BICHOS DE ABRIL

novidade
EDIÇÕES ANTIDOTO

A luta pela democracia Socialista na URSS
UM LIVRO POLÉMICO!
ESTAMOS NO STAND 57

LIVRO DO DIA
PAVILHÃO 84
A REVOLUÇÃO CULTURAL E A ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL NA CHINA
Charles Bettelheim

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

PORTUGÁLIA EDITORA, LDA
STAND 22
LÍRICAS PORTUGUESAS — III série — 1.º vol.
Jorge de Sena
COLECÇÃO PSICOLOGIA E PEDAGOGIA
À venda também na nossa Livraria da Rua Luciano Cordeiro - 81-C

EDITORIAL ESTAMPA
STAND – 45
GUIA PRÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO - FUNCIONAL
Preço de capa: 105$00
Preço de Feira: 83$00
STAND – 46
O TROTSKISMO
Preço de capa: 115$00
Preço de Feira: 69$00

Juan Carlos: "Reactivação do diálogo"

«Vivemos um momento excepcional para potenciar e estreitar as relações de toda a ordem que unem Espanha e Portugal, para multiplicar o conhecimento de cada um dos nossos países das realidades do outro» — disse o rei Juan Carlos num passo de discurso que ontem proferiu durante o banquete de gala do Palácio do Oriente. «Reactivação do diálogo» foi outra expressão usada pelo monarca espanhol, que entretanto aceitaria o convite do Presidente Ramalho Eanes para visitar oficialmente Portugal.

Eis o discurso de Juan Carlos:

«Alegramo-nos vivamente ao dar hoje as boas-vindas ao Presidente da República Portuguesa e sua esposa. Não pode haver ocasião mais grata nem acontecimento mais satisfatório para o rei de Espanha do que receber em Madrid, em nome do nosso povo, o mais alto representante de Portugal, nação irmã e a mais próxima, geográfica e historicamente.

«Honra-me, senhor Presidente que seja a Espanha o primeiro país que visitais oficialmente como Presidente constitucional de Portugal. Muito obrigado.

«Sob a vossa firme direcção, superados momentos incertos, Portugal estabeleceu a democracia e enfrenta o seu destino em paz e liberdade.

«O vosso espírito de servir, a vossa fidelidade militar ao dever, são proverbiais. Permaneceis muito perto do vosso povo e não quero ocultar-vos, senhor Presidente e querido amigo, a minha convicção de que esse é o guia seguro e único caminho que permite confiar no êxito.

«Diz-se que há fronteiras que separam. A nossa, atravessada por rios comuns, por montanhas que cruzam toda a Península e, finalmente, pelo vaivém humano de gentes que viveram durante milénios sobre o mesmo solo, parece que nos esteve marcando o âmbito de uma convivência estreita e positiva baseada no respeito recíproco.

Juan Carlos e Ramalho Eanes conversando durante a entrevista que mantiveram ontem num dos salões do Palácio Real (Telefoto Cifra/UPI/ANOP)

«Os dois Estados da Península Ibérica viveram, ao longo ds sua História, empresas paralelas e em ocasiões conjuntas de alcance universal, presididas por um mesmo ideal civilizador, o que será sempre para nós motivo de orgulho, mas foi sempre timbre fundamental de portugueses e espanhóis a vontade de afirmar a sua personalidade nacional diferente e contribuir para a civilização comum por caminhos que nem em todos os casos foram os mesmos.

«Talvez a configuração geográfica de cada país marcasse desde há muito esta diversidade que nos fez seguir rumos próprios e que no caso de Portugal assinalou uma tarefa que durou séculos e que um escritor português resumiu numa bela palavra: «Oceanidade».

«Não obstante, como filhos de um mesmo tronco original, cruzamo-nos com frequência nos nossos caminhos, fazendo-nos serviços humanos recíprocos que ficaram assinalados na nossa História.

«Senhor Presidente: A Espanha está a viver um momento importante. Sem rupturas, assumindo a totalidade da nossa História, construindo sobre o esforço de tantos compatriotas insignes que nos precederam, sentindo-nos uma nação jovem e nova que olha decididamente para o futuro. Nós, espanhóis, temos querido estabelecer uma democracia pluralista que permita um desenvolvimento integral e em liberdade da pessoa humana e que responda aos desejos e necessidades que hoje experimenta o nosso povo.

«Nesta tarefa encontramos-nos uma vez mais com Portugal e sabemos os esforços do vosso povo e do vosso Governo para edificar uma sociedade livre e justa que a todos atinja de bem-estar e prosperidade.

«Creio que vivemos um momento excepcional para potenciar e estreitar as relações de toda a ordem que unem Espanha e Portugal, para multiplicar o conhecimento de cada um dos nossos países das realidades do outro. A reactivação do diálogo destes dois grandes povos peninsulares e a concertação das nossas políticas nos campos da cultura, da economia e da técnica dão mais peso à integração da Península Ibérica nessa realidade superior que queremos que seja a Europa.

«Porque o objectivo comum das duas nações peninsulares é, sem dúvida, prestar a sua colaboração ao ideal de uma Europa unida, política e economicamente, na liberdade e no respeito pelas características de cada nação.

«Para a construção desta Europa de todos nós, povos peninsulares, poremos a contribuição do nosso universalimso tradicional, o que defenderam Francisco de Victória desde Salamanca e Francisco Suarez desde Coimbra, Diego de Sá e Miguel Soares da Ribeira, já que a fortaleza e prosperidade que desejamos para a Europa não são dirigidas contra ninguém, mas pelo contrário, pretendemos com elas oferecer uma cooperação aberta, generosa e em paz a todos os povos do mundo.

«É necessário também que o nosso diálogo peninsular sirva para projectar para a Ibero-América, que fala as nossas línguas, o estímulo, a presença e a colaboração destas suas duas nações irmãs que devem procurar cumprir também o destino de solidariedade a que são chamadas.

«Para tornar possível tudo isto, os nossos Governos terão de procurar com imaginação fórmulas que actualizem e potenciem essa desejada cooperação.»

Durante alguns momento Juan Carlos exprimir-se-ia em português, língua que domina correntemente, para dizer:

«Senhor Presidente: Peço licença para invocar agora, do fundo das gratas recordações da minha infância e adolescência, a imagem deste Portugal a que muito quero e que tanto significado teve e tem na minha vida. Percorri-o de lés-a-lés, por cidades, montes e vales, conheço e amo as suas gentes e são muitos os portugueses a quem dou, com verdade, o nome de amigo.

«A sinceridade deste conhecimento amistoso e profundo autoriza-me a dizer-lhe que o povo português e o povo espanhol desejam ao mesmo tempo duas coisas aparentemente contraditórias: por um lado, manter rigorosamente a sua independência, exercendo soberania indiscutível sobre os seus próprios interesses; por outro lado, aproximarem-se cada vez mais um do outro, aprofundando a intimidade que tão naturalmente se estabelece entre eles.

«Contudo, pensando um pouco, logo se vê que estes dois sentimentos não são contraditórios mas sim perfeitamente compatíveis. Por isso quero declarar aqui que é incumbência transcendente dos nossos respectivos Governos, estimular e articular tais sentimentos até que sejam inteiramente complementares. Creio ser este o grande desafio actualmente posto às duas grandes nações que partilham a Península Ibérica. Se soubermos enfrentá-lo e estabelecer entre nós uma genuína e fraterna cooperação, teremos dado a muitos outros países que, na Europa e fora dela, se encontram em situação análoga, um exemplo de boa fé, de atitude positiva e criadora ante os problemas que afligem a humanidade.»

A terminar, de novo em castelhano:

«Quero agora brindar, senhor Presidente, nesta casa espanhola que se honra em receber-vos, pela vossa felicidade pessoal e de vossa esposa, e pela prosperidade e ventura do povo português.»

PUB.

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

DIA 26.5.1977
PLENÁRIO EXTRAORDINÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os DELEGADOS SINDICAIS para um **plenário extraordinário** no dia 26 de Maio de 1977, pelas 21.30 horas na sede do SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, sita na Av. Visconde de Valmor, 34 - 2.º em Lisboa, com a seguinte

ORDEM de TRABALHOS:

- Intermitências
- Proposta-Lei 27/1 sobre dominação do sector público e privado
- Controlo Operário

Chamamos a atenção de todos os delegados para o facto do patronato neste momento estar a tentar impôr o regime de 12 horas ao serviço pagando só 9 horas. É portanto extremamente urgente que levemos à prática acções contra estas medidas.

- NÃO FALTES!
- PARTICIPA COMO ELEMENTO RESPONSAVEL QUE ÉS PERANTE OS OUTROS TRABALHADORES!

Lisboa, 23 de Maio de 1977

Pela Direcção

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Ramalho Eanes: "Reencontro multifacetado"

«Pela nossa parte seria (...) absurdo que, encerrado o ciclo do Império e regressados à Península, não procurássemos vias duradouras para o estreitamento das relações com a Espanha» — declarou em substância o general Ramalho Eanes no discurso com que respondeu ao do rei Juan Carlos. «Trata-se de um reencontro multifacetado» — disse também o chefe do Estado Português, cujas palavras reproduzimos de seguida:

«Majestade:

Foi com grande prazer que minha mulher e eu próprio aceitámos o convite de Vossas Majestades para visitar a Espanha.

É-nos grato referir o facto de a primeira visita oficial do Presidente da República Portuguesa ser a grande nação vizinha de Portugal. Desde a origem que as duas nações ibéricas tiveram destinos paralelos, nas vicissitudes e na glória, na grandeza e na infelicidade. Da reconquista cristã às transformações que tivemos, nunca a sua História se separou de forma marcante. Juntos fizemos da Península terra cristã e ao mesmo tempo partimos à descoberta de novos mundos. Da Espanha e de Portugal sairam aqueles que levaram a civilização europeia a todo o Universo — conhecido e desconhecido. De Espanha e de Portugal sairam os santos e os guerreiros que, com profundo sentimento de missão, lançaram os fundamentos da unidade humana e da personalização moral do Ocidente. São Francisco Xavier, Santo Inácio de Loyola, Hernan Cortez ou Juan Sebastian del Cano são vultos que os Portugueses respeitam como apóstolos sociais que descortinaram novos horizontes.

Mesmo nos longos anos em que os nossos dois países eram potências universais, os inevitáveis conflitos não destruiram os valores da sua fraternidade, E, desaparecidos, no princípio de oitocentos, os motivos da rivalidade, o que nos ligava sobrepôs-se ao que nos separava. A cultura, primeiro, porque nenhum português se considerará verdadeiramente estrangeiro ao entrar na catedral de Santiago de Compostela, ao ler Cervantes ou ao olhar as telas de Velasquez. E, depois uma vez mais, a evolução da nossa vida colectiva: de há um século e meio que, no caminho difícil, mas irreversível de uma sociedade livre e próspera, Espanha e Portugal com frequência se encontraram nos bons e nos maus momentos. Isso nos obriga a permanecer fiéis a tudo o que nos criou e nos aproximou.

Pela nossa parte, seria, na verdade, absurdo que, encerrado o ciclo do Império e regressados à Península, não procurássemos vias duradouras para o estreitamento das relações com a Espanha.

Trata-se de um reencontro multifacetado. Por um lado, porque as recentes mudanças dos nossos dois países dão, hoje, um sentido diferente a essas relações. Por outro lado, porque, ao contrário do que por vezes sucedeu, os propósitos que animam os nossos Governos transcendem as declarações de intenção — que poderiam esconder meros reflexos de imobilismo — e levam em conta a tendência dinâmica, democrática e descentralizadora, das nossas respectivas administrações, cabendo-nos procurar e encontar a eficácia que dê vida à solidaridade que desejamos. É esse desafio que deveremos enfrentar, juntos, com os olhos postos no futuro.

Majestade:

As grandes linhas do Portugal renovado, que represento, estão traçadas e a consequente e necessária acção complementar será desenvolvida. Essas grandes linhas são a integração social e económica na Europa, a participação nos esquemas integrados na defesa europeia e a permanência da vocação universal do nosso povo, traduzida na cooperação com os outros povos de expressão portuguesa espalhados pelo Mundo. Nesta nova e exaltante tarefa, estreitaremos a colaboração com a Espanha por considerarmos os nossos países como interlocutores privilegiados no diálogo com as Américas, a África e o Oriente. Nação una e soberana, Portugal busca, agora, a plenitude das suas relações com a grande nação espanhola como parte coerente do seu projecto universalista e de integração numa Europa mais justa, mais forte e mais livre — o que pressupõe uma Península Ibérica também mais forte, mais livre e mais justa.

Acreditamos que tudo isto é possível. Embora os tempos modernos se apresentem confusos e incertos, sempre os espanhóis e os portugueses procuraram, com notável persistência, a verdade da Pátria, a verdade da cultura e a verdade do indivíduo. Essas três afirmações constituem o traço mais forte que nos une, e não hesita o Presidente da República Portuguesa em realçar o que o rei de Espanha disse um dia: A Pátria é uma empresa colectiva que a todos compete e o respeito pela própria história é o carácter dominante das grandes nações onde a liberdade, a ordem e a justiça mais resplandecem.

Majestade:

Foi Ortega y Gasset — cuja intuição do efémero e do eterno sensibilizou tão acentuadamente os portugueses — quem nos disse que a vida é cada vez melhor, mas, bem entendido, cada vez mais difícil.

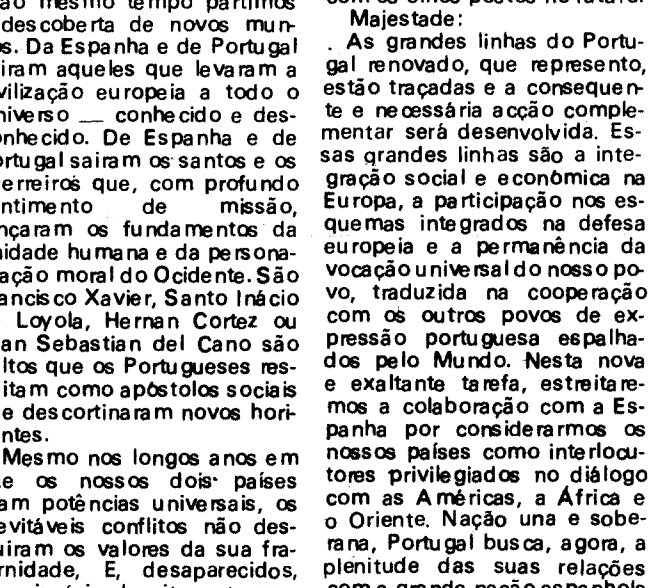
Qual é a realidade dos nossos dias? A de que a existência do homem médio é agora constituída pela experiência vital que caracterizava, noutras épocas, somente as minorias culminantes. E o destino que nos compete é o de compreender o nosso tempo e as suas voragens para que possamos fazer doutrina e tirar de tudo quanto acaba um novo princípio — desta vez presságio de justa repartição do bem comum, de paz e de liberdade.

Estou certo, e estão certos os portugueses, de que a vontade do povo espanhol e do seu Governo vai ao encontro dessa realidade e dessa evolução democrática onde vós já desempenhastes e, por certo continuareis a desempenhar papel de grande vulto. Julgo ter ficado, assim, bem claro que Portugal — sem interferir nos problemas internos da Espanha — pretende afirmar, com a minha presença, neste momento, antecipando-se a circunstancialismos políticos, o desejo de colaboração com a Espanha, independentemente dos regimes estabelecidos, dentro da garantia da defesa dos Direitos do Homem e do respeito pela soberania dos outros povos.

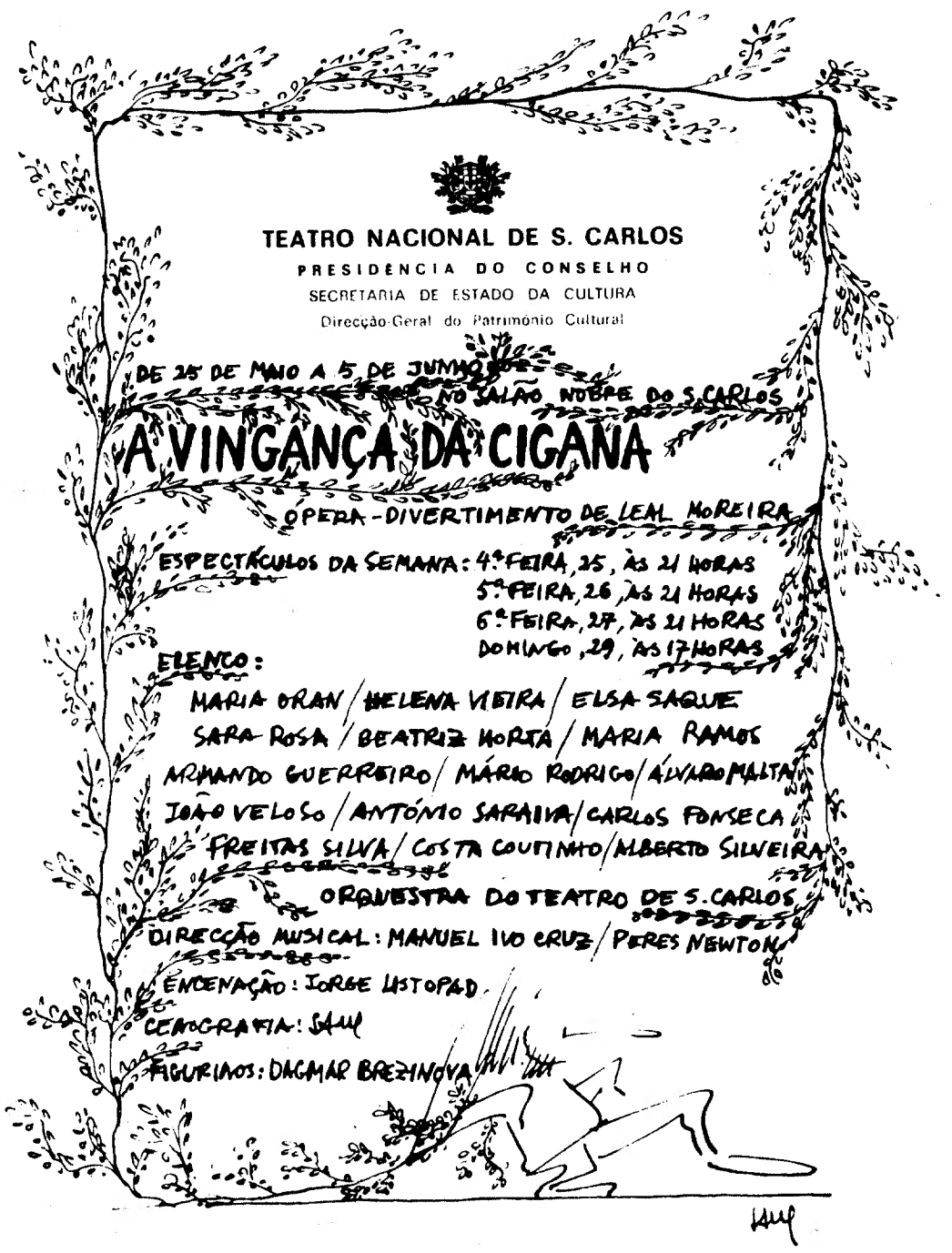
A História do passado, a consciência do presente e a esperança do futuro fazem de Espanha e de Portugal mais do que habitantes de um espaço geográfico que o mar limita — esse mar que foi uma estrada — a estrada que nos levou para lá dos horizontes do homem europeu — dois povos irmanados por interesses afins, vulneráveis aos mesmos riscos, carregados de uma História que se entrecruza ao sabor de rivalidades de momento e se alimenta por vezes por marcadas diferenças de temperamento e de acção, para logo se identificar ao nível dos valores mais altos.

«Ao agradecer a vossas-Majestades, em meu nome e no de minha mulher, o convite para a visita oficial a Espanha que hoje se inicia e a cordialidade do acolhimento que nos é dispensado em Madrid, sinto o orgulho de poder trazer ao povo espanhol, aos seus monarcas e ao seu Governo, as saudações fraternas do povo português e formulo os mais sinceros votos de que o reinado de vossa Majestade fique iluminado pelos ideais que lhe marcou e de que a evolução em curso é já penhor e garantia.

Peço a todos que me acompanhem num brinde pelas felicidades pessoais de suas Majestades o rei Don Juan Carlos e a rainha Dona Sofia, e pela prosperidade e feliz destino do povo de Espanha.»



O Presidente da República Portuguesa cumprimentando o Primeiro-Ministro espanhol à chegada ao Palácio Real



PUB.

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA
SECRETARIADO GERAL DO SECTOR DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR

CONVOCATÓRIA

COLEGAS

O MEIC após

–ter fechado o 1.º ano de Biomédicas de Coimbra

–ter mandado encerrar, pela polícia, o ISCSP

–ter suspenso dezenas de cursos do ensino superior

–ter tentado obrigar os candidatos a psicologia a fazerem testes, sem hesitar, para isso em utilizar o Governo Civil e as forças policiais

–ter mandado matraquear, pela polícia os estudantes no Porto e em Coimbra

–ter chamado «democratas» aos legionários e denunciantes

–ter chamado «fascistas» aos estudantes e professores

–ter retirado a «habilitação própria» para o CPES/ES aos licenciados e bacharéis em Geografia Antropologia e Ciências Sociais e Políticas, Farmácia, Teologia, Economia e derivados de Filologia Clássica, Românica e Germânica.

O MEIC acaba de: EXTINGUIR O ISCSP!

Ou seja tentar

–atirar para o desemprego todos os professores do ISCSP!

–anular anos de estudo a todos os estudantes do ISCSP!

–liquidar um instituto que tinha cursos inexistentes no resto do país.

Nenhum professor pode aceitá-lo!

–NEM UM SÓ DESPEDIMENTO! HOMOLOGAÇÃO DE TODOS OS CONTRATOS E GARANTIAS ESCRITAS DA SUA RENOVAÇÃO PARA TODOS OS PROFESSORES DO ISCSP!

–GARANTIAS ESCRITAS PARA TODOS OS ESTUDANTES DOS ISCSP, DE RECONHECIMENTO DAS CADEIRAS FEITAS E DO PROSSEGUIMENTO DOS CURSOS!

– REABERTURA IMEDIATA DO ISCSP!

– HOMOLOGAÇÃO DE TODOS OS CURSOS SUSPENSOS! GARANTIAS ESCRITAS DE RENOVAÇÃO DOS CONTRATOS DE TODOS OS DOCENTOS DO ENSINO SUPERIOR!

COLEGAS! CHEGOU O MOMENTO DE DIZER BASTA!

Somos milhares os atingidos por todas estas medidas!

PARA OBRIGAR O MEIC A RECUAR

PARA DECIDIRMOS, EM CONJUNTO, A FORMA DE LUTA A ADOPTAR PARA OBTERMOS SATISFAÇÃO DAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES

TODOS AO PLENÁRIO

Sexta-feira, dia 27 de Maio, às 21.30 horas no Anfiteatro de Física da Faculdade de Ciências.

O.T: 1) Análise da situação
2) Forma de luta a adoptar

Lisboa, 23 de Maio de 1977.

Pelo Secretariado do Sector

(Ilegível)

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

PUB.

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa
CONVOCATÓRIA
A todos os professores do CPES/ES

O MEIC acaba de impedir o acesso ao estágio – única via de profissionalização – baixar 2 letras nos vencimentos e retirar o direito à recondução a milhares de professores, bacharéis e licenciados, em História-Geográficas, Geografia, Antropologia, Ciências Sociais e Política, Farmácia, Teologia, Economia e derivados de Filologia Clássica, Românica e Germânica!

– O MEIC pede ao Sindicato dos Professores que se pronuncie sobre a «eventualidade» de que para o próximo ano lectivo não haja direito à recondução para cerca de 77% dos professores do CPES/ES (todos os que não são efectivos, agregados ou estagiários!)

– O MEIC acaba de reduzir 1/3 o número de vagas de estágio ao mesmo tempo que limita aos «professores menores de 55 anos» a possibilidade de acesso ao estágio!

Colegas.

Se estas medidas forem aplicadas, elas criarão uma situação ainda mais intolerável para nós professores.

É inaceitável que todas as nossas habilitações conseguidas após tantos anos de estudo e sacrifício sejam brutalmente postas em causa!

É inevitável que milhares e milhares de estudantes, a meio dos seus cursos, vejam já no horizonte a perspectiva do desemprego quando os terminarem!

É inaceitável que no próximo ano lectivo tenhamos ainda uma maior instabilidade de emprego e de colocação do que este ano!

É inaceitável que o acesso à profissionalização seja ainda mais drasticamente reduzido do que aquilo que tem sido até hoje!

Nós, professores, não podemos aceitar estas medidas do MEIC.

Somos várias dezenas de milhares os atingidos por elas.

Todos juntos somos uma força capaz de fazer recuar o MEIC nos seus desígnios, na aplicação dos seus despachos.

Vem ao Plenário do CPES/ES que se realiza na próxima sexta-feira, dia 27 de Maio, às 21h com a seguinte OT

1.1 – Reconduções
1.2 – Habilitações próprias (despacho 113/77 de 6 de Maio)
1.3 – Limitações ao acesso ao estágio
2 – Formas de luta a adoptar

TODOS AO PLENÁRIO DA REITORIA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Da tua participação depende a força e por isso a eficácia daquilo que se decide.

NOTA – Apelam-se todos os estudantes dos cursos universitários designados no 1.º parágrafo desta convocatória a estarem presentes no Plenário como observadores.

Lisboa, 23 de Maio de 1977

Pela Direcção
Margarida Sousa

LISTA A DOS PORTUÁRIOS

"Uma autêntica unidade de esquerda"

. A criação de um quadro único por organismo é uma das tarefas prioritárias constantes do Programa de Acção da «Lista A», candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Administrações e Juntas Portuárias, eleições marcadas para o próximo dia 26.

A lista apresenta-se com a sigla «Por um Sindicato Unitário ao Serviço dos Trabalhadores» e «corresponde, na sua constituição, a uma autêntica unidade de esquerda, sem quaisquer hegemonias partidárias» — conforme foi sublinhado ontem à tarde, em conferência de Imprensa.

Defendendo uma política portuária a nível nacional, ao serviço do país e da recuperação da economia («nunca à custa dos trabalhadores»), a «Lista A» considera que, «em relação a todo o sector, todas as disparidades que se verificam, caso das Juntas em relação às Administrações, caso de todos nós em relação aos restantes trabalhadores do sector portuário, fora do regime da Função Pública, só poderão ser resolvidas através de uma avaliação de funções, criação do já referido quadro único por organismo e a aprovação de um contrato colectivo de trabalho que contemple a especificidade do nosso sector em relação à generalidade da Função Pública».

OUTROS OBJECTIVOS

Actualização das reformas em conformidade com o aumento de vencimentos dos trabalhadores no activo é outro dos pontos defendidos pela «Lista A». O apoio à terceira idade, segundo os proponentes da lista, devia passar, em certos sectores onde o desgaste sofrido é maior, pelo encurtamento da idade da reforma.

«Por outro lado, o leque salarial deve ser reduzido. Não se pode admitir que, para o mesmo trabalho, haja vencimentos que chegam a variar ao nível de dois três contos — lembrou um dos elementos da mesa da conferência de Imprensa. Por isso — continuou — «lutaremos por uma correcta avaliação de funções e consequente reajustamento salarial, sem prejuízo da reclassificação de carreiras e do Estatuto da Função Pública».

Um pormenor a que foi dado especial relevo: continua a haver trabalhadores com o estatuto de tarefeiros que, para receberem as pensões da Caixa, têm previamente de entregar lá os descontos que o seu contrato de trabalho não previa. Existindo alguns com 20 a 30 anos de serviço, chegam a ter de pagar, primeiro, descontos acumulados que atingem os 60, 70 contos, se quiserem ter a sua pensão. «Propomo-nos, na medida do que nos for possível, acabar com esta, como com todas as flagrantes injustiças salariais e sociais, algumas gritantes, como a que foi referida» — acrescentou um dos candidatos da «Lista A».

«Por outro lado, bater-nos-emos para que nenhum trabalhador seja mandado para o Quadro Geral de Adidos e que qualquer reestruturação dos Serviços que implique mudança de pessoal não possa ser feita sem a participação dos trabalhadores» — lê-se no Programa de Acção.

A «Lista A» é apresentada pela Comissão Administrativa Provisória e propõe-se aprofundar e desenvolver o fecundo trabalho da última.

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Administrações e Juntas Portuárias tem neste momento inscritos, de Viana do Castelo aos Açores, cerca de 4500 trabalhadores. Só terão direito a voto, nestas eleições, aqueles que figuravam nos cadernos eleitorais até ao prazo legal. São cerca de 2600.

Se eleita, a «Lista A» declara que não apoiará nem a «Carta Aberta» nem a Intersindical, mas que se baterá contra qualquer tentativa de criação de uma Central Sindical paralela. «Isso seria dividir os trabalhadores, seria fazer o jogo dos que da divisão aproveitam: os detentores do capital, apostados em recuperar privilégios antigos».

Patrão da Auto-Reconstrutora vira carro contra operários

Ao volante de um poderoso Mercedes, o recém-regressado administrador da Auto-Reconstrutora do Barreiro atropelou dois trabalhadores à porta da empresa, na passada quinta-feira, num acto que os organismos representativos do pessoal qualificam como uma «clara tentativa de homicídio».

Na ocasião os trabalhadores pretendiam deter o carro, para indagar do seu conteúdo, havendo o receio de que o (antigo) patrão se aproveite do encerramento provisório da empresa para desviar materiais «comprados com o sacrifício dos trabalhadores». Segundo estes, o administrador não só se recusou a parar, como «investiu com alta velocidade», atingindo dois trabalhadores, um dos quais recolheu ao hospital bastante ferido.

A vítima participou o facto à polícia, supondo-se que já teriam começado as averiguações. Idêntico comportamento teria sido seguido pelo condutor do Mercedes, a acreditar num vespertino que se diz «socialista, pluralista e independente». Na queixa apresentada o patrão teria invocado tentativa de linchamento...

Entretanto, a empresa continua encerrada «para férias», situação esta que o próprio Ministério do Trabalho já declarou ser ilegal, envolvendo o levantamento de um auto que pode implicar multa no valor de alguns milhares de contos. Os trabalhadores mantiveram-se paralisados desde a devolução daquela empresa intervencionada à antiga administração, em Abril. Desde o encerramento da Auto-Reconstrutora, que motivou uma violenta intervenção policial contra o povo do Barreiro, os trabalhadores acamparam em frente da empresa com o manifesto propósito de impedir o desvio do seu património.

Num comunicado agora distribuído pelos seus órgãos representativos pode ler-se: «Os trabalhadores da ARB continuam firmes na sua justa luta e não abdicam dos seus direitos, venha quem vier: polícia ou Governo, patrões ou assassinos». E, a propósito, perguntam: o patrão, depois dos incidentes de quinta-feira, continuará em liberdade?

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

Mobílias e móveis soltos de estilo e modernos por elementos, estofos, loiças, carpetes, alcatifas, vidros, quadros, cristais, objectos decorativos, etc.

PARA HABITAÇÃO:
MOBILIÁRIO AÇO, MADEIRA E MÁQUINAS
PARA ESCRITÓRIOS;
ELECTRODOMÉSTICOS
PARA RESIDÊNCIAS, LOJAS, ETC.
E MUITO MATERIAL ELÉCTRICO PARA RECUPERAÇÃO
Máquinas e utensílios para indústria hoteleira
ARTIGO NOVO E USADO, IMPORTANTE
LEILÃO
DAS ESPECIALIDADES EM EPÍGRAFE, VENDEREMOS PELA MAIOR OFERTA E SEM BASE DE LICITAÇÃO
AMANHÃ 4.ª F.ª e SEGUINTES ÀS 15 Hs.
AV. CASAL RIBEIRO, 17-B

SENDO TAMBÉM VENDIDO MUITO MOBILIÁRIO ADORNOS E UTENSÍLIOS USADOS e elecrodomésticos novos semidesmontados ou incompletos para recuperação.

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ, DAS 10 ÀS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, Lda

PUB.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE AVEIRO
SEDE EM RIOMEÃO

GRANDE JORNADA DE LUTA!

QUINTA-FEIRA, DIA 26 DE MAIO ÀS 17 HORAS

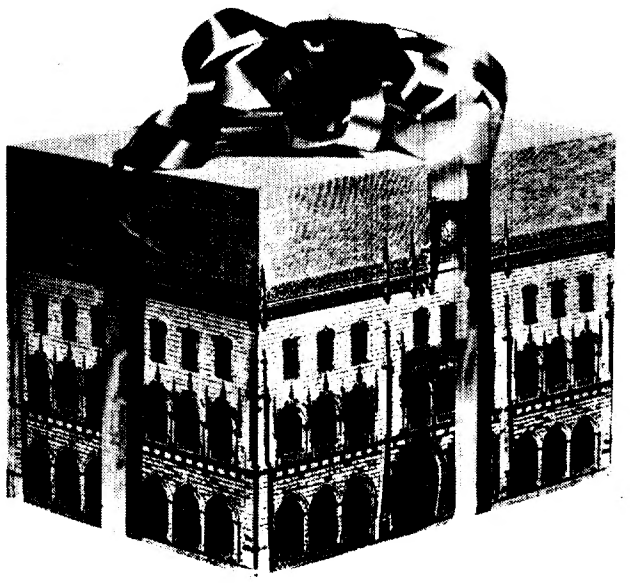
Concentração em Aveiro junto à estação de caminho de ferro e manifestação pela Avenida Dr. Lourenço Peixinho em direcção à Delegação do Ministério de Trabalho.

METALÚRGICO:
- Comparece! Luta pela tua dignidade profissional e o pão dos teus filhos!
- Contra a despromoção profissional!
- Contra a recuperação capitalista!
- Não aos salário de miséria!
- Não ao separatismo!
- Contra a legislação antioperária!

UNIDOS LUTAREMOS!
UNIDOS VENCEREMOS!

O Presidente da Direcção,
Carlos de Oliveira Alves Marçal

Na velha Estação do Rossio... uma surpresa para si!



Um novo Centro Comercial. Aqui mesmo.
Tudo o que você pode comprar.
A qualquer hora.
Mais de 100 lojas. Pronto-a-vestir.
Sapatarias. Cabeleireiros. Farmácia. Livraria.
Discoteca. Tabacarias. Fotocópias. Brinquedos.
Ferramentas. Utilidades.
Etc. Etc. Etc.
E ainda — brevemente! Cinema e Restaurante!
Um Centro Comercial moderno.
Aberto todos os dias.
Das 8 h da manhã às 2 h da madrugada.
5 pisos com acessos por escadas rolantes,
a dois passos do Metro.
Mais um serviço público, iniciativa da CP.

Agora, no caminho das suas compras

Terminal
Centro Comercial do Rossio

Em ARMAÇÃO DE PERA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

Entre Governo e sindicatos quem tem razão no caso Siemens?

O caso da multinacional Siemens, onde despedimentos têm vindo a registar-se, a par do que tem acontecido noutras multinacionais do sector eléctrico e electrónico e não só, dá a maior actualidade à «polémica» que hoje regressa às nossas páginas.

De facto, depois da contestação da política que até agora tem sido seguida pela Secretaria de Estado da População e Emprego (particularmente através da Direcção-Geral de Promoção do Emprego), este departamento oficial sentiu-se na necessidade de «esclarecer» a situação naquela empresa.

Sendo de salientar que nesta nota oficiosa a responsabilidade final da política seguida, no caso concreto da Siemens, é atribuída ao secretário de Estado da Política e Emprego, deve ter-se em conta que todo o processo é marcado por acusações que vão até aos «intuitos políticos não confessáveis».

Por seu turno, o Sindicato dos Electricistas do Sul, ao tomar conhecimento do esclarecimento oficial, retomou as acusações antes feitas e colocou algumas outras questões cuja importância é inútil realçar.

Pela nossa parte esperamos que o esclarecimento do que se passa, por uma e outra parte, vá até ao fim, tendo em vista a importância que as multinacionais tiveram, têm e terão (tudo o indica) no nosso País.

NOTA OFICIOSA

Sobre o caso da Siemens divulgou a Secretaria de Estado da População e Emprego a seguinte nota oficiosa:

...«A Secretaria de Estado da População e Emprego dada a deformação intencional dos factos, que alguns comunicados inseridos em órgãos da imprensa diária têm traduzido, julga necessário vir esclarecer a opinião publica e a generalidade dos trabalhadores repondo a verdade e repudiando os termos insultuosos que lhe têm sido dirigidos, particularmente pelos signatários das cartas, telegramas e comunicados da direcção do Sindicato dos Electricistas do Sul.

1 — A administração da Siemens dirigiu-se à Secretaria de Estado da População e Emprego, solicitando que fosse elaborado um acordo que lhe permitisse uma redução do horário de trabalho, por um período de tempo determinado, em virtude de não poder assegurar o escoamento duma parte dos seus produtos, o que punha em risco a manutenção dumas dezenas de postos de trabalho nas suas fábricas em Évora:

2 — Face à grave situação que se avizinha, a Secretaria de Estado da População e Emprego na defesa dos interesses dos trabalhadores, que hoje, mais do que nunca consideram em primeiro lugar a manutenção dos postos de trabalho, elaborou um projecto cuja estrutura básica foi apresentada aos delegados sindicais da Siemens, para apreciação e discussão das regras e condicionalismos de aplicação e controlo. Os delegados sindicais, obedecendo obviamente a determinantes políticas optaram pela refutação total do acordo, indiferentes à situação real existente e às concretas perspectivas de aumento de postos de trabalho que o acordo abre:

3 — O acordo na sua forma final, cria um regime transitório até 31 de Dezembro deste ano que reduz o tempo de trabalho de «dois dias por mês», a firma compromete-se a investir neste período um total de 42 mil contos assegurando a ocupação dum volume de mão-de-obra nunca inferior ao actualmente existente, além de outras reais garantias mencionadas no articulado integral do acordo que está patente na Direcção-Geral da Promoção do Emprego a quem o queira consultar;

4 — Para compensar os dois dias de suspensão de trabalho foi criado um fundo de compensação salarial que, para um salário médio de seis mil escudos corresponde a uma redução salarial de cerca de 35 escudos por mês. Os trabalhadores e seus familiares mantêm todos os benefícios, como seguro, abonos de família, subsídios de férias, etc., correspondentes ao salário integral;

5 — O acordo mereceu, apesar de se terem feito, seis plenários de trabalhadores, a concordância da larga maioria dos trabalhadores que, conscientes dos seus direitos e interesses, depois de esclarecidos se recusaram a aderir aos desejos de uma minoria que os pretendia lançar em termos demagógicos contra o Governo em detrimento duma política concreta de manutenção e aumento de postos de trabalho e de recuperação económica do País.

Foi a elevada consciência, espírito de luta e perseverança da maioria dos trabalhadores da Siemens de Évora, que deram todo o seu apoio à acção dum grupo de trabalhadores da empresa que promoveu o esclarecimento de todos sobre o real alcance do acordo em discussão, que permitiu vencer mais esta batalha contra o desemprego.

Só a má-fé ou intuitos políticos não confessáveis podiam levar a repudiar as condições do acordo firmado e estamos certos que, se os trabalhadores filiados no Sindicato dos Electricistas do Sul tivessem conhecimento dos termos usados para a pseudo defesa dos seus interesses pela direcção do seu Sindicato, pelo menos, ficariam indignados.

Resta afirmar que o director-geral da Promoção do Emprego procedeu sempre de acordo com as instruções que lhe foram dadas pelo secretário de Estado.»

RESPOSTA

...Em resposta a esta nota oficiosa a Direcção do Sindicato dos Electricistas do Sul tornou público o seguinte comunicado:

«Publicou a Secretaria de Estado da População e do Emprego uma «nota oficiosa» onde além de tentar justificar os acordos que faz com o imperialismo, na circunstância com a administração da multinacional Simens, ataca também os representantes dos trabalhadores da Siemens/Évora e a Direcção do Sindicato dos Electricistas do Sul.

Para esclarecimento da opinião pública bem como para a denúncia de todas as ilegalidades e arbitrariedades que a SEPE tem cometido é importante que se saiba:

1 — Desde o princípio de 1976 que a multinacional Simens tem vindo a despedir trabalhadores das diversas unidades de produção, num processo que bate todos os recordes do desrespeito pela lei, pela Constituição, pelo direito ao trabalho e sempre com o acordo conivente da SEPE.

2 — Assim, uma unidade fabril completa (Electrónica/Sabugo) encerrou com o despedimento de cerca de 600 trabalhadores, tendo havido centenas de despedimentos nas outras unidades (Indelma, Évora, Serviços Comerciais).

3 — O método inicialmente utilizado foi o de criar um clima de coacção ao fim do qual se oferecia aos trabalhadores indemnizações superiores às da lei, o que além de ser uma fuga descarada ao processo legal de despedimento colectivo é o suborno para o desemprego. Isto é, com o acordo do Governo a Siemens financia o aumento do exército de desempregados enquanto o mesmo Governo continua a não permitir que pela contratação os sindicatos imponham indemnizações mais elevadas do que a lei prevê.

4 — Como e apesar de tudo, 113 trabalhadores sempre recusaram aquilo a que a SEPE chamou «despedimento voluntário», viu-se então a administração da Siemens obrigada a enveredar pelo processo legal do despedimento colectivo.

5 — Neste despedimento colectivo, que veio a ter a autorização do Ministério do Trabalho, (e do qual este Sindicato irá recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo) são tantas as irregularidades a que a SEPE «fechou os olhos» que seria fastidioso a sua enumeração.

A título de exemplo citamos:

...os prazos da lei não foram respeitados, havendo trabalhadores que legalmente e na pior das hipóteses teriam trabalho, até 14 de Junho e neste momento já se encontram no desemprego;

...as comunicações aos trabalhadores a despedir não foram, na grande maioria dos casos, feitas;

...**nenhuma averiguação dos fundamentos do motivo de despedimento apresentados pela Siemens foi feita pela SEPE** (tal como a lei obriga);

...enquanto a pormenorizada e fundamentada contestação dos trabalhadores foi considerada pela SEPE como «irrelevante», a SEPE não «mexeu uma palha» para tentar minimizar ou anular os despedimentos (tal como a lei obriga);

...**um acordo assinado pela Siemens, pelo Ministério do Trabalho e pelos trabalhadores, onde aquela empresa multinacional se comprometia a garantir 100 postos de trabalho na Electrónica/Sabugo foi escandalosamente espezinhado pela SEPE e pelo próprio ministro do Trabalho ao permitir os despedimentos naquela unidade de produção.**

MANOBRA

6 — É na sequência de todo este processo que nada dignifica os órgãos governamentais que surge a manobra da Simens/Évora que agora veio a motivar a «Nota Oficiosa» da SEPE.

a) Nesta unidade fabril, foi posto aos trabalhadores sem qualquer hipótese de discussão um «acordo» para a redução de dois dias por mês;

b) Este acordo mereceu o repúdio expresso em votação directa e secreta dos trabalhadores;

c) Assim, a Comissão Intersindical da fábrica e os sindicatos iniciaram as suas diligências para averiguar dos fundamentos da necessidade de redução de laboração fabril ao mesmo tempo que exigiam o seu direito de participação de facto num eventual acordo que se tivesse de fazer. É, portanto, falso que os delegados sindicais tenham «refutado totalmente o acordo», mas sim a política do facto consumado que lhes foi imposta pela Siemens/SEPE, bem como a sua participação num «acordo» que seria bom que a SEPE explicasse ao abrigo de que lei foi feito;

d) Perante a recusa dos trabalhadores, deslocou-se a Évora o director-geral da Promoção do Emprego, sr. Nolasco (já sobejamento conhecido pelos patrões das multinacionais — Signetics, Blandy Brothers, etc.), que promoveu com a administração um plenário onde além do insulto e ameaças pôs aos trabalhadores a alternativa: **Ou aceitam a redução de dois dias ou o Governo autoriza despedimentos;**

e) Nestas circunstâncias e promovida não se sabe muito bem por quem (mas calcula-se), realizou-se nova «votação» a todos os títulos duvidosa donde foi «apresentado» resultado diferente da primeira votação (esta, sim, democraticamente controlada);

f) Como nestas condições os delegados sindicais se recusassem a assinar tal «acordo» que lhes era imposto, entraram a SEPE/Siemens, numa das mais baixas manobras, aceitando para assinarem o «acordo», pelos trabalhadores, três chefes que nada nem ninguém representam.

Seria bom que a SEPE na sua «Nota Oficiosa» tivesse esclarecido:

1.º — Todas as irregularidades e ilegalidades com que é conivente nos anteriores despedimentos;

2.º — Como é que havendo um acordo que garante 100 postos de trabalho na Electrónica/Siemens, esta fábrica se encontra fechada?;

3.º — Que neste «acordo de Évora» é a SEPE que vai pagar com o dinheiro do Povo português a redução de laboração, ou seja um flagrante caso de recuperação capitalista à custa dos trabalhadores;

4.º — Qual a lei que dá cobertura a este género de reduções de laboração e se foi cumprida?;

5.º — Qual a lei que permite ao sr. Nolasco promover plenários de empresa?;

6.º — Qual o órgão dos trabalhadores que controlou a segunda votação?;

7.º — Como e onde foram descobertos «representantes» (?) dos trabalhadores que assinaram por esteso «acordo», dado que os legítimos representantes o não fizeram?;

8.º — Que averiguações foram feitas pela SEPE para analisar a situação concreta existente e as concretas perspectivas de aumento de postos de trabalho? Ou será que a palavra da Siemens continua a permitir prescindir da lei?;

9.º — Se a promessa de que este «acordo» não resulta «prejuízo de qualquer tipo de benefício social» que sendo igual à anterior promessa de outro brilhante acordo feito pela SEPE como outra multinacional — General Instruments Lusitana — é para cumprir já que os trabalhadores da GIL ficaram só com a promessa e actualmente recebem apenas 60 por cento dos benefícios por que de facto a SEPE também esta promessa não cumpriu?!

Diz a «Nota Oficiosa» da SEPE que o «esclarecimento permitiu vencer mais uma batalha contra o desemprego». Gostávamos de saber quais foram as outras e se por acaso alguma foi na Siemens.

O tempo dirá se mais uma vez e recorrendo à baixa manobra da divisão dos trabalhadores, tentando rotular partidariamente os delegados sindicais a SEPE está ou não a abrir as portas a mais despedimentos, desta vez em Évora.

É que o caso da Electrónica/Siemens é um exemplo confrangedor!

A Direcção do Sindicato dos Electricistas do Sul repudia e devolve a «má-fé» e os «intuitos políticos não confessáveis» que a SEPE nos dirige e recomenda uma leitura mais atenta à (má) legislação em vigor e à Constituição da República...

Quanto a nós, não prescindimos da denúncia desta natureza, da defesa da Constituição, da democracia e dos direitos e conquistas dos trabalhadores.»

NA RTP

Direito de antena continua esquecido

— assinalam os sindicatos

A omissão dos tempos de antena para o Movimento Sindical no novo mapa de programação da RTP constitui, segundo a CGTP-Intersindical Nacional, «um facto grave».

O secretariado da central sindical fez saber aos órgãos do Poder que está na disposição de lutar pelo reconhecimento do direito de antena, consagrado constitucionalmente, «enquanto um poderoso órgão de comunicação de massas como é a RTP não cumprir as responsabilidades que lhe cabem num regime democrático que visa a transição para o socialismo, mediante a criação de condições para o exercício democrático do Poder pelas classes trabalhadoras». Bem pelo contrário, com «frequência inquietante», a televisão «dá cobertura e propagandeia as actividades das forças sociais e políticas que são contrárias à Constituição e ao espírito do 25 de Abril».

Constata ainda a CGTP-Intersindical que, no domínio da informação sindical, a RTP acolhe «todos os que, declarada ou veladamente, estão empenhados na destruição da unidade organizativa dos trabalhadores e na implantação do pluralismo sindical», mas **«esquece»** factos e realizações dos trabalhadores e das suas organizações de classe, de que se podem dar exemplos quase quotidianos».

Para a central sindical a concretização do direito de antena constituirá «um poderoso meio de esclarecimento do nosso povo e de defesa das liberdades democráticas» e traduz uma aspiração constante do caderno reivindicativo aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos, onde estiveram representados mais de 80 por cento dos trabalhadores portugueses sindicalizados.

DURANTE A TARDE

Metalúrgicos analisam conflito

«Os trabalhadores metalúrgicos têm uma longa experiência de luta, estão conscientes da importância das conquistas de após 25 de Abril e não vão ficar de braços cruzados», afirmou esta manhã um porta-voz da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos ao comentar a nota oficiosa do Ministério do Trabalho sobre a irrevogabilidade da posição governamental quanto à aplicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho do sector.

Nas negociações do CCTV, os principais pontos em desacordo entre as partes foram a tabela salarial, enquadramento profissional e carreira profissional, vigência do contrato, âmbito e área. Relativamente às tabelas salariais, os aumentos reivindicados pela Comissão Negociadora Sindical situavam-se na média de 1400 escudos, enquanto os concedidos não chegam aos mil escudos. Quanto ao enquadramento e carreira profissionais, assuntos extremamente delicados, que deveriam ser tratados com tempo (necessidade que os próprios técnicos da comissão encarregada de elaborar a portaria reconheceram além de terem merecido pouco tempo de estudo, acarretam a despromoção de milhares de trabalhadores, medida que vai necessariamente provocar grande descontentamento. Por outro lado, a CNS defendeu como prazo de vigência da portaria, 12 meses, com efeitos retroactivos a partir de 1 de Junho de 76, enquanto a PRT estipula 18 meses, a partir da data de publicação da PRT.

No que respeita ao âmbito do CCTV, a PRT não abrange os trabalhadores metalúrgicos das empresas que não sejam do ramo metalúrgico ou metalomecânico, pelo que estes trabalhadores estão neste momento sem contrato. Relativamente à área de aplicação do CCTV, embora na nota oficiosa se diga que se estabeleceram «já os contactos necessários com os Governos Regionais, através dos respectivos ministros da República» dos Açores e da Madeira, com vista à extensão da PRT aos trabalhadores das ilhas, afirmam os trabalhadores que há mais de três meses defendem no MT a negociação dum CCTV a nível nacional, englobando portanto as ilhas, e que só agora o Governo se dispõe a fazer esses contactos.

Esta tarde, os Sindicatos Metalúrgicos de todo o País reunem-se em plenário nas instalações da respectiva Federação, para discutir a portaria e a nota oficiosa. Entretanto, para já, mantêm-se as formas de luta até agora decididas e que são, paralisação na próxima quinta-feira, dia 26, a partir das 15 horas, nas empresas privadas e a partir das 16 nas nacionalizadas e intervencionadas, seguida de concentração no Terreiro do Paço, às 18 horas e manifestação junto ao Ministério do Trabalho.

AVIQUÍMICA E L. P. MENDONÇA

Patrões ao ataque passam à agressão

Os patrões, na sua ofensiva pela recuperação das empresas que actualmente lhes é facilitada, continuam a servir-se de todos os processos para os quais têm cobertura, desde os despedimentos cuja onda não pára, até às agressões a trabalhadores, particularmente quando eles têm funções nos órgãos que os representam.

Hoje referimos dois casos de agressões ocorridos na «Aviquímica» e na «Luís Pedro Mendonça», em ambos perpetrados pelos patrões nas pessoas, respectivamente, de um delegado sindical e de um membro da Comissão de Trabalhadores.

No primeiro dos casos, o delegado sindical Jorge Rodrigues «foi agredido violentamente pelo patrão encolerizado nas instalações da firma», segundo se lê em comunicado divulgado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos.

O acontecimento, verificado na passada sexta-feira, seguiu-se aos insultos feitos pelo patrão que acusou o delegado sindical, «falsamente, de desrespeito para com o seu chefe hierárquico (...) tendo suspendido o delegado sindical até à conclusão do processo disciplinar» — nos termos do mesmo documento.

No segundo caso referido, o da «Luís Pedro Mendonça», o seu proprietário que deu o nome à empresa foi ontem às instalações e agrediu uma operária da Comissão de Trabalhadores, quando tentava revistar uma gaveta na sala onde a CT costuma reunir-se.

O patrão declararia posteriormente, no Ministério da Indústria e Tecnologia, que tinha ferido uma trabalhadora ao tentar abrir uma gaveta.

A C.P. informa:

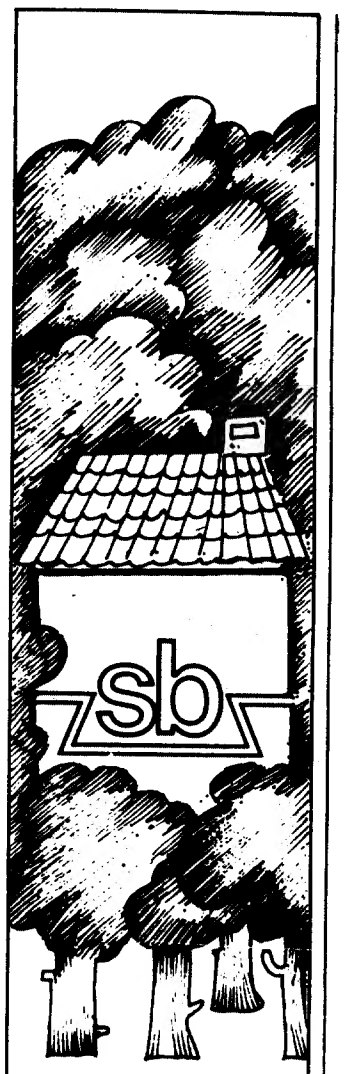
LINHA DO LESTE E RAMAL DE CACERES

Avisam-se os Srs. Passageiros de que, a partir de 22 de Maio próximo, serão postas à disposição do público as circulações seguintes cujo horário se indica.

22420 Regional 2ª. cl.	Estações e apeadeiros	22421 Regional 2ª. cl.
H.M.		H.M.
5-50	P. ..TORRE DAS VARGENS... C.	19-58
5-58	... Fazenda (ap.).....	19-50
6-03	... Ponte de Sor	19-44
6-21	.....Bemposta	19-27
6-33	C. .....ABRANTES..... P.	19-15

AVISO AO AUTOMOBILISTA

que por engano levou uma roda trocada no dia 6 de Maio da Garagem Auto-Sevilha (R. Castilho). A roda em questão não serve no seu carro. Pede-se o favor de contactar com a referida garagem — Telef. 68 16 32.



Em minha casa entre as árvores...
Linha Natura
sb móveis
Apresentação
na Fil/77
stand dos móveis
sousa braga

Bulgária, berço da escrita e da cultura eslavas

A Bulgária celebra hoje o Dia Nacional da Cultura e da Formação do Alfabeto Eslavo. Nestas comemorações, as únicas conhecidas na Europa com este carácter, participam estudantes, professores, artistas e intelectuais de todos os sectores. Com invulgar grandiosidade efectuam-se manifestações nas ruas das localidades de todo o país, festas populares e desportivas, exposições de arte, literatura, etc.

As comemorações deste ano foram precedidas, em Sófia, pela realização do 3.º Congresso da Cultura Búlgara em que foi analisado e discutido o desenvolvimento das artes e da cultura bem como o seu papel social.

Em Portugal, a Embaixada da Bulgária, de colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura e a Associação de Amizade Portugal-Bulgária, inaugura amanhã, no Palácio Foz, pelas 18 horas, uma exposição sobre cultura búlgara. Seguir-se-á uma sessão solene e a projecção do filme «Almas Condenadas», galardoado com o 1.º prémio do Festival de Varna de 1976.

O papel do primeiro Estado búlgaro como primeiro centro da escrita e da cultura eslava é sem dúvida grande. As razões encontram-se na situação histórica concreta do fim do século IX e do início do século X. Neste tempo o Estado mais poderoso da Europa é Bizâncio, rico herdeiro do Império Romano Oriental.

O Império Franco de Carlos Magno, surgido sobre as ruínas do Império Romano do Ocidente, divide-se em dois, para dar origem mais tarde à França e à Alemanha.

No rio Dniépre, o principado de Kiev ainda é pagão. No Leste e no Sul do reino alemão acabam de aparecer os principados eslavos, a Grande Morávia (hoje Checoslováquia) e a Panónia (Hungria).

Enquanto isto, na Península Balcânica — esse cruzamento de caminhos dos quatro pontos cardiais — o primeiro Estado eslavo-búlgaro, nascido ainda no fim do século VII em consequência da união entre a tribo dos protobúlgaros vindos das vastas planícies de Volga, liderados pelo «kahn» Asparuh, e as tribos eslavas existentes ali desde o século VI, tornara-se já um factor decisivo no Sueste europeu.

Naquela época a religião católica unia o Mundo Ocidental. Por outro lado o Oriente ortodoxo estava lacerado por disputas e desentendimentos dogmáticos. A vida cultural decorria segundo as normas estabelecidas sob a influência e sob a direcção de Bizâncio e Roma, baseando-se na literatura grega e latina. Este fora o tempo do dogma das três línguas, segundo o qual se podia escrever somente em três línguas sagradas — o latim, o negro e o hebreu. Qualquer outra escrita era declarada herética e os seus criadores e divulgadores eram cruelmente perseguidos.

Em tais condições nasce a obra de Constantin-Ciril. O príncipe Rostislav de Morávia, na ânsia de extinguir a influência alemã do seu país, faz um pedido ao imperador bizantino e ao patriarca de Constantinopla para lhe enviarem missionários a fim de poder promover as liturgias em língua eslava e escrever os textos nesta mesma. Bizâncio, levada por interesses estratégicos, políticos e culturais (de se opôr ao pangermanismo e à língua do papismo de Roma nos Estados eslavos recém-formados), atende logo ao pedido. Imperador Mihail e encarrega os dois irmãos, Ciril e Metodii, desta missão. Descendentes de eslavos, altamente instruídos para o seu tempo na célebre escola de Magnaur, filólogos notáveis, filósofos e polemistas, Ciril e Metodii já haviam desempenhado várias missões em terras próximas e longínquas na divulgação do Cristianismo como enviados plenipotenciários de Tzarigrad (capital bizantina).

Para os fins da sua missão na Morávia Ciril cria o alfabeto eslavo, que corresponde às particularidades fonéticas da língua protobúlgara. Segundo o cientista Roger Bernard, «a língua protobúlgara é a força mais antiga da língua eslava». Os irmãos Ciril e Metodii traduzem os livros eclesiásticos e dão início à literatura eslava.

Na sua actividade na Morávia eles tiveram que enfrentar os sucessores ardentes do dogma das três línguas. Os dois irmãos travaram luta com a plena consciência de que já não se tratava de simples sermões, mas de um combate de cujo desfecho dependia o destino de todos os eslavos. Derrotando por completo, o dogma das três línguas, Ciril e Metodii obrigaram Adriano II a reconhecer oficialmente os livros eslavos e a consagrar Metodii e os seus discípulos em título eclesiástico (Ciril falece em 14 de Janeiro de 869). Apesar disto a missão de Morávia fora derrotada. O próprio Metodii fora perseguido, torturado e encarcerado pelos bispos alemães. Depois de libertado por insistência do Papa, é rejeitado e morre pouco tempo depois (885).

Mesmo assim os dois irmãos já deram início ao progresso humano — o direito dos povos de poderem falar e escrever na sua língua materna. Antes de Ciril e Metodii ninguém pôde realizar esta ideia na Europa.

Depois da pesada derrota na Morávia os seus discípulos ardentes — caçados e perseguidos — foram acolhidos calorosamente na Bulgária. Graças ao seu trabalho a língua e a escrita de Ciril e Metodii tornam-se língua e escrita oficiais do Estado búlgaro, dos habitantes, da Igreja e da cultura, e aceleram a sua futura consolidação e o seu desenvolvimento.

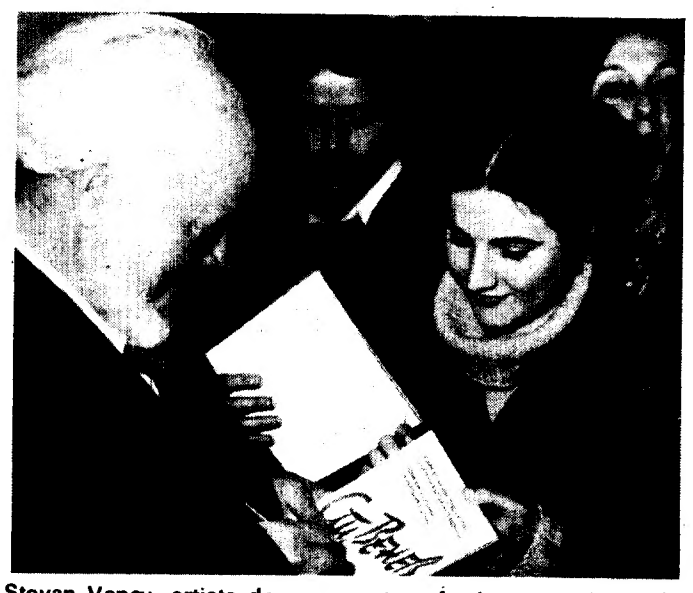
A literatura protobúlgara, protegida e patrocinada pelos «tzares» búlgaros Boris I e seu filho Simeon I, floresce rapidamente. Inicia-se uma época nova do desenvolvimento histórico do povo búlgaro, o chamado «Século de Ouro» da literatura búlgara».

Saindo da Bulgária, o alfabeto e a cultura eslavas divulgam-se e estabelecem-se noutros países eslavos.

A literatura protobúlgara serviu durante longo tempo de fonte de instrução nos principados não-eslavos do Danúbio Vlacho e na Moldávia, e influenciou positivamente o desenvolvimento cultural do povo romeno, que se serviu do alfabeto de Ciril e Metodii até ao ano de 1862.

A contribuição histórica e a importância da obra de Ciril e Metodi, realizada no Estado búlgaro, foram salientadas pelo professor da Sorbonne Jean Guillard por ocasião da solene comemoração dos 1100 anos da morte de Ciril, o filósofo, organizada pela UNESCO em Paris (1969). «É impossível» — diz Guillard — «apreciar o alcance da obra de Ciril sem a Bulgária, porque é exactamente ali que ela deu provas das suas possibilidades e da sua fertilidade». Eis por que a cultura búlgara serviu de base à edificação de uma cultura eslava que durante séculos criou obras preciosas em todos os sectores da vida espiritual e material.

Além da literatura os búlgaros criaram outros valores culturais e escolas em diversos Sectores da Ciência e da Arte daquele tempo. Pintores desconhecidos enriqueceram as tradições severas da pintura. Ivan Kukuzel criou novos sinais de notação das notas musicais e reformou a música eclesiástica bizantina, introduzindo motivos búlgaros no canto das missas. Assim o Estado búlgaro, o seu alfabeto e a sua literatura deram uma importante contribuição para a cultura da Humanidade.



Stoyan Venev, artista do povo, autografando um catálogo de pinturas suas

Em **BUARCOS** o **DIÁRIO DE LISBOA** vende-se na **PAPELARIA SATELITE**

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

SEDE: **Avenida da República, 27-29**
Telef. 57 40 73 — LISBOA

C. C. T. COMÉRCIO RETALHISTA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector de actividade para reuniões a efectuar nos próximos dias 23 e 24 de Maio, pelas 21.30 horas, na sede do nosso Sindicato, Avenida da República, 31, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

— **Apreciação e discussão do Anteprojecto de Revisão do C.C.T. do Comércio Retalhista.**

NÃO FALTES!

A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL PARA QUE POSSAS DEPOIS INFORMAR OS TEUS COLEGAS DE TRABALHO!

Lisboa, 9 de Maio de 1977

Pel'A Direcção,
Alfredo Alves

FÉRIAS NA MADEIRA
1 SEMANA
PARTIDAS DIÁRIAS em aviões especialmente fretados à TAP de Junho a Outubro
Preços excepcionais desde **3.350$**
Condições especiais para noivos e grupos de JUNHO a OUTUBRO
INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística do Funchal
- Acompanhante abreu

Peça programa detalhado
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Feriados de Junho
ANDALUZIA
Visitando:
ÉVORA, SEVILHA, TORREMOLINOS, GRANADA, CÓRDOVA E BADAJOZ
4 a 13
PREÇO: 8450$00
(Tudo incluído)
Inscreva-se já:
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

NÃO SÃO SALDOS
SÃO VENDAS A PREÇOS DE OCASIÃO
Rádios c/ reprodutor e GIRA-DISCOS de sala e T.V. a preços sensacionais.
Rádios e Whiskys de todas as marcas a preços de sensação
FERREIRA ALVES & ALVES
Praça da Figueira, 11-3.º-Dt.º — Lisboa

Miniatura do Evangelho de Dobreishovo: S. João Teólogo

ASSEMBLEIA MUNDIAL DOS CONSTRUTORES DA PAZ

Questões controversas não obstam à unanimidade nas tarefas essenciais

VARSÓVIA, Maio — A opinião social polaca seguiu com muita atenção através da Televisão e dos amplos noticiários da Imprensa os debates da Assembleia Mundial dos Construtores da Paz que teve lugar em Varsóvia. Os polacos compreenderam perfeitamente — pois aprenderam isto pelas experiências nacionais durante a 2.ª Guerra Mundial, durante a ocupação, a libertação e os últimos anos — que esta Assembleia trata de problemas importantes e complicados de hoje e de amanhã, que são ao mesmo tempo problemas que concernam os mais vivos interesses da Polónia.

Edward Girek, na sua alocução de boas-vindas pronunciou-se pela plena realização do acto final de Helsínquia e favoravelmente a que o encontro de Belgrado se desenrole, no espírito de Helsínquia, e favoreça a continuação do processo de desanuviamento. E. Gierek falou também sobre a indivisibilidade deste processo em escala mundial e que, cada habitante da terra é em certa medida responsável pelo curso futuro da História comum da Humanidade, pela continuidade da cultura Humana comum.

O filme sobre Varsóvia incendiada e reconstruída com que se abriram os trabalhos, a viagem feita pela delegação internacional da Assembleia ao campo de Concentração de Auschwitz, como também a cerimónia de deposição das coroas de flores no dia 9 de Maio no Túmulo do Soldado Desconhecido, constituiu não só, uma introdução dos participantes de todos os continentes às experiências nacionais polacas — apesar da Polónia consagrar muita importância a estes factos.

Desta vez, tratava-se de transmitir a expressão universal destas experiências para serem empregadas na solução de todos os problemas e tarefas que se erguem diante da humanidade inteira.

O secretário geral da ONU Kurt Waldheim consagrou o seu apelo aos representantes, da Assembleia, as mais importantes correlações dos problemas do mundo contemporâneo, tais como o desarmamento, a descolonização, a elaboração de uma nova ordem económica internacional, os Direitos do Homem, a luta contra a discriminação racista e o «Apartheid», como também a protecção da natureza. K. Waldheim demonstrou também que somente através da compreensão desta correlação pode-se achar uma perspectiva global e um caminho comum da construção de um tal mundo, no qual a paz, e a justiça, económica e social triunfarão.

A Assembleia de Varsó organizada pelo Conselho Mundial da Paz, foi desde o início pensada desta maneira e realizada até o fim neste espírito. Desta maneira facilitou ela a confrontação dos pontos de vista e das moções como também a aceitação do programa comum de actuação através do maior encontro de todos os continentes que jamais teve lugar. Efectivamente chegaram a esta Assembleia mais de 1500 delegados, incluindo 120 militantes de organizações internacionais, entre outros da ONU e 9 agentes da ONU, 65 militantes comunistas e operários, 98 militantes de partidos socialistas e social-democratas, 18 militantes de partidos de movimentos democratas-cristãos, 41 militantes de partidos e movimentos liberais, conservadores e do centro, 27 membros do governo e militantes estatais, 10 ex-membros de governo — nomeadamente Costa Gomes, 109 parlamentares, 740 sindicalistas responsáveis de organizações de juventude, de mulheres e outros.

É muito significativo para o período do desanuviamento, muito optimista e ao mesmo tempo educativo que um forum tão variado de pessoas certamente de boa vontade, mas também de opiniões contrárias, e orientações políticas as mais diversas, se possam compreender — não sem diversas controvérsias e polémicas — e achar esta atitude comum indicada por K. Waldheim e a perspectiva global de uma acção solidária com vista a dar uma solução a tantos problemas indivisíveis, complexos e dramáticos deste mundo.

Assim o credo comum adoptado em Varsóvia é simples nos problemas fundamentais. Ele exprime uma profunda satisfação que na luta pela paz e pela segurança nacional, tanta coisa já foi adquirida e negociada que se conseguiu eliminar o perigo da guerra, enfraquecer a confrontação e consolidar a política da coexistência. Foi reconhecido igualmente que há muita coisa ainda para fazer, para consolidar e avançar o que já foi obtido, criando tais condições materiais, morais e políticas para que o derrube do curso dos acontecimentos se torne impossível.

Milhões de questões eram controversas mas não havia divergências para dizer que o interesse primordial de todos os povos do mundo é de lutar para travar a corrida aos armamentos e por fim a ela. Constatou-se de uma maneira unânime que é necessário ser vigilante diante das tramóias dos adversários do desanuviamento, de demascarar as tentativas de envenenamento do clima político através de campanhas de propaganda mentirosas, calculadas para poder esconder as maquinações dos verdadeiros culpados da corrida aos armamentos, dos violadores da corrida aos armamentos e simplesmente dos inimigos de todo o progresso da humanidade. O imperialismo tornou-se depois do Vietnam e do Chile a palavra corrente comum do comunismo argentino, do socialismo chileno e dos pastores dos Estados Unidos que apelam para apagar os focos de tensão, liquidar as práticas vergonhosas do racismo e do «Apartheid», o ganizar uma cooperação sobre um pé de igualdade dos estados e dos países a fim de resolver os problemas globais de alcance geral.

A Assembleia Mundial dos Construtores da Paz em Varsóvia deu a milhões de pessoas no Mundo não só uma g ande satisfação, mas permitiu mais uma vez reconsiderar e compreender mais profundamente o que é a paz para o Mundo e que é indispensável lutar consequentemente pela sua construção, para consolidar o processo do desanuviamento e da cooperação entre as nações.

(INTERPRESS — AGÊNCIA POLACA DE INFORMAÇÕES)

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

ESPANHA

Campanha eleitoral começa hoje

As paredes das cidades espanholas amanheceram hoje cobertas de cartazes dos partidos que englobam seis mil candidatos às cadeiras em disputa nas eleições legislativas de 15 de Junho, as primeiras realizadas livremente em 40 anos. Durante os próximos 21 dias, tempo de duração da campanha eleitoral, serão gastos, pelos partidos, uma soma avaliada em 5.000 milhões de pesetas, com os gastos maiores a pertencerem ao Partido Socialista Operário Espanhol, o PSOE de Felipe Gonzalez, que já recebeu um «auxílio» de 60.000 dólares do Partido Socialista Austríaco, de Bruno Kreisky que justificou: «sempre tem havido ajuda mútua entre os sociais-democratas».

Pelo seu lado, o Estado subvencionará os partidos à razão de um milhão de pesetas por lugar no Senado ou na Câmara e 45 pesetas por cada voto obtido por um candidato.

A fim de garantir absoluta neutralidade, a televisão vai limitar-se a ler comunicados dos partidos durante os tempos reservados às eleições. Entretanto, esta neutralidade é posta em dúvida pois Adolfo Suárez, e por extensão, a União do Centro Democrático, leva uma enorme vantagem pela transmissão dos actos governamentais. Há quem diga, até, que essas eleições correm o risco de transformar-se numa sondagem à popularidade do primeiro-ministro. Aliás, a União do Centro Democrático, formada há dias, teve dinheiro suficiente para imprimir milhões de cartazes com o retrato de Suárez e espalhá-los por todo o país, em profusão.

Mais de 200 partidos foram legalizados em Espanha, mas nem todos concorrem. A extrema-esquerda, por sua vez, contornou a ilegalidade em que foi deixada pelo Governo, apresentando candidatos independentes. Entretanto, os maiores candidatos às eleições são mesmo a União do Centro Democrático; a Aliança Popular, direitistas, com Fraga Iribarne à frente; os democratas cristãos; os socialistas do PSOE e os comunistas.

Pelo seu lado, a ETA, que acusou Suárez de enganar o povo com falsas reformas, afirmou que continuaria nas suas formas de luta, desde que o Governo continue a ignorar as aspirações bascas, ameaçando fazer com que tudo não transcorra tão calmamente naquela região. Contudo, presos políticos do País Basco que permaneciam encarcerados, alguns dos quais condenados à morte por acções violentas, assinaram ontem o «pedido de expatriação» oferecido há dois dias pelo Governo. O advogado Ignácio Esnaola apresentou ontem à presidência do Conselho os «pedidos» de 19 presos políticos bascos, entre os quais o de Eva Forest, mulher do escritor Alfonso Sastre. Ao todo, «pediram» para ser expatriados, até ontem, 25 presos políticos. Recorde-se que, no passado domingo, cinco bascos que estavam na cadeia, três dos quais condenados a morte, foram para Bruxelas.

Missão norte-americana na Coreia do Sul

Dois enviados especiais do presidente Jimmy Carter, o subsecretário de Estado dos Assuntos políticos, Philip Habib, e o general George Brown, presidente do Estado-Maior conjunto americano, chegaram hoje, terça-feira, a Seul.

Habib, que vem encetar consultas com as autoridades sul-coreanas sobre a retirada das tropas americanas estacionadas na Coreia do Sul, declarou que no seu regresso a Washington dará a conhecer ao presidente Carter as ideias do Governo de Seul.

Acrescentou que o presidente Carter pedira aos seus enviados para «reafirmar» clara e publicamente» que os Estados Unidos «continuarão a manter a segurança da Coreia do Sul» e que a retirada das tropas terrestres será programada progressivamente, a fim de manter o equilíbrio militar na Ásia do Nordeste.

Habib precisou que iniciava as suas consultas no contexto do «enorme crescimento económico» da Coreia do Sul e da extensão das suas capacidades militares.

Os dois enviados especiais encontrar-se-ão com o presidente Park Chung Hee na quarta-feira.

A questão das tropas americanas na Coreia voltou à baila no passado fim-de-semana ao ser chamado a Washington o general John Singlaub, que comandava as forças americanas na Coreia do Sul e que criticara abertamente as intenções do presidente Carter.

Enquanto isto, o Senado aprovou na segunda-feira um projecto de 3,8 mil milhões de dólares repartido em dois anos para a criação, experimentação e produção de armas atómicas.

O orçamento, que deve ser aprovado pela Câmara dos Representantes, distribui-se assim: 1,78 mil milhões de dólares para o ano fiscal de 1977 terminando em 20 de Setembro, e 2,03 mil milhões de dólares para o exército de 1978.

Estas somas servirão ao fabrico de novas ogivas nucleares devendo equipar o míssil submarino «trident», os mísseis de alcance de Cruzeiro e os mísseis de assalto de curto raio de acção, bem como a produção de plutónio, de urânio enriquecido e de outros materiais entrando na composição das armas nucleares.

Comunistas de Chipre falam em luta armada

O Partido Comunista Cipriota-Grego «Akel» acaba de ameaçar que recorrerá à luta armada contra o corpo expedicionário turco de Chipre, durante um congresso que realizou no passado fim-de-semana em Limassol, no sul da ilha de Chipre.

Falando perante o congresso, o secretário-geral do «Akel», Ezekias Papaioannu, evocou, pela primeira vez, a «possibilidade de se iniciar uma luta armada para libertar o território cipriota dos invasores».

«Já que o inimigo emprega a linguagem da violência, o povo cipriota será obrigado a defender-se com todos os meios ao seu dispor para conseguir a aplicação das resoluções das Nações Unidas acerca de Chipre», acrescentou Papaioannu, recordando que a ONU exigira «a retirada das tropas estrangeiras de Chipre e o regresso de todos os refugiados aos respectivos lares».

«O povo cipriota, que jamais se conformará com a ocupação do seu território pelas forças armadas turcas, opor-se-á com todas as suas forças ao plano de divisão da ilha», acrescentou Papaioannu, concluindo: «O presidente Carter não está a esforçar-se por impedir a divisão de Chipre. O seu único intuito consiste em voltar a consolidar a ala sudeste da NATO».

Recorda-se que se encontram actualmente na zona norte de Chipre 30 mil soldados turcos.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ZONA SUL

MOÇÃO

Considerando as circunstâncias trágicas e inaceitáveis em que foi morto o sócio e advogado do nosso Sindicato, Fitz Augusto Neves Quintela, a Assembleia de Delegados reunida em 19-5-77 presta a sua última homenagem aquele que deu sempre o seu melhor esforço na defesa dos nossos interesses.

Endereça à viúva e filhos a mais fraterna solidariedade;

Exige a imediata abertura de rigoroso inquérito de apuramento de responsabilidades;

Reclama a atribuição à viúva e aos filhos das respectivas indemnizações pela perda irreparável que sofreram e a atribuição de uma justa pensão.

Lisboa, 19 de Maio de 1977

O Secretariado da Mesa da Assembleia de Delegados do S T F P

NATÁLIA VICENTE

CIRCUITOS PELA EUROPA

maravilhosas viagens à partida de Paris. Londres e Zurique

(Preços de Lisboa a Lisboa)

INGLATERRA E ESCÓCIA
8 dias Esc. 11 600.00

PARIS, HOLANDA E BELGICA
7 dias Esc. 14 600.00

ZURIQUE E AS MONTANHAS DA SUIÇA
7 dias Esc. 13 350.00

peça-nos programa

Europeia

• a experiência ao serviço do turismo •

Av da Liberdade 233 | Telef 536121 | Lisboa 2

Guerrilheiros dos Molucas apresentam condições

Os grupos armados de nacionalistas das ilhas Molucas do Sul que controlam um comboio e uma escola no Norte da Holanda, finalmente deram a conhecer as suas exigências para libertar os aproximadamente 150 reféns que detêm em seu poder: libertação de todos os presos sul-moluquenses condenados pela acção armada de 1975 e pela conspiração contra a rainha Juliana, em Abril do mesmo ano; um Boeing 747 que os levará «para destino desconhecido»; que nenhuma acção de represália seja exercida contra a comunicade moluquense e que as exigências sejam satisfeitas até às 14 horas de amanhã. Tudo isso foi expresso numa carta, lida na rádio holandesa. No texto, o governo era advertido que, se enviasse medianeiros para tentarem negociações, estes seriam abatidos.

Enquanto um informador do Ministério da Justiça adianta que até agora não há uma resposta definitiva para ser transmitida aos guerrilheiros, ambos os locais onde as acções estão em desenvolvimento foram cercadas por atiradores especiais da polícia, tropas de choque e do Exército. As 105 crianças de uma escola, que ontem à noite cantavam alegremente canções de aniversário e que receberam cobertores alimentos e bebidas são a principal preocupação, apesar dos guerrilheiros terem garantido que nenhuma violência seria exercida, desde que não fossem ameaçados. As idades das crianças variam entre os seis e os doze anos e estão acompanhadas por seis professores.

Quanto ao comboio, os caminhos de ferro holandeses falam na possibilidade de ser 190 o total de reféns, apesar do número de aflitos telefonemas de familiares fazerem este cálculo baixar para 70 ou 80.

Ao fim do dia de ontem, o ministro da Justiça, Dries Van Agt afirmou que as identidades dos guerrilheiros das Molucas do Sul que participam nesta acção já estavam determinadas, mas nada revelou. Pelo seu lado, o primeiro-ministro Joop Den Uyl disse que o problema que está a ser enfrentado em Assen, não impedirá a realização das eleições gerais marcadas para amanhã, na qual os socialistas aparecem como prováveis vencedores.

Durante as operações de 1975, quando um comboio foi igualmente atacado, ao mesmo tempo em que a embaixada da Indonésia em Haia era ocupada, o governo holandês assumiu uma posição inflexível e os dois grupos guerrilheiros renderam-se, respectivamente, ao fim de 12 e 15 dias, após a morte de três pessoas.

Novo governo belga ainda esta semana

Poderá entrar em funções no fim desta semana um novo Governo belga, resultante do acordo a que se chegou esta madrugada em Bruxelas. Neste Governo participarão os sociais-cristãos (flamengos e valões), os socialistas (flamengos e valões), a Frente Democrática Francófona e o Volksunie. Esta coligação disporá de larga maioria no Parlamento: 172 dos 212 votos totais.

Enquanto isto, na RFA foram presas mais dez pessoas consideradas suspeitas de espionagem a favor da RDA. Estas prisões seguem-se à de Rolf Grunert, principal inspector da polícia criminal de Hamburgo, acusado também de espionagem.

Por outro lado, o ministério de Defesa da RFA informou que os EUA estão decididos a cooperar com Bona na estandardização de elementos comuns dos carros de combate XM-1 (americano) e Leopard-2 (alemão) retomando a colaboração iniciada em 1976. Esta questão estava a dificultar as relações entre os dois países, pois os EUA sabotavam a cooperação acordada.

De Belfast (Irlanda do Norte) anuncia-se, entretanto, que os serviços de segurança britânicos prenderam na semana passada nove elementos do IRA (exército republicano irlandês, agindo na clandestinidade).

ISRAEL

"Likud" inicia consultas para formar gabinete

A coligação Likud (extrema-direita) vencedora das últimas eleições legislativas de Israel, inicia hoje conversações com possíveis parceiros para a formação dum novo Governo. Para lá de todos os problemas internos e externos que se levantam com o acesso do Likud ao Poder, outra questão surge agora para dificultar a acção dos vencedores; a doença do seu chefe incontestado, Menahem Begin.

Hospitalizado na noite de domingo, para segunda, devido ao que parece ser uma ameaça de enfarte de miocárdio, Begin poderá não estar em condições físicas para assumir as pesadas responsabilidades de chefiar o Governo israelita. Na verdade, ainda há dois meses sofreu um ataque cardíaco e uma pneumonia. Contudo, os seus partidários e principais colaboradores afirmam que será ele o primeiro-ministro.

Para já, Begin, não participa nas delicadas negociações que hoje se iniciam. Um dos partidos consultados é o Movimento Democrático para a Mudança, chefiado por Yigael Yadin. Os tópicos principais da discussão será a questão palestiniana. Enquanto o Likud considera a margem ocidental do Jordão como parte integrante do Estado hebraico, o movimento de Yadin considera esse território negociável.

Enquanto isto, as agências referem já os possíveis sucessores de Begin, apontando o dirigente da facção liberal do Likud, Ehrlich, como seu sucessor mais provável.

As declarações de Begin (duma feroz intransigência) continuam a suscitar comentários.

Khaled Al Hassan, membro do CC da Fatahl declarou no Koweit que o começo das operações de resistência palestina e Israel constitui a única resposta possível às declarações do dirigente judaico. Por seu lado, o jornal cairota «Al Ahram» informa que o presidente Carter dirigiu ao presidente Sadat do Egipto uma mensagem na qual afirma o carácter inelutável da realização este ano da conferência de Genebra, apesar da vitória do Likud. O mesmo jornal noticia sem mais comentários que o vice-presidente dos EUA, Walter Mondale, efectuará em breve nova digressão pelo Médio Oriente.

Por ultimo, o embaixador dos EUA na ONU, Andrew Young, encontra-se de visita ao Sudão, declarando que a sua deslocação ali era o início duma longa e frutuosa relação entre os EUA e aquele país. Recorde-se que recentemente o Sudão expulsou o pessoal militar e diplomático soviético.

Ministro sul-africano critica Andrew Young

O ministro do Interior da África do Sul, Connie Muller, afirmou que Andrew Young, embaixador dos Estados Unidos na ONU, não respeitou os termos de um acordo entre Pretória e Washington sobre as condições da sua visita à África do Sul.

Muller precisou que o seu Governo considera este problema muito sério, mas não indicou como pensa reagir.

Segundo o ministro, nos termos do acordo estabelecido Young deveria, enquanto permanecesse na África do Sul, «dispensar-se de fazer afirmações que pudessem suscitar controvérsias ou paixões».

Os observadores pensam que Youngé, sem dúvida, acusado de haver falado com dirigentes da oposição e de se haver encontrado secretamente com dois responsáveis do Conselho dos Estudantes de Soweto, o movimento que esteve na origem das manifestações anti-«Apartheid» de 1976. Por outro lado, Young incitou durante a sua visita os negros sul-africanos a lançarem-se em acções de resistência passiva para fazer avançar a evolução no sentido da entrega do poder à maioria negra.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti Prensa Latina e Reuter

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Um homem na sombra" de Joseph Losey

Joseph Losey (ao centro) dirige Alain Delon (à esquerda) durante a rodagem de «Um Homem na Sombra»

FICHA:
Título original: Mr. Klein
Realização: Joseph Losey (França-Itália-1975)
Argumento: Franco Solinas e J.Losey
Fotografia (Eastmancolor): Gerry Fisher
Montagem: Henri Lanoe
Música: Egisto Macchi e Pierre Porte
Interpretação: Alain Delon (**Klein**), Jeanne Moreau (**Florence**), Suzanne Flon (**a porteira**), Michel Lonsdale (**Pierre**), Juliet Berto (**Janine**), Jean Bouise (**um homem**), Francine Berge (**Nicole**), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes
Cinema: Condes
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: 122 minutos

O conhecido esgotamento que tem progressivamente inundado a filmografia de Losey (nem por isso, porém, menos activo) parece ter sofrido um refluxo pontual. Ainda que este **Um Homem na Sombra** não reponha o seu autor na zona de **O Criado**, é importante afirmar que Joseph Losey não está definitivamente encostado a um estilo requintado e vazio onde parecia circular sem remédio. E a prova, precária embora, é este filme.

Nunca é demais repetir que o melhor cimena é aquele que faz do **écran** não um espaço insofismável de «verdade» mas um espaço de dúvida, aquele que, mais do que afirmar, insinua aquele, enfim, que se não mostra como corpo acabado e definitivo mas como um lugar de ambiguidade que exige do espectador a prática de uma inteligência crítica. Extremizando: cinema defenitivo é a pornografia, cinema de dúvida é o «quadro negro» de que falava Godard. Só este segundo interessa.

Um Homem Sombra («tradução brilhante» de **Mr. Klein**) é o filme de um percurso: o de Robert Klein, cínico negociante de arte em plena ocupação (1942), à procura de um seu homónimo judeu, problema que, sob o nazismo, não era desprezável. O «nosso» Klein sofrerá «por procuraçao» as perseguições até que a sua busca obsessiva o conduza (quando já possuia provas documentais que o ilibariam face à lei anti-semita) ao vagão que o levará aos campos de morte alemães, em companhia da sua já então outra personalidade.

Como uma **mise-en-scène** rigorosa (donde se destaca, como quase sempre em Losey, o tratamento dos **décors**, as dominantes da cor e o trabalho dos actores — Lonsdale, Bouise, Suzanne Flon e Jeanne Moreau, em particular) este filme vagueia por muitos caminhos e recusas. Aí, talvez, se centra muito do fascínio e das reservas que **Um Homem na Sombra** levanta. Fascínio que lhe vem da permanente ambiguidade do **écran**, da indefinição dos fugidios personagens, das motivações de Klein/Delon, da lógica, enfim, de toda a acção; reservas que muitas vias só superficialmente exploradas, que algumas gratuidades (como a belíssima mas «improdutiva» sequência no castelo de Jeanne Moreau) justificam. Como se muitas fossem as portas a franquear por Losey, muitas as pistas para o espectador, mas um certo cansaço ou algum temor o (nos) impedisse(m) de as explorar.

É assim que, não sendo um filme «de absurdo», universalista (daí que Kafka não seja para aqui chamado), **Um Homem na Sombra** se ancora num precurso moral, na demonstração de uma justiça imanente que acaba por funcionar, na afirmação de que ninguém está «ao lado» da História mesmo que, como Klein, assim se queira.

E se Losey se mostra aqui menos vazio que nos seus mais recentes filmes, a sua dificuldade em unificar as coordenadas de **Um Homem na Sombra** não deixam demasiadas esperanças de futuro.

Duo Kirstein na Aula Magna

Encontra-se em Lisboa o Duo Kirstein, formado pela pianista Jeanne Kirstein e seu marido o violoncelista Jack Kirstein, que actuam já hoje (21 e 30) na Aula Magna da Reitoria da Universidade, interpretando um programa de música contemporânea. Amanhã e na sexta-feira o duo apresenta-se na Fundação Gulbenkian (Ciclo Beethoven).

Jeanne Kirstein é fomada pela Juilliard School of Music. Inaugurou a sua carreira ganhando o Young Artists Award e o prestígioso Walter W. Naumberg Award. Jack Kirstein é formado pelo Cleveland Institute of Music (da Universidade de Ohio), Columbia University e Juiliard School of Music. Foi violontelista do La Salle Quartet durante 20 anos.

Ambos têm feito inúmeras «tournées» e gravado discos que têm sido galardoados com prémios internacionais. São membros do Conservatório de Música da Universidade de Cincinnatti.

Coro Gulbenkian no Grande Auditório

No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian o Coro Gulbenkian realiza esta tarde às 18 e 30, um concerto em que actuarão como solistas Joana Silva, soprano, Margarida de Almeida, contralto, Luís Madureira, tenor, Orlando Worm, barítono, e o organista Sibertin-Blanc, sob a direcção do maestro português Fernando Eldoro.

Neste concerto o coro interpretará as obras de Francisco Antônio de Almeida «Dixit Dominus», para coro a quatro vozes e solistas, e o «Magnificat», para 2 coros a oito vozes e solistas.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais do CPES/ES para uma Assembleia de Delegados a realizar no dia 24/Maio, pelas 21 horas, no Anfiteatro de Física da Faculdade de Ciências com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1 – Despacho 113/77
2 – Portaria 219/77 de 22 de Abril
3 – Decreto 169-A/77 de 29 de Abril
4 – Ofício da Secretaria de Estado da Administração e Equipamento Escolar de 11 de Maio.

O SECRETARIADO GERAL DO SECTOR DO CPES e ES

PUB

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 87-1.º — SETÚBAL

REFERENDO

CONVOCAÇÃO

De harmonia e em cumprimento da proposta formulada no ponto 7,2 do nosso Programa de Candidatura para os Corpos Gerentes do Sindicato, vamos realizar no dia 26 do corrente mês de Maio, o **REFERENDO** sobre a aderência deste Sindicato à **CARTA ABERTA.**

Ficam por isso desde já convocados todos os sócios para a respectiva votação que será secreta e directa através do boletim de voto que juntamos.

Funcionarão mesas de voto nos locais e dentro dos períodos a seguir indicados:

EMPRESAS:

— SAPEC — Estrada da Graça — Herdade das Praias — SETÚBAL
— LISNAVE — ALMADA
— FIRESTONE — ALCOCHETE
— SETENAVE — Mitrena — SETÚBAL
— ACÇÃO MÉDICO-SOCIAL — Prédio da Fiat — Sala Convívio — 6.º C — SETÚBAL
— ENTREPOSTO — Estrada do Vale de Rosas — Curvas — SETÚBAL
— SIDERURGIA NACIONAL — Paio Pires — SEIXAL
— IMA — Pontes — SETÚBAL
— CAIXA DE PREVIDÊNCIA — (Sala de Convívio) — SETÚBAL
— MOVAUTO — Praias do Sado — SETÚBAL
— PORTUCEL — Mitrena — (edifício dos Escritórios) — SETÚBAL
— RODOVIÁRIA NACIONAL, E. P. — VILA FRESCA DE AZEITÃO

Nestas Empresas as Mesas de Voto funcionarão das 11 às 19 horas

CONCELHOS:

— SETÚBAL — Sede do Sindicato
— SINES — Instituto de Obras Sociais
— SESIMBRA — Biblioteca Municipal
— SEIXAL — Câmara Municipal
— SANTIAGO DO CACÉM — Sociedade Harmonia
— ALCÁCER DO SAL — Câmara Municipal
— GRÂNDOLA — Soc. Musical Fraternidade Operária Grandolense
— BARREIRO — Soc. Democrática União Barreirense «Os Franceses»
— MOITA — Bombeiros Voluntários
— MONTIJO — Câmara Municipal
— ALCOCHETE — Casa do Povo
— PALMELA — Pavilhão das Festas das Vindimas
— ALMADA — Delegação do Sindicato dos Trabalhadores Escritório

Nestes locais as Mesas de Voto funcionarão das 9 às 24 horas

A identificação será feita através do cartão de sócio ou do Bilhete de Identidade.

NOTA: Qualquer sócio que o deseje, pode fiscalizar todo o processo de votação e o apuramento de resultados, devendo, para o efeito, munir-se de credecial que lhe será passada pela Mesa de Assembleia Geral do Sindicato.

Setúbal, 17 de Maio de 1977

— EXERCE O TEU DIREITO DE VOTO
— NÃO DEIXES QUE OUTROS DECIDAM POR TI OS TEUS PROBLEMAS
— POR UM SINDICALISMO DEMOCRÁTICO!

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Francisco Ventura Soares Feio

PUB

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal

CARTA ABERTA

REFERENDO

– Carta Aberta ou Intersindical!
– Totalitarismo ou Democracia!

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal não tem dificuldades de escolha: Opta por um Sindicalismo Democrático!

É já na quinta-feira, dia 26 de Maio, que o Referendo tem lugar. Em causa a escolha. Fácil escolha para quem ama a Liberdade!

SIM à Carta Aberta!
CONTRA a Intersindical!

VOTA!

Por um Sindicalismo Democrático

Pel'A Direcção
(Assin. ilegível)

GRUPO 4 ESTREIA HOJE:

As duas viagens de Job Cardoso

O Grupo 4 estreia esta noite no seu Teatro Aberto, à Praça de Espanha, a peça de Pierre Halet, «As duas viagens de Job Cardoso», numa encenação de Rui Mendes.

«O autor chamou a este texto uma ópera barroca» — disse-nos, a propósito, o encenador da versão portuguesa de «As duas viagens de Job Cardoso». Mas nós tentámos simplificá-la, sem a empobrecer, com a preocupação de nos podermos dirigir a várias camadas de público. Resultou um espectáculo musical em que a música surge a vários pretextos quer sublinhando a acção, quer comentando-a, quer separando as várias fases da vida deste emigrante português que constitui assunto-base do espectáculo».

Segundo nos informou Rui Mendes, «As duas viagens de Job Cardoso» conta a história do mais pobre camponês de uma pobre aldeia portuguesa e que é o último dos homens da sua idade a emigrar. Foi o último a sair porque não tinha dinheiro para pagar a viagem. Consegue aproveitar um esquema que os «passadores» utilizaram mais tarde (estilo: emigre agora e pague depois) e que o colocou na directa dependência dos engajadores e da máquina exploradora a que estavam ligados.

«Da peça ressalta o choque do emigrante com a cidade de um país desenvolvido, o choque da sua filosofia camponesa com a filosofia das sociedades de competição. Procura promover-se através de uma luta individual, separada da luta dos seus companheiros de trabalho e que por vezes até se coloca contra eles. Acaba por ser esmagado porque não luta pela sua classe mas lutou, antes, para mudar de classe».

Deste tema, em princípio susceptível de ser «dramatizado» o Grupo 4 preparou um espectáculo musical, uma quase comédia musical que a música de Pedro Osório assume particular relevo, tal como a coreografia de Fernando Lima. Participam na representação Álvaro Faria, Antonieta Santos, Costa Ferreira, Henriqueta Maia, Irene Cruz, João Perry, Manuel Cavaco, Manuel Mendonça, Morais e Castro, Pedro Osório e Vicente Galfo. Os cenários e figurinos são de Mário Alberto. Deste elenco, são novos no Grupo 4, João Perry e Álvaro Faria, este último provavelmente, para continuar daqui para o futuro.

Este texto já há dois anos que estava nos planos do Grupo, primitivamente na tradução directa de Jorge Silva Melo. Essa tradução foi agora trabalhada para adaptação às intenções do encenador e do autor da música. «O próprio autor sublinha nas notas da peça que ela pode ser apresentada em vários estilos», diz Rui Mendes. «Nós escolhemos um estilo a meio caminho entre a revista e a comédia musical procurando tratar sem desvios ideológicos e de uma forma agradável assunto cada vez mais actual. Um assunto tão sério e actual como este».

Ensaio no Teatro Aberto com Costa Ferreira e João Perry (no primeiro plano) e Henriqueta Maia, Irene Cruz e Antonieta Santos

SESSENTA MIL PESSOAS ASSISTIRAM AO «CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO»

Com a peça de Pierre Halet, o Grupo 4 completa dez anos de vida dedicado ao teatro. Antes num círculo mais fechado em que viviam com uma ou outra abertura a outros profissionais, Morais e Castro, João Lourenço, Irene Cruz e Rui Mendes. Saído João Lourenço, o grupo alargara-se entretanto a mais actores e hoje fazem parte do agrupamento umas duas vintenas de pessoas tantas quantas vão viver com o magro subsídio da Secretaria de Estado da Cultura e com as receitas da bilheteira.

O espectáculo anterior, «Círculo de Giz, Caucasiano», de Brecht mobilizou todos os esforços e disponbilidades da companhia. Face à política de subsídios actual e à grande despesa para apresentação da peça de Brecth, estará ainda o Grupo 4 em condições de continuar a sua vida independente?

Perguntámo-lo a Rui Mendes que nos garantiu:

«Assistiram ao «Círculo de Giz» umas 60 mil pessoas, a décima parte das quais através de excursões que organizámos em colaboração com a Fundação Gulbenkian e que deverão continuar para o novo espectáculo. Se o subsídio tivesse continuado, o Grupo 4 poderia continuar sem problemas. Assim sofremos muitas hesitações quanto ao caminho a seguir e tivemos de nos privar de muita coisa, até do salário, para podermos preparar outro espectáculo. As perspectivas não são muito optimistas mas julgo que dão para trabalharmos por mais tempo, com dignidade e independência na profissão que escolhemos, o teatro».

Morais e Castro e Irene Cruz num momento da peça que o Grupo 4 estreia esta noite

TEATRO LAURA ALVES
rua da palma Tel. 864756
UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO
a mais divertida comédia portuguesa dos últimos 50 anos
Carlos Miguel no papel de cangalheiro. Tanto transportava cadáveres como espingardas «G 3»
Todas as noites às 21,30
Matinées: domingos às 16 h.
(à 2ª feira não há espectáculo)

TEATRO ABERTO
Telef. 77 09 69
P de ESPANHA
Metro: PALHAVÃ
grupo 4
apresenta
as duas viagens de JOB CARDOSO
de PIERRE HALET
encenação de RUI MENDES
música de PEDRO OSORIO
SUBSÍDIO da SEC
Com: Álvaro Faria • Antonieta Santos • Costa Ferreira • Henriqueta Maya • Irene Cruz • João Perry • Manuel Cavaco • Manuel Mendonça • Morais e Castro • Pedro Osório • Vicente Galfo
HOJE — ESTREIA, às 21.30 horas
TODAS AS NOITES, às 21.30 horas
SÁBADOS e DOMINGOS, também às 16 horas
DESCANSO às Segundas-Feiras
espectáculo não aconselhável a menores 13 anos

MARIA VITÓRIA
TEATRO ☆ TELEF. 361740
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Todos os dias: às 20,30 e 22,45 h.
Aos domingos: «Matinées»; às 16 h.
Às 2.as feiras — Descanso
O GRANDE ÊXITO DO ANO
A SENSACIONAL REVISTA
O BOMBO DA FESTA! (M. 18 ANOS)
REMODELADA! COM NÚMEROS NOVOS!
UM ENORME ELENCO, COM:
SALVADOR E IVONE SILVA
HENRIQUE SANTANA
LYGIA TELLES
CARLOS GONÇALVES ★ HERMAN JOSÉ
IGOR SAMPAIO ★ LUIS MÁRIO
ODETE ANTUNES ★ LINA MORGADO
A ATRACÇÃO JAPONESA YUKIE
A JOVEM FADISTA MARIA DE FATIMA
UM CORPO DE BAILE INTERNACIONAL

ESTREIA AMANHÃ
74920
TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA EM
A INVENÇÃO DO AMOR
Montagem — Desmontagem — Remontagem do poema de DANIEL FILIPE
Encenação e adaptação de FILIPE LAFERIA
Realização plástica de WLADIMIR FRANKLIN
Na CASA DA COMÉDIA Rua S. Francisco Borja (As Janelas Verdes)
Todas as noites às 21,45 h.
Sábados e Domingos também às 18 h.
Descanso da Companhia à 2.ª feira
MARCAÇÃO DE BILHETES PELO TELEF. 60 72 99
Subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura

PUB.
COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
DIARIAMENTE ÀS 21.30 HORAS
EM MAIO...
— TEXTO COLECTIVO —
SÓ ATÉ DOMINGO
SUBSÍDIO DA SEC — PREÇO: 40$00
PRAÇA DE ESPANHA — METRO PALHAVÃ — TELF. 762624

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A PARTIDA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ · TEL 87 42 80
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
Um grande manguito nas tristezas
«MATINÉES» AOS DOMINGOS, ÀS 16 HORAS
Não aconselhável a menores 18 anos

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR · Augusto Boal
elenco · «A Barraca»
Dias úteis · 21H15
Folga · 2.ª feira
MATINÉES:
SAB: 16H00
DOM. 18H00

TRINDADE-INATEL
1383
GRUPO de CAMPOLIDE
Às 21.30 (todas as noites — excepto ao domingo e à segunda). Domingo tarde às 16 (N. acons. a m. 13)
2.º MÊS DE ÊXITO
O MELHOR ESPECTÁCULO
ACTUALMENTE EM CENA EM LISBOA
MANUEL RIO DE CARVALHO
(«EXPRESSO»)

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

SE EU DISSER "QUE GRANDE VACA!" FALO DA TV OU DA CORNÉLIA?

Passa da meia-noite, O pobre do locutor acaba de nos dar a mais acabada prova de antilocução. Como é hábito, mas ontem com refinamento. Nem compreensão do texto, demonstrada pelo ritmo de leitura ou por outra: pela falta de ritmo, nem qualidades de pronúncia decente. As palavras empasteladas, as letras comidas ou falsificadas — de tudo isso houve mais completo festival do que em Wembley.

Percebo. Deve ser a isto que se chama a hierarquia das sempetências.

AUTOMOBILISMO E AUTOCLISMO

De qualquer modo, posso dormir repousado. Levo o papinho cheio de dirigentes americanos e de notícias sobre Israel. Além disso, ainda nos comunicam informações urgentes sobre sonambulismo, perdão, sobre automobilismo.

Por aqui já se pode avaliar a importância deste último Telejornal. Não fora ele, e como nos governávamos nós para saber aquilo que tem realmente interesse para o nosso país?

A menos que, ao falar nocturnamente de automobilismo, o Ribeiro Soares pretenda fazer humorismo.

Com o que apenas consegue transformar a Televisão em autoclismo.

CARNAVAL

Gonelha. O documento Gonelha, em carne e osso. O documento ministrado. Gonelha a receber a Comissão de Redacção da Carta Aberta. Com um depoimento. O chamado depoimento Gonelha. **Sindicatos democráticos** para a direita, **sindicatos democráticos** para a esquerda...

Gonelha escaravelha expressões do arco-da-velha, diante de uma televisão de cócoras, com aquele faro que lhe aponta o caminho donde sopram os ventos da direita. Os gases da direita.

Também conhecidos por garrafinhas de mau cheiro próprias do carnaval, em geral.

E do Carnaval Gonelha em particular.

REINA A CALMA

José Alberto de Sousa, enviado especial a Espanha não sei quê **um Portugal enfim calmo...**

Reina a calma. As violências sobre a Reforma Agrária não significam que não haja calma em Portugal.

A calma reina no país.

Verdade que a informação bem, que os salários se congelam, que empresas são entregues a patrões sabotadores. Na calma.

A calma reina no país.

Verdade que a infoemação na TV é reaccionária, mas feita numa calma exemplar. Verdade, para cúmulo, que o fascismo, com a capa do separatismo, explode nos Açores, causa vítimas, busca desagregar a unidade de Portugal.

Verdade que sim. Mas José Alberto de Sousa (tão juvenil!, ainda engatinhará?) fala em Madrid, de **um país enfim calmo.** A provar que a palavra é muito elástica.

É mesmo uma pastilha elástica.

O ÍSSIMO

Ligeiríssimo dizia-se que acabava. Nunca acreditei.

Porque **ligeiríssimo** é mais do que um símbolo: é uma alma. As almas, por definição, não morrem. Enquanto houver Penalva na TV, **ligeiríssimo** continua.

Para nos dar aquilo que ninguém daria, mesmo, na Televisão portuguesa. Para fazer os fretes que ninguém aceitaria, mesmo na Televisão portuguesa. Para ser tão pobre tão coisa nenhuma e tão sem vergonha de si própria que, nem mesmo na Televisão portuguesa, ninguém ousaria ser.

Ligeiríssimo é o **íssimo** com que toda a mediocridade sonha.

CORNÉLIA: AS TETAS PROMETEM

A sessão experimental da visita da **Cornélia** demonstrou estarmos em presença de um concurso com possibilidades de interessar a audiência.

Certamente uma coisa é a sessão experimental, com pessoas mais ou menos do ofício, outra são as sessões com concorrentes a sério. Mas, ao contrário do que possa parecer, o concurso a sério ganhará em novidade, em vida, em (Deus me perdõe!) em pureza. Mal será que alguém se meta nele apenas para ganhar os muitos dinheiros os muitos automóveis que por lá se oferecem. Esses terão de enfrentar situações difíceis. Oxalá a sorte ao acto de concorrer (e um dos mais graves defeitos deste concurso consiste em deixar à sorte apenas essa possibilidade) caiba a alguém desejoso de agarrar a ocasião pelos cabelos para se afirmar, para conquistar aquilo que os circuitos habituais lhe não consentem.

Como ontem já se viu, a intervenção do juri vai ser valiosa na dinamização do concurso. Todos eles à sua maneira — com particular realce para Luis de Sttau Monteiro, Raul Calado e Paulo Renato — souberam encontrar maneira, de com humor e inteligência, provocar a controvérsia **com o telespectador** isto é: procuraram fazê-lo funcionar, na ciência, de que ele é, na realidade, a peça essencial daquela engrenagem.

Mais algumas notas rápidas.

O concurso parece excessivamente longo. A regra de ouro em televisão manda procurar o tempo exacto. Tal como o escultor pratica em relação à pedra, a televisão deve tirar o tempo que está a mais.

O diálogo humorístico com a vaca, a **Cornélia,** não resultou. Resultaria muito mais se as suas palavras estivessem na boca de Solnado. Isto porque só na boca do Solnado certas palavras, certas expressões conseguem ter verdadeiramente graça. O certo é que o público presente não reagiu, em geral, como se esperaria. Os responsáveis do programa buscarão as razões e os remédios. As sessões experimentais servem para isto, também.

Finalmente: a breve actuação de Simone prova que ela está no bom caminho quanto ao aproveitamento das suas condições reais. Aquela voz velada pode revestir-se de um especial encanto. Sem pretender apontar modelos, aconselhar-lhe-ei o estudo de Maisa Mattarazzo. Os artistas devem servir de oficinas uns dos outros. A conselhar-lhe-ei a eliminação (ou quase) da gesticulação: que tudo esteja na voz, não a afogue como aos bebés no berço.

Quanto ao Raul Solnado, não se percebe o papel dele no meio daquilo tudo. Fazer o que fez, é pouco. Qualquer locutor o faria, e talvez melhor. Solnado não dá para burocracia.

Hoje

Os Marretas

I PROGRAMA

1.º Período:
13.30 **Ciclo Preparatório TV.**
18.05 Fecho.
2.º Período:
18.45 Abertura e **Peço a Palavra** — «As Férias».
19.15 **«Um, dois, três... é a tua vez».** Um programa de marionetas.
19.45 **Telejornal** — FLASH.
19.50 **Telecinema** — Magazine de actualidades cinematográficas.
20.20 **Gabriela, cravo e canela** — Original de Jorge Amado. Adaptação de Walter Durat. Produção da Rede Globo de Televisão. Realização de Walter Avancini.
21.00 **Telejornal** — 1.ª edição.
21.45 **Os Marretas** — O famoso «muppet show» da Televisão Independente Britânica, que tanto êxito está a alcançar nas mais importantes estações de televisão de todo o mundo, conta hoje com a presença da conhecida actriz Juliet Prowse.
22.15 **Mosaico** — Debate sobre problemas relacionados com o ensino do jornalismo. Problemas da informação em geral, em dabate por responsáveis. Reportagem na Roménia.
23.45 **Telejornal** — 2.ª edição.
00.00 Fecho.

II PROGRAMA

21.02 **Sinfonia fantástica de Berlioz.**
22.00 **Cidades, centros, Novas formas de vida** — Aspectos de urbanização moderna, cidades satélites, arquitectura virada ao futuro. Alguns exemplos e maquetas e empreendimentos de construção.
22.30 **Telejornal.**
23.05 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: **13.30** Ciclo Preparatório TV; **18.05** Fecho. **2.º Período:** **18.45** Abertura e Telejornal — Flash; **18.50** Vamos jogar no Totobola — Os prognósticos para o próximo concurso; **19.10** Eurovisão — Futebol — Final da Taça da Europa dos Clubes Campeões. Transmissão directa do Estádio Olímpico de Roma Comentários do enviado especial Nuno Brás; **21.15** Telejornal — 1.ª edição; **21.55** O Baile dos Bombeiros — (Horima panenko) Um filme realizado por Milos Forman. Ano de produção 1967; **23.30** Telejornal — 2.ª edição; **23.45** Fecho.

II PROGRAMA

... **21.00** O Ciclo da Pedra; **22.00** Opereta — «O País dos Sorrisos». De Franz Lehar Com Renè Kollo e Birgit Pitsch Sarata. Realização de Arthur Mana Rabenatl; **23.45** Telejornal; **00.15** Fecho.

TEATRO Tel. 366745

ABC

Não aconselhável a menores de 18 anos

Hoje, 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados matinées às 16 horas

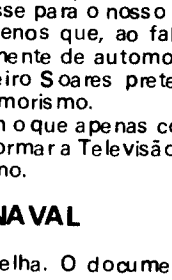
Descanso às 4.as feiras

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

UM SUCESSO ÍMPAR DO TEATRO DE REVISTA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco



FLORBELA em «O Regresso da Pazádinha»

NICOLAU BREYNER

OCTÁVIO DE MATOS

(factor convidado)

VERA MÓNICA

(actriz convidada)

SIMONE DE OLIVEIRA

VICTOR MENDES

ABC DANCER'S

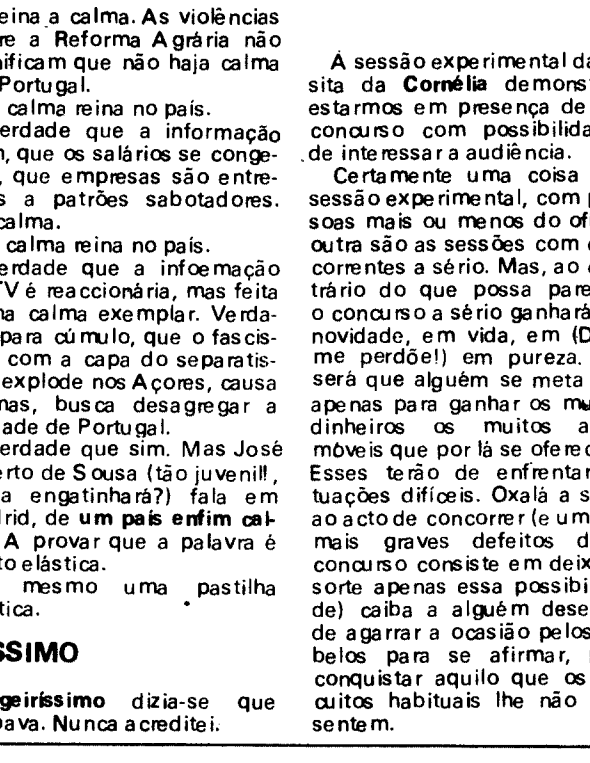
estudio 444

2.ª SEMANA

um filme de ALAIN CAVALIER

ROMY SCHNEIDER

JEAN-LOUIS TRINTIGNANT



DUELO NA ILHA

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

DESCUBRA A HOLANDA

NOS FERIADOS DE JUNHO

AMESTERDÃO

7 DIAS (7 a 13 de Junho)

MADEIRA

8 a 14 de Junho

DESDE

4.830$

Peça programas e inscreva-se já!

Capristanos Viagens e Turismo, S.A.R.L.

Av. Duque de Loulé, 47-A
Telef. 560171 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 267-4.º - Sala 6
Telef. 20208 - PORTO - Inst. Prov.
R. Mouzinho de Albuquerque 47
Telef. 23136 - PORTIMÃO

Maior conforto no uso de

Dentes Postiços

Eis a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um pó especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores fixa as mesmas firmemente, de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradavel. DENTOFIX não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquira hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

TUDOR

BATERIAS · PILHAS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 882786 899826

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS

TELEFS. 280866/7

EDITAL

FRANCISCO JOSÉ DE FARIA TEIXEIRA BASTOS, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS.

FAZ SABER que de acordo com a deliberação do Conselho de Administração destes Serviços Municipalizados, tomada em sua reunião extraordinária de 19 de Maio de 1977, fica suspensa, até ao dia 30 de Junho de 1977, a cobrança da taxa de conservação de colectores, cujo pagamento se encontrava em curso no mês de Maio corrente.

Para constar se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo de todas as freguesias do Concelho.

E eu, José Rodrigues Duarte, Chefe dos Serviços Administrativos, o subscrevi.

Cascais, Secretaria dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Concelho de Cascais, 19 de Maio de 1977.

O Presidente do Conselho de Administração

Francisco José de Faria Teixeira Bastos

ÚLTIMOS DIAS DE LIQUIDAÇÃO

NAS

MODAS HM

RUA DO CARMO, N.º 37

ENCERRA DIA 28 PARA OBRAS

APROVEITE AGORA

RESTOS DE BLUSAS ..... 60$ — 100$00
BIKINIS E FATOS DE BANHO ... 80$ — 180$00
CALÇAS * SAIAS * FATOS, ETC.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

COMANDO-GERAL

CONCURSO

1 — Está aberto Concurso para alistamento de praças na GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.

2 — As normas da documentação necessária para o Concurso, estão patêntes no Quartel do Carmo – Lisboa, nos Quartéis Generais das Regiões Militares e Comandos Territoriais e Postos da Guarda em todo o País.

3 — Os documentos poderão ser entregues até ao dia 30 de Junho do corrente ano.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

PORTUGAL

ACRÓPOLE

Uma equipa portuguesa constituída por José Megre e Teixeira Gomes, pilotando um «Datsun 240z», participará no Rali Acrópole 1977, prova de 2600 quilómetros, dos quais 950 em estradas não asfaltadas, pontuável para o Campeonato do Mundo de Ralis. O 24.º Rali da Acrópole, que se realiza na Grécia de 28 de Maio a 2 de Junho, comporta 52 provas de classificação com uma extensão total de 750 quilómetros.

BRIDGE

António Ferrão e Celso Mascarenhas foram os vencedores do Torneio da Primavera de Bridge, disputado no Centro de Bridge de Lisboa, com a participação de 38 pares. A classificação das cinco primeiras equipas foi a seguinte: 1.º António Ferrão/ Celso Mascarenhas, 1628 pontos; 2.º José Luís Simão/ Eduardo do Carmo, 1545; 3.º António Palma Carlos/ José Carlos Arantes Oliveira, 1543; 4.º Miguel Ascensão/ Luís Folque, 1520 e 5.º José Grácio Ribeiro/Ana Maria Teixeira, 151.

CICLISMO

Portugal estará representado por uma equipa no I «Mundial» de juniores de ciclismo, que terá lugar no próximo mês de Julho, em Viena (Áustria) — revelou à A OP Idalino de Freitas, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo. Os jovens corredores portugueses competirão na prova individual de estrada e no contra-relógio por equipas, a disputar, respectivamente, nos dias 10 e 13 de Julho.

PESCA

João Francisco Condado Diegues, de Bragança), foi o vencedor do concurso de pesca à truta organizado pelo Clube de Caça e Pesca daquela cidade. Participaram numerosos pescadores, apesar das condições atmosféricas não terem sido as melhores. As provas tiveram lugar nos rios Baceiro, Tuela e Rabaçal. Os quatro primeiros classificados foram: 1.º João Francisco Condado Diegues (Bragança); 2.º Luís Borrajo (Régua); 3.º Armando Alexandre Rebelo (Bragança), e 4.º Isaía de Matos (Chaves).

JOAQUIM DE SOUSA NOS EUA

Associações na agenda

A convite do Governo dos Estados Unidos viajou ontem para aquele país o secretário de Estado da Juventude e Desportos. Joaquim de Sousa terá nos «states» conversações com os responsáveis pelo desporto dos EUA, efectuará visitas a centros desportivos e manterá contactos com as comunidades portuguesas, nomeadamente com as suas associações desportivas e culturais, «que têm de ser apoiadas» acentuou.

O secretário de Estado da Juventude e Desportos salientou ainda que no decurso da sua estada nos EUA terá conversações, destinadas a concretizar as modalidades desportivas prioritárias constantes do protocolo de intercâmbio assinado entre Portugal e os Estados Unidos. Joaquim de Sousa anunciou também que neste momento estão em fase de negociação acordos com a República Federal da Alemanha e com a França, contemplando, este especialmente, o desporto escolar. Depois de se referir também ao acordo assinado recentemente com a Espanha, assinalou ainda estarem em curso negociações para a concretização do acordo firmado entre Portugal e o Senegal.

Entretanto, o secretário de Estado da Juventude e Desportos adiantou ainda encontrar-se já assinada a portaria que cria o Conselho Superior da Educação Física e Desportos. Segundo Joaquim de Sousa, a referida portaria é assinada pelo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (Ramalho Eanes), pelo ministro da Defesa (Firmino Miguel), pelo ministro do Trabalho (Maldonado Gonelha), pelo ministro da Educação e Investigação Científica (Sottomayor Cardia) e pelo secretário de Estado da Comunicação Social (Roque Lino).

O Conselho Superior de Educação Física e Desportos destina-se a prestar apoio consultivo de carácter permanente à Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, emitindo pareceres sobre as linhas gerais orientadoras do desenvolvimento da educação física e dos desportos. Compete-lhe também estudar formas de promover actividades entre os diversos sectores nele representados.

Aquele organismo será integrado por doze membros, dos quais uns serão nomeados e outros eleitos. Estarão ainda representados no Conselho o Comité Olímpico Português, as Federações Desportivas, as Comissões Centrais de Árbitros e os Jornalistas Desportivos, através de um profissional indicado pelo Clube Nacional da Imprensa Desportiva (CNID).

LÁ FORA

BASQUETEBOL

Com o apuramento das selecções da Holanda, França, Áustria e Finlândia para a fase final do Europeu de Basquetebol, terminaram as eliminatórias da prova, que decorreram em Helsínquia. A última ronda forneceu os seguintes resultados: Finlândia-Hungria, 70-66; Áustria-Polónia, 81-70; e França-Holanda, 72-67. Às quatro equipas apuradas juntar-se-ão as outras oito já qualificadas, disputando as doze finalistas a fase última do campeonato europeu que decorrerá na Bélgica de 15 a 26 de Setembro.

As equipas presentes na final: Holanda, França, Áustria, Finlândia, Polónia e Hungria, que se classificaram, por esta ordem, no apuramento de Helsínquia, e, ainda, a Jugoslávia, Checoslováquia, Bélgica, Espanha, União Soviética, Bulgária, Israel e Itália.

MAERTENS

Apesar de não se ter imposto no sprint final da etapa de ontem (Foggia-Isernia), na distância de 166 quilómetros (pertenceu ao transalpino Simonne Fraccaro a vitória) o belga Freddy Maertens continua no comando do «Giro». Francioni ficou em segundo na etapa e o vencedor da «Vuelta» foi o terceiro, logo seguido de Gavazzi, Borgnoni e Moser. Na geral, a seguir a Maertens, temos: Moser (a 3 segundos) Knudsen (a 20), De Muynck (21), Baronchelli (25), Cima (a 30), Pollentier e Panizza (a 31), Gimondi (33) e Ovies (a 33 segundos também).

MAZZOLA

Mazzola decidiu deixar da prática do futebol e, talvez, assumir funções directivas no clube da sua vida: o Inter. No passado domingo, em Milão, «Sandro» Mazzola, o «grande» do futebol italiano, jogou provavelmente o seu último encontro de competição nacional. Em dezasseis anos de vida desportiva, Mazzola filho do lendário Mazzola do Torino que morreu juntamente com todos os companheiros de equipa na catástrofe aérea de Superga, no regresso de Lisboa, aonde a equipa fora participar na festa de homenagem ao jogador do Benfica Francisco Ferreira conquistou todos os títulos possíveis. Juntamente com o seu companheiro de equipa, o defesa Facchetti, e o guarda-redes Zoff, do Juventus, Mazzola e estes são praticamente os únicos que ainda restam como internacionais da selecção que no México se classificou em segundo lugar no Campeonato do Mundo.

TOTOBOLA

Jogue connosco

1	Beira-Mar - Leixões	1
2	Monlijo - Portimon	X
3	Sporting-Belenenses	X
4	Braga - Boavista	1
5	Estoril - Setúbal	2
6	Beira-Mar - Leixões	2
7	Monlijo - Portimonense	X
8	Porto Guimarães	1
9	Atletico Benfica	X
10	Sporting Belenenses	1
11	Braga - Boavista	1
12	Estoril - Setúbal	2
13	Varzim-Academico	X

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

Com o espírito de solidariedade que une os trabalhadores rodoviários a todos os trabalhadores na luta por melhores condições de vida e pelo fim da exploração do homem pelo homem, a DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA SOLIDARIZA-SE COM A LUTA DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS.

- CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!
CONTRA O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA!
- CONTRA OS DESPEDIMENTOS!
- POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA!
- PELO CUMPRIMENTO DA CONSTITUIÇÃO!
- UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 23 de Maio de 1977

A DIRECÇÃO

CODILIVRO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

«CODILIVRO-COOPERATIVA DE DIVULGAÇÃO E PROMOÇÃO DO LIVRO SCARL»

Sede social: Praça Dr. Pinheiro Torres, n.º 2 - A (Benfica), Lisboa

Nos termos do artigo 11.º dos Estatutos, fica convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa, para se reunir no dia 24 de Junho do corrente ano, na sede social, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Discutir, aprovar ou modificar o balanço, contas e relatório da Direcção, bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976;
2. Proceder à eleição dos corpos sociais para o exercício de 1977; e
3. Discussão e aprovação de quaisquer outros assuntos de interesse da Cooperativa.

Não havendo número legal de sócios para a assembleia funcionar à hora indicada, fica a mesma convocada para sessenta minutos depois, a qual funcionará com qualquer número de sócios presentes, nos termos do n.º 1 do artigo 14.º dos Estutos

Lisboa, 23 de Maio de 1977

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

(Dr. José Fernando Orozco Paneiro)

Torres Vedras

REINALDO FERREIRA DA SILVA

FALECEU

CASA REINALDO-PRODUTOSALIMENTARES, LDª., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio gerente sr. Reinaldo Ferreira da Silva, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 25, pelas 13 horas, da Igreja da Misericórdia de Torres Vedras para o cemitério local.

Torres Vedras

REINALDO FERREIRA DA SILVA

FALECEU

Esposa, filha, genro e irmão cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu marido, pai, sogro e irmão e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 13 horas da Igreja da Misericórdia de Torres Vedras para o cemitério local.

AMANHÃ, COM A RTP EM ROMA

Liverpool-Borussia: a final que a Europa vê

Estão já vendidos todos os bilhetes do Estádio Olímpico de Roma, onde amanhã (19 e 15), com a RTP em cima do acontecimento (de vez em quando é necessário convencer o pagode e alienar as massas) se defrontam os campeões da República Federal da Alemanha (Borussia de Moenchengladbach) e da Inglaterra (Liverpool). Mas não é, todavia, nessa condição — pelo menos em relação à época agora finda — que duas das melhores equipas europeias se encontram: é, isso sim, como finalistas das Taças dos Clubes Campeões Europeus.

Expletivo será tecer considerações em torno do que o «match» poderá ser ou à partida significa. A Taça dos Campeões Europeus de Clubes é, como a sua nomenclatura o assinala, a mais importante prova do continente para clubes, na qual participam, e são sucessivamente eliminados todos, à excepção dos finalistas (amanhã o Liverpool e o Borussia, mas já tivemos, outrora, o Benfica, o Real Madrid, o Inter e, mais recentemente, o Ajax e o Bayern). Os participantes do desafio de Roma demonstraram ser, em diversos períodos da prova, os mais categorizados conjuntos europeus.

O Liverpool, que no último sábado deixou escapar-lhe, como pudemos ver através da RTP, a Taça de Inglaterra, é tão favorito como o seu opositor. Amanhã, ao contrário de há quatro dias, poderá contar com o internacional galês John Toshack, que há dois meses tem estado afastado por lesão, da equipa principal. Toshack faz parte, com efeito, dos 16 convocados para a «grande batalha», na qual também estarão presentes, pelo lado britânico, o famoso Kevin Keegan, o guardião Roy Clemence, o defesa-atacante Ray Kennedey, o internacional Hughes, o terrível James Case e Steve Case, entre outros. O técnico é Bob Paisley. O Borussia, por seu turno, fará descer ao relvado romano todas as suas vedetas, das quais será oportuno destacar os internacionais Uli Stielik (que já garantiu (que já garantiu aos adeptos da equipa que não continuará na RFA e pensa transferir-se para o Real Madrid), Jupp Heynckes (homem-golo) e Berti Vogts (veterano defensor que aparece amiudadas vezes integrado no ataque). Na sua composição inicial teremos ainda, segundo informações procedentes de Dusseldórfia, o dinamarquês Simonsen. O célebre Udo Latek, que conduziu a carreira europeia do Bayern de Munique nos últimos anos, é o técnico da equipa.

Enquanto, para chegar à final, o Liverpool (que pelo caminho encontrou adversários perfeitamente ao seu alcance) eliminou o Cruisaders (Irlanda do Norte), o Trabzonspor (Turquia) e o Saint-Etienne e o Zurique já nos últimos confrontos europeus, ao Borussia coube o Áustria de Viena, o Torino, o Brugeois (resultados: 2-2 e 1-0) e o Dínamo de Kiev (0-1 e 2-0), que acompanhamos pela TV.

Paul Wurtz, o árbitro escolhido pela UEFA para a final da Taça Europeia de Futebol, tem a alcunha de «Nijinski do Apito». Wurtz, de 35 anos, alsaciano de nascimento, passou a ser conhecido por essa alcunha quando arbitrou no Brasil, onde o comparavam a Nijinski, o famoso bailarino russo que arrebatou multidões com a sua agilidade e graça, pela forma como arbitrava, correndo velozmente no campo, para observar todos os pormenores do jogo, e gesticulando com os jogadores. A Wurtz, antigo jogador profissional que alinhou no Racing Club de Estrasburgo, foi pedido para arbitrar no campeonato brasileiro, mas rejeitou a oferta.

BARROS

Barros e Moinhos estiveram domingo no Bessa, onde presenciaram o Boavista-Sporting. Entretanto, no Norte, noticia-se que aqueles dois futebolistas do Benfica (o primeiro oriundo de Matosinhos, e Moinhos da equipa axadrezada), embora com contrato por mais dois anos com a equipa da Luz devem mudar de ares esta época, reforçando a equipa de Caiado (Boavista). De acordo com a Imprensa do Porto, csdois jogadores estariam decididos a abandonar o campeão português em troca daquele clube portuense. Verdade?

ZÉ HENRIQUE

O guardião que o Benfica perdeu temporariamente em Odivelas (fractura do braço e longo afastamento dos campos da bola), que sexta-feira teve toda a equipa nos preparativos iniciais para a sua festa de homenagem, poderá já dizer que Spencer fará a sua estreia na Luz (era do Almada) em 1 de Junho próximo. Manuel da Luz Afonso, um dos homens que conduziu a selecção portuguesa, em 1965 e 1966, ao terceiro lugar do Campeonato do Mundo (em Londres) fará o elogio do guarda-redes encarnado. Entretanto, a selecção que se apresentará em Lisboa deverá ser constituída assim: Fonseca (Conhé); Vieira, Mário João, Freitas e João Cardoso; Frasco Wilson e Marinho (Braga); Sousa, Jailson e Keita.

MARINHO

Presentemente no Canadá, o atacante leonino, segundo informações provenientes do Funchal, deverá recomeçar o quadro do Marítimo na próxima época, e assim reencontrar Nelson, seu antigo companheiro no Sporting, bem como o técnico Pedro Gomes.

Os campeões nacionais antes do encontro de domingo na Luz contra o F. C. do Porto

Benfica: direcção pode negociar sede

Com fraca participação (cerca de centena e meia) de associados do Benfica, foi ontem votada na assembleia geral do clube uma proposta segundo a qual são dados plenos poderes à direcção encarnada para proceder à permuta da actual sede, propriedade do SLB, por terrenos que a Câmara Municipal de Lisboa outorgará em troca, nas proximidades do actual parque de jogos, e efectuar assim todas as diligências necessárias à operação.

A proposta aprovada teve de ser votada em alternativa a uma outra, subscrita por Fernando Oliveira e Silva, que preconizava mais amplos poderes, para a troca em questão, para a actual direcção e a que vier a ser empossada. Assim, a direcção do Benfica pode negociar com a CML a cedência dos terrenos do Estádio da Luz, de modo a que o clube materialize a concretização do projecto que tinha para a actual sede.

Já depois de encerrados os trabalhados Justino Rinheiro Machado propôs que a direcção fizesse um voto de louvor à RTP por ter evocado, através de Mário Zambujal, Alves dos Santos, Costa Pereira e Ângelo, a histórica final europeia de Berna (1962), enquanto Martins Canaverde apresentava as suas despedidas por presidir à última assembleia, dado que o seu mandato termina em breve.

PUB

FEDERAÇÃO REGIONAL DOS SINDICATOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO SUL E ILHAS ADJACENTES

E

FEDERAÇÃO REGIONAL DO NORTE

DOS SINDICATOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO

PARALISAÇÃO DO SECTOR METALÚRGICO

DIA 26.5.77

COMUNICADO

Anunciada publicamente a paralisação em epígrafe pela Comissão Sindical Negociadora do CCTV para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica, da qual estas Federações fazem parte, entendemos tornar público o seguinte:

De acordo com as decisões da Reunião dos Sindicatos de Escritório realizada nesta Federação no dia 18-5-77, para análise da paralisação do dia 13 p.p. e medidas a tomar para o futuro, **não apoiamos a referida paralisação e manifestação do dia 26-5-77**.

Não nos opomos a razões concretas, que justificam tomadas de posição, em defesa dos direitos adquiridos e interesses de todos os trabalhadores.

Mas porque esta luta é efectuada depois da publicação da PRT, pensamos que só após os trabalhadores tomarem conhecimento da matéria daquela regulamentação de trabalho e das situações desfavoráveis que a mesma lhe venha a impor, se criam as condições indispensáveis para que os trabalhadores de uma vez por todas, tomem a posição que intenderem mais conveniente para que os seus justos direitos e aspirações sejam uma realidade.

Esta nossa posição foi divulgada na reunião da Comissão Sindical de Negociações onde se discutiu este problema.

No entanto, a mesma não foi tomada em conta e a paralisação surge, de acordo com a informação de alguns jornais nos dias 17 e 18 p.p., dada pela Federação dos Sindicatos dos Metalúrgicos, antes da reunião da CSN para decisão das medidas a tomar.

Lisboa 20 de Maio de 1977

Pela Federação Regional dos Sindicatos Empregados Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes

Pela Federação Regional do Norte dos Sindicatos Trabalhadores Escritório

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o concurso público seguinte:

Concurso público N.º	Aquisição de:	Caução provisória	Abertura das propostas	
			Data	Hora
1/77 F	Medicamentos - Matérias-primas - Produtos pró-análise Ampôlas de vidro Bisnagas Envólucros	1000$00	7/6/77	10.00

As propostas devem ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento, até às 17 horas do dia 6 de Junho de 1977.

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nestes Serviços, todos os dias úteis das 09.00 às 12.30 e das 14.00 às 17.30 horas e aos sábados das 09.30 às 13.00 horas.

Coimbra, 13 de Maio de 1977

Pel'O Director dos Serviços de Apoio Geral,
(Aprovisionamento)
Gilberto Pinto Ângelo

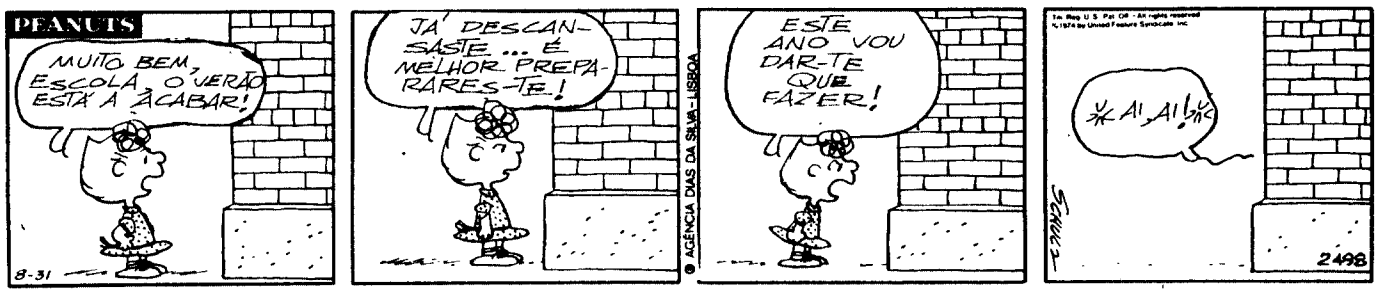
Compre já e pague até 40 meses mini-casa com 500m² terreno perto da praia, por 110 contos.

Com tamanhos, áreas e em locais diversos. Sem e com mobiliário tipo "camping".
Faça a sua marcação de compra. Informe-se sem compromisso - Apartado 1.408 • Lisboa 1

TMT's substituem Tribunal da Força Aérea

. Por considerar que não se justifica, de momento, a existência do Tribunal Militar da Força Aérea, o Conselho da Revolução determinou, por portaria publicada no «Diário da República», que tal competência seja atribuída aos Tribunais Militares Territoriais.

Esta situação está, aliás, prevista no Código de Justiça Militar.



NO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DO CRM

Rui Simões estreou novo filme

PORTO, 24 — Anteontem em S. Pedro da Cova, e encerrar as comemorações do 2.º aniversário do Centro Revolucionário Mineiro, foi exibido, em estreia, um filme do realizador de «Deus, Pátria, Autoridade», filmado no ano findo naquela localidade do concelho de Gondomar e no qual se evoca a vida dos mineiros, lutas do passado e transformações verificadas depois do 25 de Abril. O realizador Rui Simões esteve presente, participando nas discussões com o público. Este, na sua maioria constituído por pessoas da freguesia ligadas à vida das minas, acompanhou com grande entusiasmo a projecção. Durante as filmagens o povo de S. Pedro da Cova, sobretudo os homens e as mulheres que trabalham na antiga Companhia das Minas do Carvão, participou activamente, interpretando algumas reconstituições de um passado doloroso de fome, doença e repressão que ainda não esqueceu.

Esta obra de Rui Simões, «S. Pedro da Cova», é uma série constituída por três curtas metranges — «O Museu», «O Que a Mina Deixou» e «Para Além da Mina», inicialmente destinado a um programa da televisão para a educação de adultos. Organizado pela Direcção-Geral da Educação Permanente, que não chegou a ser concretizado. De salientar que a primeira parte desta série sobre S. Pedro da Cova, «O Museu», foi o único filme português seleccionado para o próximo Festival de Cinema de Berlim. O Museu em questão é a valiosa recolha do passado das minas que o Centro Revolucionário Mineiro e a população de S. Pedro da Cova reuniu, desde a ocupação das velhas e abandonadas instalações, em 1975, e que se encontra no edifício onde funcionaram os escritórios da companhia. Parte importante desse museu, conforme o «DL» referiu em reportagem, há um ano, no 1.º aniversário do CRM, é dedicada ao historial das greves dos mineiros.

Nestes dois dias de comemorações, centenas de pessoas, quer da região, quer do Porto deslocaram-se a S. Pedro da Cova. No sábado à noite cantaram, entre outros, Sérgio Godinho, Vitorino, Fausto e José Mário Branco.

FUGA DE PRESOS

PORTO, 24 — Dois reclusos da Colónia Penal de Santa Cruz do Bispo, em Matosinhos, evadiram-se, ontem ao princípio da tarde, «nas barbas» de um guarda que se encontrava a vigiá-los.

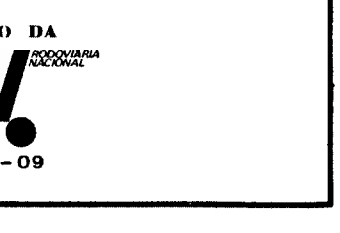
Os fugitivos, Valentim Pereira da Cunha, de 32 anos, natural de S. Pedro do Sul e Albano Pinheiro, de 47 anos, de Aguiar da Beira, encontravam-se integrados, conjuntamente com outros cinco reclusos, numa brigada profissional de trabalho, e procediam, momentos antes da fuga, à recolha de mato num terreno contíguo ao aeroporto das Pedras Rubras.

O guarda ainda tentou detê-los, disparando alguns tiros, mas em vão.

Supermercado cooperativo

ESPOSENDE, 24 — A inauguração do primeiro supermercado cooperativo desta vila terá lugar depois de amanhã, pelas 16 horas, com a presença do governador civil de Braga e do presidente da Câmara local.

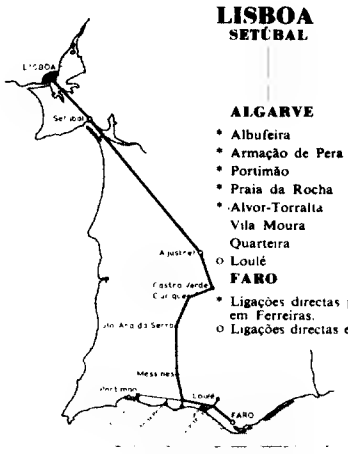
O novo supermercado resulta de uma inciativa de expansão cooperativa promovida pelos «Novos Pioneiros» de Braga.



AMSTERDAM
1 semana
PARTIDAS:
Julho 17, 24, 31
Agosto 7, 14, 21, 28
Preços desde 8.650$
Incluindo:
• Viagem aérea
• Transporte em Autopullman
• Estadia no hotel
• A visita constante do programa
• Acompanhante
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade 160 • Telef 371341
PORTO Av dos Aliados 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs 27011/2
FARO Rua Cons Bivar 65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PALMA DE MAIORCA
PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
TODAS AS 4as FEIRAS
DE: 6 DE JULHO A 28 DE SETEMBRO
1 SEMANA
Preços excepcionais desde * 4.790$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av da Liberdade 160 • Telef 371341
PORTO Av dos Aliados, 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs 27011/2
FARO Rua Cons Bivar 65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

EXPRESSO O ALFAGAR
Viagens directas em Autocarros Pullman
LISBOA - ALGARVE - LISBOA
Serviços Diários nos dois Sentidos



	Part.	Cheg.
LISBOA	18.00	11.45
SETÚBAL	18.53	10 52
ALGARVE		
* Albufeira	22.55	6.50
* Armação de Pera	22.57	6.48
* Portimão	23.25	6 20
* Praia da Rocha	23.30	6 15
* Alvor-Torralta	23.35	6.10
Vila Moura	22.59	6.47
Quarteira	23.05	6.42
o Loulé	23 25	6 15
FARO	23 30	6.15

* Ligações directas por antena em Ferreiras.
o Ligações directas em 4 estradas

PARA INFORMAÇÕES E RESERVAS
LISBOA
R. N (CEP-09)
Av. Santos Dumond, 57
(À Praça de Espanha)
Tel. 775245-768954
CLARAS TURISMO
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Tel. 563451
SETÚBAL
Estação R. N. - Tel 25051
ALGARVE
Estações R. N.
Hoteis - Dep Turismo

ORGANIZAÇÃO DA RODOVIÁRIA NACIONAL
R.N.
CEP-09

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava encoberto e chovia nalgumas regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 28,6º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 2,5º

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco; aguaceiros nas regiões montanhosas do interior durante a noite, melhoria para o dia de amanhã com diminuição de nebulosidade.

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	15º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	15º
SAGRES	15º
FARO	18º
P. DELGADA	17º
FUNCHAL	17º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.50	3,3 m	0.08	1,4 m
19.05	3,5 m	12.23	1,6 m
Dia 25			
7.41	3,3 m	1.02	1,6 m
20.01	3,4 m	13.21	1,7 m
Dia 26			
8.45	3,3 m	2.08	1,6 m
21.09	3,4 m	14.34	1,7 m

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.17
OCASO ÁS 20.50

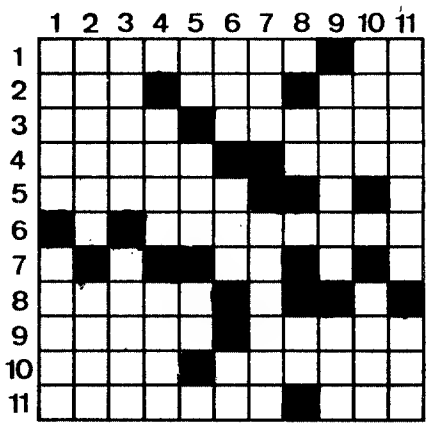
Dia 26 Dia 1 Dia 8 Dia 16

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11749

HORIZONTAIS:

1 Guizo. Aqui.
2 Naquele lugar. Meios de subsistência. Carro de duas rodas, de origem inglesa, que o cocheiro guia da parte de trás.
3 Planaltos. Alastra por.
4 Que é do ar. Guarnecer de asas.
5 Deras mios.
6 Prolongava.
7 Pronome reflexo.
8 Tratar por tu.
9 Sulco. Cobrem.
10 Papá (infant). Enrubescera.
11 Guarnecerias de asas. Grande quantidade.



VERTICAIS:

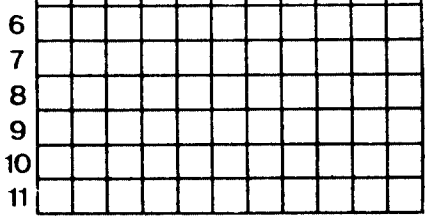
1 Apanham. Nome de mulher
2 Estranho. Irmãs da mãe.
3 Fechara as asas para descer mais depressa. Despesa.
4 Tempo do verbo ser. Classe (inv).
5 Deus dos pastores (inv). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Batráquio.
6 Tempo do verbo ir. Saudáveis. Centiare.
7 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Sobras.
8 Vossa Alteza. Alteza Real.
9 Crosta. Igual.
10 Pronome indefinido. De preço elevado.
11 Desviar do que é natural ou normal. Abismo (fig).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7809

VERTICAIS:

1 Louvas. Diz-se do boi de pelo amarelo com manchas pretas (Bras).
2 Amónio (s.q). Chinela de Cordovão.
3 Roer. Sacrifica.
4 Esteiros. Araras.
5 Guarneço de asas. Aplanara.
6 Gostar muito de. Apelido.
7 Figura que simboliza o povo americano. Aio de D. Afonso Henriques. Isolado.
8 Organização do Tratado do Atlântico Norte. Grande ribeira da Ásia Russa.
9 Penetras. Afia.
10 Seguia. Nome de mulher.
11 Instrumentos para atirar setas. Cidade de França.



HORIZONTAIS:

1 Unhas. Cap. da Bulgária.
2 Estimais. Tratar por tu.
3 Tanto. Oceano.
4 Desejas. Rio da América do Sul.
5 Ribeira de Portugal. Estime. Sadias.
6 Inunda.
7 Apelido. Cólera. Fileira.
8 Ramadas. Adicionar.
9 Rezas. Moderato.
10 Reprimiras. Nome de planeta.
11 Protecção (fig). Olé.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11748

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 EM. MAIO Bar.	1 Ecos. Passar.
2 Cab. Afinada.	2 Mar. Carear.
3 Orem. Rolim.	3 BEBE O BOI.
4 Barra. Ata.	4 Mad. Sio.
5 Cedia. Roa.	5 Aa. Ria. Aida.
6 Pá. Abre. Im.	6 If. Raba. Ain.
7 Aros. Sa.	7 Oira.
8 Sé. Ia. Vós.	8 NO. REGO. Cu.
9 Saboia. Ror.	9 Balão. Sras.
10 Discara.	10 Aditais. Ore.
11 Iman. Usem.	11 Rama. Marram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7808

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Massa. Canal.	1 Mancara. Eça.
2 Arear. Amena.	2 Ar. Os. Natal.
3 To. Gaio.	3 Setas. Aramá.
4 Coa. Pós. Noa.	4 São. Aula. Ag.
5 Assais.	5 Ar. Pi.
6 Tronco.	6 Gostaria.
7 Anal Áureas.	7 Caas. Ruo. Dá.
8 Ará. Roto.	8 Ami. Cortais.
9 Eta. Bi.	9 Neon. Neo. As.
10 Cama. Adiara.	10 An. Orça. Cré.
11 Alaga. Asses.	11 Lava. Osa. Ás.

PROVÉRBIO Em Maio, bebe o boi no rego

farmácias de serviço

LISBOA

ALVALADE — Av. Igreja, 18-A. Telf. 892070.
ALVES DE CARVALHO — Rua Vale de Santo António, 7-9. Telf. 840125.
AMOREIRAS (das) — P.ª Águas Livres, 8-D. Telf. 681515.
BARROS GOUVEIA — Rua Vale Formoso de Cima, 79-B. Telf. 382180.
BIOTIFAR — Rua D. João de Castro, 27-B. Telf. 638824.
BOM SUCESSO — Rua Bartolomeu Dias, 63-A. Telf. 611454.
CAPUCHOS (dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Telf. 572076.
CENTRAL DOS OLIVAIS — Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C. Telf. 315539.
COSTA — Rua Lusíadas, 30. Telf. 636704.
DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Telf. 45225.
GASPARINHO — Rua Dr. Gama Barros, 54-A. Telf. 890465.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telfs. 720703-728395.
ONILDA — Av. João XXI, 13-A. Telf. 728848.
OURIQUE — Rua Freitas Gazul, 32-B. Telf. 671667.
PRATES E MOTA — Rua da Beneficência, 91. Telf. 773728.
PROGRESSO — Estr. A-da-Maia, 64-C. Telf. 702226.
PROVIDÊNCIA — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C. Telf. 770324.
SANITAS — Pra. Luís de Camões, 24. Telf. 322798.
REIS GARRIDO — Rua Janelas Verdes, 90. Telf. 662327.
S. JOSÉ — Rua dos Anjos, 41-A. Telf. 570730.
S. MARÇAL — Rua de S. Marçal, 100. Telf. 375318.
S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-C. Telf. 790704.
SIMÕES — Calçada do Tojal, 102-A.
SOUSA — Estrada de Benfica, 429-431. Telf. 789995.
TAVARES — Rua da Palma, 194. Telf. 863350.
VERAL — Rua Morais Soares, 109-111. Telf. 821732.

PERMANENTE

ALVES DE CARVALHO — Rua Vale St.º António, 7-9. Telf. 840125.
COSTA — Rua dos Lusíadas, 30. Telf. 636704.
DALVA — Av. Duque de Ávila, 125. Telf. 45225.
MARLUZ — Calçada da Picheleira, 140-B/C. Telf. 720703-728395.
ONILDA — Av. João XXI, 13-A. Telf. 726848.
PROGRESSO — Estr. da Damaia, 64-C. Telf. 702226.
TAVARES — Rua da Palma, 134. Telf. 863350.
CENTRAL DOS OLIVAIS — Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C. Telf. 315539.
SANITAS — Praça Luís de Camões, 24. Telf. 322798.
S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-B. Telf. 790704.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
..... **Combatentes,** Av. Comb. G. Iguerra, 166 (Tel. 2113953)
ALCABIDECHE
..... **Carvalho,** Até às 21 horas
PORTO SALVO
..... **Ferreira Bastos,** Até às 21 horas
CARCAVELOS
..... **Central,** Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
..... **Godinho da Silveira,** Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas)
PAÇO DE ARCOS
..... **Trindade Brás,** R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034)
OEIRAS
..... **Godinho,** R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
NOVA OEIRAS
..... **Leal,** Até às 21 horas
PAREDE
..... **Aisir,** Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
PAREDE
..... **Junqueiro,** Mendes Até às 21 horas
AMOREIRA
..... **Amoreira,** (T.262313/267314). Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
..... **Lopes,** R. Hangar, 3 (Tel. 260008) Até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
..... **Cordeiro,** Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 21 horas; **A.Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
..... **Helénica,** R.Elias Garcia, 2 (Tel. 233613) Serviço permanente; **S. Jorge,** R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703) Até às 22 horas; **Carmele,** R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303) Até às 22 horas
DAMAIA
..... **Damaia,** P.Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ
..... **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
..... **Araújo e Sá,** Est. de Paço de Arcos, Lote B-1 (Tel. 2940781)
MEM MARTINS
..... **Química,** Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
RIO DE MOURO
..... **Riomouro,** Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
..... **Misericórdia,** Vila (Tel. 2930391)
COLARES
..... **Abreja,** (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
..... **Nunes,** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
..... **Portugal,** Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA
..... **Nova Fátima,** Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
..... **Normal,** Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035)
ALMADA
..... **Galeno,** R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
COVA DA PIEDADE
..... **Garcia Reis,** R. dr. Alberto de Araújo. 19-A
MOITA
..... **Silva Rocha,** P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
..... **Moderna,** R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)
SESIMBRA
..... **Lopes,** R. Cândido dos Reis, 21 (Tel 2233028)
SETÚBAL
..... **Brasil,** P. do Brasil (Tel. 25788) Serviço permanente; **Costa,** L. da Misericórdia, 48 (Tel. 22760) Até às 22 horas
SEIXAL
..... **Godinho,** L. da Igreja, 51 (Tel 2218560)

PORTO

ALVES DA SILVA — Av. da Boavista, 1016. Telf. 60342.
AZEVEDO — Rua de Azevedo, 136. Telf. 52344.
GOMES FERREIRA — Rua Faria Guimarães, 449. Telf. 481907.
NAU VITÓRIA — Rua Nau Vitória, 723. Telf. 490427.
ORDEM DA TRINDADE — Rua Heróis e Mártires de Angola. Telf. 27420.
CONFIANÇA — Rua de Santa Catarina, 960. Telf. 22884.
FALCÃO — Rua de Santo Ildefonso, 61. Telf. 21566.
FERREIRA — Praça D. Afonso V, 55-B. Telf. 681975.

De dia e toda a noite)

ANTAS — Av. Fernão Magalhães, 1076. Telf. 481158.
ANTIGA PORTA DO OLIVAL — Campo Mártires da Pátria, 122. Telf. 24262.
LOUSADA — Largo do Campo Lindo, 82. Telf. 480353.

COIMBRA

CRUZ VIEGAS — Rua do Brasil, 154. Telf. 74821.
MONTES CLAROS — Rua Dr. António José Almeida, 69. Telf. 25904.

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480

15.30-18.30 e 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
George Hilton, Luciana Paluzzi, Anita Strindberg

AS DUAS FACES DO MEDO

Um filme de Túlio Demicheli

APOLO 70

Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15

N. Acons men 13 anos
BARRY LYNDON
13.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick

As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos

BEIJA-ME IDIOTA

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.30

Int. a Men. 18 anos
Um filme de artes marciais!
KARATO A MÃO DA MORTE

BERNA

Tel. 776098

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
Não acons. men. 13 anos

JESUS CRISTO SUPERSTAR
43.ª Semana
um filme de Norman Jewison

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30

1930/1950
Toda a magia de Hollywood no mais espectacular musical de sempre!

HOLLYWOOD, HOLLYWOOD

3.ª Semana
Para todos

CASTIL

Tel. 530194 15, 17, 19 e 21.30

Catherine Deneuve/Marcello Mastroianni
em
«LIZA, A INSUBMISSA»
UM FILME DE Marco Ferreri
Não acons. m/13 anos

CONDES

Tel. 322523 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos
UM HOMEM NA SOMBRA
c/Alain Delon
Jean Moreau

ÉDEN

Tel. 320768 14-16.30-19 e 21.30

Interdito a men. de 18 anos
Ameaçadora e implacável a mão que conhecia a morte!

KARATO, A MÃO DA MORTE

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30-18.30 e 21.30

Int. men 18 anos
DESAFIO À CORAGEM
Um filme de Richard Brooks
Em 5.ª Semana

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45 19, e 21.15

DUELO NA ILHA
com Romy Schneider

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30, 21.30

Int. men. 18 anos
Lisa Gastoni, Corrado Pani em
LÁBIOS MANCHADOS DE AZUL
UM FILME DE Giulio Petroni
Colorido

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Para todos
A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
c/ Liza Minnelli

A melhor comédia dos últimos 50 anos

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
Música, Romance, Emoção e Aventura
ZAMEER

NIMAS

Tel. 574362

Estreia às 21.30
Panavision - Eastmacolor
Não acons. a men. 13 anos

A 5.ª OFENSIVA
(Os últimos dias da 2.ª Guerra Mundial)
As 24 h
O GENERAL LA ROVER
Um filme de Stipe Delic

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
Acção e espectáculo
EM 3.ª Semana
AS AMAZONAS

PATHÉ

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. men. 18 anos
OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA
(MOLLY)
Em 2.ª semana

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos
Bruce Lee — **VOLTA AO ATAQUE**

RESTELO

Tel. 610375 Às 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
PEDIDO DE DIVÓRCIO
c/ Jean Paul Belmondo

ROMA

Tel: 887778 21.15

Não acons. a men. 13 anos
GOLPE DE ANCAS
c/ Monica Vitti e Sylvia Koscine

ROXY

Tel. 48560 14,15, 17.45, 21.30

Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
9.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

EM 2.ª Semana
FayeDunaway/PeterFinch/William Holden
NETWORK-«ESCÂNDALO NA TV»
4 «Oscars»/ 4 Globos de Ouro

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 15.30, 18.00 e 21.30

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
Nagisa Oshima
Interdito a menores de 18 anos

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. men. 13 anos
de uma operação impossível só há uma saída
O ÚLTIMO AMANHECER
UM FILME DE Lewis Golbert

UNIVERSAL

Tel. 774402 15, 18 e 21

Às 15, 19 e 23 h o CASAMENTO
UM FILME DE Arnaldo JABOR (int m/18)
Às 17 e 21 h os DEMÓNIOS DE ALCÁCER-QUIBIR um filme de José Fonseca COSTA
(não acons. m/18)

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 Às 21.15

Não acons. men. 13 anos
A CASA DOS PARQUES DOS PESADELOS

PALÁCIO FOZ

15.15, 18.15 e 21.15

Para todos (Bilhetes 5$00)
Ciclo: História do Cinema Francês
Capítulo XIII:
«A Desordem, e Depois...» (1961/1966)
Realizador: Armand Panigel

espectáculos

LISBOA/Teatros

BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70 (13 anos)
«Barraca Conta Tiradentes»
COMUNA
21.30 (13 anos)
«Em Maio...»
A. C
20.30 e 22.45 (18 anos)
EM ÁGUAS DE BACALHAU»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 18 anos
«A PARÓDIA.
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
VARIEDADES
21.45 (13 anos)
«Isto é que Dói»
TEATRO ABERTO
21.30 (13 anos)
«As duas Viagens de Job Cardoso»
TRINDADE
21.30 (13 anos)
Grupo de Campolide «1383»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«O Bom e os Maus»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«Uma Mulher Fiel»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Hollywood, Hollywood»
MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Ives o Temerário»
RESTELO
21.15 (13 anos)
«Pedido de Divórcio»
VOX
21.15 (13 anos)
«Network Escândalo na TV»
OLÍMPIA
Sessões continuas (18 anos)
«Êxtase Sexual de Macumba»
PARIS
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Prostituição Clandestina»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Meia Noite de Prazer»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Os Grandes Calores»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Flic Story — um Duelo Implacável»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Iniciação de Flossie»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«Ao Sul de Argel»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Adolescência Turbulenta»
PALÁCIO FOZ
21.15 (6 anos)
«História do Cinema Francês»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«A Raça dos Senhores»
PAREDE
Royal
21.15 (18a nos)
«Salão Elisabeth»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Os Anjos da Guarda»
S. José
21.15 (13 anos)
«Toca-me Agora a Vez»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Remédio de Amor»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«O Monstro»
AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Dragão de Ouro»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (13 anos)
«Um Corpo Morte na Praia»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Gator, o Implacavel»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«O Segredo do Faísca»
ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«A Outra Mulher»
TRAFARIA
Pavilhão
21.15 (18 anos)
«A Quadrilha Maldita»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Fuga na Noite de Natal»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
13 anos
«Descubra o Caetano»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Chegou a Hora da Vingança»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Julie»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Oh Amigos Meus»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (18 anos)
«Fogo Real»
S. JOÃO
21.00 (18 anos)
«Vanessa»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Irmão contra Irmão»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Professora de Ciências Naturais»
ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Apocalipse Joe»
SALA BEBÉ
21.30 (18 anos)
«Duelo no Missouri»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Desafio à Coragem»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Minha Mulher Agrada-te.. Adoro a Tua»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Mulher Sensual»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Espada Comprida de Siegrid»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«Os Indomáveis»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«1900» — 1.ª Parte
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Torso»

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário. Musivária. **17.00**: Música Portuguesa. **18.00**: Separador. **18.10**: Hoje respondemos por música, p/ António Vitorino de Almeida. Música variada. **19.00**: Poemas e poetas. Música variada. **20.00**: «Jornal da Noite». **20.30**: Melodias. **21.00**: 22.º episódio do folhetim «Os emigrados», de Judite Navarro. **21.16**: «Contraponto». **24.00**: «Último jornal». **00.00**: «Último jornal». **00.30**: Vozes na noite. **01.00**: «Música na noite»

2.º Programa

17.10: Musica de cravo: Peças de Rameau. **17.30**: Música sinfónica: «Guia dos jovens para orquestra», Op. 34, de Britten (Variações e Fuga sobre um tema de Purcell). Sinfonia n.º 3 «Pastoral», de Vaughan Williams». **18.30**: «Música ao fim da tarde no Teatro S. Luís». **Intervalo**: divertimennto em ré maior, K. 136, de Mozart. Divertimento em si bemol maior, K. 137, de Mozart. **II parte**: fantasia p/piano e 4 mãos, de Shubert e suite «Ma mère l'oye» p/piano a 4 mãos, de Ravel. **20.00**: Conjuntof de câmara: concerto em sol menor, Op. 11, n.º 6, de Vivaldi. Trio-divertimento em mi bemol maior, K. 563, de Mozart. **21.00**: Música sinfónica: Sinfonia n.º 4, em sol maior de Mahler. **22.00**: Efeméride: morte da soprano Claudia Muzio.. Árias de óperas. **22.30**: «O gosto pela música», pelo dr. João de Freitas Branco. **23.00**: Obras de Chopin. **23.50**: Quinteto, op. 91, de Anton Reicha. **00.20**: Duplo concerto em lá menor de Brahms. **01.00**: Fecho.

3.º Programa — Local — 181,5 m

18.00: «Entardecer». **18.15**: Sal e pimenta (repetição). **20.15**: Música e poesia. **21.00**: Fecho.

4.º Programa — Emissão toral em Estereofonia

19.00: «Em órbita». **20.00**: Programa da noite **22.00**: «Auditório». **24.00**: «Prisma». **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da Tarde. **18.08**: Apelos. **18.15**: Igreja em notícia — Palvra do dia. **18.30**: Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito. **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR. **20.00**: Objectivo. **20.53**: Apelos. **21.05**: Pentagrama. **21.30**: Ao encontro com grande música. **22.00**: Quando o telefone toca. **22.30**: Temas vivos. **23.05**: Última hora. 23 30: Dicionário de economia. **23.55**: Meditando. No final — Actualidade Internacional — Voz da América. **01.00**: Rotação. **02.00**: Encerramento da Estação.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
ENO TEL DIBOA TELEX 17363
LISBOA PORTUGAL

Ao fim da manhã em S. Bento

Soares encontrou-se com Sá Carneiro

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, convidou esta manhã para S. Bento o presidente do PSD, Sá Carneiro, com o qual debaterá a actual situação política.

À reunião de Mário Soares com o dirigente do PSD é natural que se venham a seguir outras, com os principais responsáveis dos restantes partidos representados na Assembleia da República.

Esta iniciativa do Primeiro-Ministro parece constituir a resposta ao apelo do PSD, subscrito também pelo CDS, para a realização de cimeiras entre os partidos «democráticos».

Entretanto, deverá ser anunciada esta tarde a resposta formal do Partido Socialista àquela iniciativa do PSD, já aceite pelo CDS. Duas delegações destes dois partidos reunirão, sob a presidência de Sá Carneiro e de Freitas do Amaral amanhã num hotel de Lisboa para analisar a actual situação política.

Um informador do Partido Socialista, instado a pronunciar-se pela ANOP sobre uma notícia publicada num jornal do Porto, segundo a qual o PS recusaria encontros partidários fora da Assembleia da República, afirmou que a posição do seu partido é já conhecida «de abertura e diálogo com todos os partidos representados na Assembleia da República». Precisou no entanto que «os encontros poderão ser bilaterais, mas nunca poderão ser vistos como embriões de possíveis alianças partidárias».

OBJECTIVO DA FIL (18.ª EDIÇÃO)

Dinamizar comércio externo e parque industrial

Esta manhã, durante uma conferência de imprensa, a comissão de gestão da 18.ª Feira Internacional de Lisboa apresentou o programa deste ano, ao mesmo tempo que referiu os objectivos que pretende alcançar e que em última análise visam a dinamização do comércio externo e do parque industrial nacional, tendo sobretudo em vista a crescente especialização de mercados.

A Feira Internacional de Lisboa é inaugurada no próximo dia 27 encerrando a 7 de Junho.

A comissão, constituída pelo eng.º Luís de Montellano, João Contreiras, Leão e Félix Naharro Pires, referiu a necessidade de estabelcer permutas de informação e tecnologia, activadoras do comércio externo, tendo referido o papel dos trabalhadores e da comissão instaladora que permitiu que esta FIL seja uma realidade.

Foi igualmente referenciada a crescente permuta internacional nos campos industriais e comerciais, tendo sido focada a importância que a FIL poderá ter como ponta de lança através da qual os diversos sectores de actividade nacional poderão dar o seu contributo de modo a estabelecer um paralelismo de colocação a nível das representações estrangeiras.

Tendo sobretudo em vista a crescente especialização de mercados, estarão nos pavilhões da Junqueira repositórios das industrias agrícolas e afins; mobiliário e decoração; indústrias electro, metalo-mecânicas, e electrónicas; indústria gráfica, do livro e material didáctico; turismo, hotelaria e indústrias ligadas às actividades dos tempos livres e ainda pronto a vestir e indústria do calçado.

Foram também focados os problemas ligados às representações estrangeiras e atribuição de espaços e ainda dos melhoramentos a introduzir na organização de modo a conseguir a dinamização dos mercados Internacionais.

A 18.ª FIL conta este ano com 740 expositores sendo 439 estrangeiros e 301 portugueses — informou a Comissão de Gestão aos jornalistas presentes na Conferência

tome nota

A PREOCUPAÇÃO

Depois de amanhã, na cidade de Lisboa, a polícia vai andar preocupada a devolver os passeios aos peões, mesmo os passeios onde não há peões. Mesmo os passeios que deviam ser parques de estacionamento, que praticamente não existem na cidade.

Entretanto, pode pensar-se que a preocupação policial de perseguir os automóveis mal estacionados deixe ainda com maior liberdade os ladrões de veículos, muitos dos quais andam em carros roubados, quase tranquilamente, a atacar pessoas na via pública, roubando-lhes o que podem, já para não falar em assaltos a bancos e residências.

Está-se mesmo a ver que os passeios libertos de carros era a grande preocupação dos lisboetas, que não pensavam noutra coisa...

Fascistas portugueses afastados de Madrid

As autoridades espanholas afastaram de Madrid vários extremistas de direita portugueses, que se encontram exilados naquela cidade, por ocasião da visita de Ramalho Eanes, segundo informa um telegrama da agência Reuter.

Não foi possível saber os nomes dos fascistas portugueses sobre quem recaíram essas medidas de segurança, nem para onde foram levados, mas sabe-se que antigos ministros dos governos de Salazar e Caetano, como César Moreira Baptista e Gonçalves Rapazote se encontravam ainda em Madrid na noite de ontem, se bem que sob vigilância das autoridades policiais espanholas.

Obrigações militares para desertores e refractários

Os desertores e refractários abrangidos pela amnistia de 2 de Março último ficarão sujeitos ao cumprimento de obrigações militares determinadas por despacho do Estado-Maior do Exército. Assim, o despacho estabelece que os indivíduos não incorporados se apresentem no DRM até 30 de Setembro do corrente ano, ficando disponíveis para incorporação até um ano depois.

Os indivíduos residentes no estrangeiro à data de 16 de Novembro de 1976 podem requerer a concessão de adiamento de incorporação, enquanto os que pertencem a contingentes a que correspondam classes já incluídas no período complementar de serviço serão alistados na reserva territorial.

O despacho que estabelece este regime foi publicado no «Diário da República» n.º 120, II Série.

Amândio Pinto embaixador no Equador

O Governo do Equador deu «o agreement» para a nomeação do dr. Amândio Pinto como embaixador de Portugal em Quito, segundo informa uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O dr. Amândio Pinto é igualmente representante de Portugal em Bogotá cidade em que residirá.

Parlamentares regressaram da Bulgária

Regressou ao princípio da tarde a Lisboa a delegação da Assembleia da República que esteve de visita à República Popular da Bulgária.

O grupo de parlamentares era chefiado pelo vice-presidente da Assembleia, António Arnaut, do PS e composta por Lino Neto Chaves Medeiros e Manuel Pires, do PS, Moura Guedes e Lopes de Oliveira, do PSD, Rui Marrana do CDS e Veiga de Oliveira do PCP.

Ornelas Camacho nos Açores

O presidente do Governo Regional da Madeira, Ornelas Camacho, visitará no fim do mês oficialmente a Região Autónoma dos Açores.

A visita, que se realiza a convite do seu homólogo açoriano, Mota Amaral terá a duração de um dia, sendo Ornelas Camacho acompanhado pelo presidente da Comissão Política Regional do PSD, Alberto João Jardim e por vários funcionários do Governo Regional da Madeira.

Decrescem remessas de emigrantes no Brasil

Atingiram o montante de 9.114 milhões de escudos as remessas enviadas pelos emigrantes portugueses no primeiro trimestre do ano em curso — informa o Banco de Portugal.

Os emigrantes portugueses em França, em número de cerca de 800 mil, contribuiram com 6.158 milhões de escudos dessas remessas.

A segunda verba mais elevada pertenceu aos emigrantes na Alemanha Federal (mais de 100 mil), com 1.146 milhões de escudos, seguidos dos emigrantes nos Estados Unidos (180.000) com 430 milhões de escudos, e dos que se encontram radicados no Canadá (130.000) com 303 milhões de escudos.

Depois dos emigrantes portugueses nestes países, situam-se os que estão na Bélgica e no Luxemburgo (cerca de 40.000) cujas remessas conjuntas no primeiro trimestre deste ano somaram 249 milhões de escudos.

Os 5.000 emigrantes portugueses na Suíça remeteram para Portugal, no período em referência, 91 milhões de escudos, e os 6.000 que se encontram na Holanda enviaram 84 milhões de escudos. Quanto às remessas dos 140.000 emigrantes portugueses que vivem na África do Sul e as dos 120.000 radicados na Venezuela não foram além de 85 e 79 milhões de escudos, respectivamente.

No aspecto negativo entre a diferença do número de emigrantes e o valor das remessas, refere-se o facto de os 620.000 portugueses que vivem no Brasil — o segundo maior número depois dos que se encontram em França — terem apenas enviado 71 milhões de escudos, ou seja a verba mais baixa das que os emigrantes enviaram para Portugal nos primeiros três meses deste ano.

Segundo apurou a ANOP junto do gabinete de estudos da Secretaria de Estado da Emigração, o número de emigrantes portugueses existentes em todo o mundo é da ordem dos 2 milhões e 400 mil. Desse total, mais de 2 milhões estão radicados nos países europeus e África do Sul acima referidos, os quais — informa por sua vez o Banco de Portugal — enviaram em 1976 para Portugal 26.566 milhões de escudos, contra 20.975 milhões de escudos em 1975, o que constitui um aumento de 5.591 milhões de escudos.

Seminário luso-norueguês sobre Marinha de Comércio

Com a presença do secretário de Estado da Marinha Mercante, Crisóstomo Teixeira, abriu ontem num hotel de Lisboa um seminário luso-norueguês sobre gestão e operação da Marinha de Comércio.

Acompanhado do embaixador da Noruguega em Lisboa, Leif Edwardsen, e pelo director das associações norueguesas de navegação que também interveio, Crisóstomo Teixeira, no uso da palavra, procedeu à análise da presente situação da indústria naval portuguesa e historiou a sua evolução desde os tempos da I Guerra Mundial, e enunciou as principais dificuldades do transqorte marítimo continente-ilhas e interilhas, bem como da navegação costeira face ao desenvolvimento dos transportes terrestres.

No seminário participam diversos técnicos noruegueses e três dezenas de elementos portugueses

Estudantes contra exames nacionais

VILA REAL, 24 — Reunidos na Escola Industrial e Comercial de Vila Real, os representantes de várias organizações associativas de liceus e escolas técnicas de Trás-os-Montes decidiram elaborar um manifesto a ser enviado aos órgãos de soberania, e bem assim ao PS e JS, no qual se contesta a legislação do MEIC sobre exames nacionais e se repudiam as cargas policiais feitas sobre estudantes.

Quem são os "nacionalizados"

Por terem surgido dúvidas quanto à interpretação da expressão «os nacionalizados», empregue no texto legal de um diploma, a presidência do Conselho de Ministros divulgou um despacho normativo no qual esclarece:

«Os portugueses nacionalizados são apenas os indivíduos que adquiriram a nacionalidade por naturalização».

O despacho foi publicado no «Diário da República n.º 120, I Série.

Embaixadores com Pires Veloso

PORTO, 24 — O comandante da RMN, brigadeiro Pires Veloso, recebeu ontem no Quartel-General, em visita protocolar os embaixadores da Zâmbia e da Nigéria. Aqueles embaixadores encontram-se de visita ao Norte do País.

NATO e Pacto de Varsóvia no IAEM

Realizou-se ontem, no Instituto de Altos Estudos Militares, uma conferência do embaixador Fortunato de Almeida, que versou o tema «A NATO e o Pacto de Varsóvia».

A conferência integra-se no âmbito do programa de exposições que naquele estabelecimento de ensino militar se dirigem aos oficiais do Curso Geral de Comando e Estado-Maior do Curso Complementar de Comando e Direcção.

Greve em França

Continuação da pag 1

se afirma ser, comparada com a dos países vizinhos.

A opinião de Georges Seguy, secretário-geral da CGT, é bem diferente desta: para ele, o plano económico do Governo visa auxiliar os privilegiados e impor a austeridade aos trabalhadores.

É essa opinião que une os grevistas de hoje e aqueles, que, com os dirigentes sindicais à cabeça, se manifestaram num imenso cortejo em Paris, gritando «slogans» como «Não ao plano Barre», «Fim ao desemprego», «Fim à austeridade».

Este cortejo, que continua a decorrer à hora do fecho da nossa edição, irá durar várias horas e terá, pela primeira vez, a participação do Sindicato dos Agentes de Polícia.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM ABRIL: 46 345
(Hoje 28 páginas)

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 16/77

Terça-feira, 24 de Maio de 1977

China: O regresso de Teng Hsiao-Ping
Chile: A economia da miséria
Haiti: Mais denúncias contra Duvalier
Viglietti: Uma canção contra o Imperialismo
Taiti: Em busca do passado

ZAIRE
A INTERVENÇÃO OCIDENTAL EM DEFESA DE MOBUTU

Giscard e Vance: «falaram» do Zaire, em Abril passado, na cidade de Paris.

□ **Harold MacMurdy**
■ **INTERPRESS**

A 4 de Janeiro de 1976, o diário «The New York Times» reproduziu as declarações de um alto funcionário do Departamento de Estado: «Os Estados Unidos consideram, disse, que o Zaire ocupa na África negra uma posição parecida com a do Brasil na América do Sul».

A intervenção neocolonial europeia e norte-americana (desde a independência, em 1960, até 1972, data em que Mobutu o rebaptizou com o seu actual nome, o ex-Congo Belga chamava-se Congo) data de 1960, quando a CIA planeou a execução do diritente Patrice Lumumba.

O apoio da CIA a Mobutu também vem de longe. Há pelo menos 12 anos que a agência de espionagem norte-americana outorga «subsídios» pessoais suculentos ao actual governante, segundo revelou o referido diário nova-iorquino, a 25 de Setembro de 1976, e o «Washington Post», a 28 de Fevereiro de 1977.

O presidente da França, Valery Giscard d'Estaing, indignou-se quando alguns comentaristas disseram que tinha acudido em defesa de Mobutu por sugestão do seu «padrinho» norte-americano.

No entanto, é certo que Giscard e o secretário de Estado Cyrus Vance falaram do Zaire em Abril passado, em Paris, quando este foi recebido no Eliseu, a seguir às suas infrutuosas tentativas de Moscovo sobre os acordos SALT.

Nessa reunião, o secretário de Estado, segundo certas «fugas» de informação, chamou a atenção de Giscard d'Estaing para o facto dos Estados Unidos não quererem assumir a responsabilidade da defesa do regime corrupto de Mobutu.

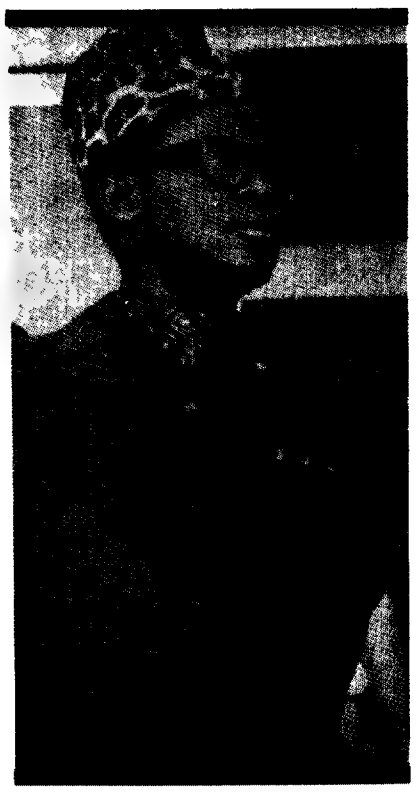
A nova política africana da Casa Branca consiste em pôr em prática a ideia da «gestão trilateral das crises»: Estados Unidos, Europa Ocidental e os regimes pro-ocidentais da região em «crise».

O subsecretário de Estado, Philip Habib, reuniu-se com René Journiac, principal conselheiro de Giscard d'Estaing em questões africanas, no regresso deste último de uma viagem por esse continente.

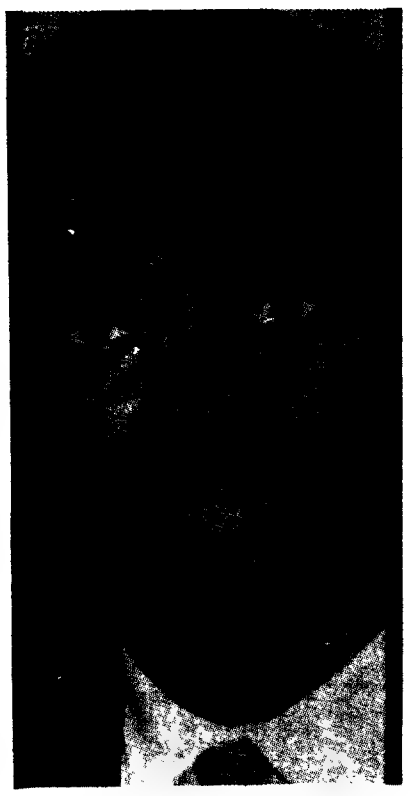
Além disso, os Estados Unidos e a França trocaram informações sobre o levantamento na província zairense de Shaba (ex-Katanga), recolhidas pelos seus respectivos serviços de espionagem, segundo afirmou a revista nova-iorquina «Newsweek», a 25 de Abril deste ano, sem que até agora tenha sido desmentida.

O caso de Angola

A guerra de Angola tinha clarificado o papel representado pelo regime zairense de Mobutu na África negra. Antes das suas tropas penetrarem em território angolano (1975/76), o Zaire foi o canal através do qual 60 milhões de dólares provenientes dos fundos secretos norte-americanos chegaram aos grupos pró-ocidentais: Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e União Nacional pela Independência Total de Angola (UNITA).



Mobutu: peão dos Estados Unidos na África negra.



Lumumba: executado de acordo com planos da CIA.

Enquanto os combatentes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) lutavam contra os portugueses — depois da libertação tiveram de enfrentar e derrotar a sedição contra-revolucionária da UNITA e da FNLA — o Zaire fechou os 1200 quilómetros de fronteira.

No seu papel de peão dos Estados Unidos, em 1975 Mobutu utilizou a sua influência no seio da Organização para a Unidade Africana (OUA) — tal como o fez em Agosto passado durante a reunião em Shri Lanka dos países não-alinhados — para dificultar uma resolução condenatória de Israel.

Na sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a necessidade de estruturar uma nova ordem económica internacional, o Zaire foi o único país do Terceiro Mundo que criticou a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), como acentuou a publicação «African Development», de Londres, na sua edição de Dezembro de 1976.

Em Kinshasa, a capital do Zaire, a CIA tem a sua principal sede africana. Desde 1965 até agora, o país recebeu ajuda militar norte-americana no valor de 250 milhões de dólares.

Actualmente, o regime de Kinshasa absorve 50 por cento de toda a ajuda militar que os Estados Unidos prestam, à África, «privilégio» em tempos usufruído pela Etiópia, sob o reinado de Hailé Selassié.

A intervenção de regimentos marroquinos fortemente armados na luta contra a Frente de Libertação Nacional do Congo (FNLC), na província de Shaba, dificilmente se poderia dar sem o prévio acordo norte-americano.

Marrocos, que mantém laços estreitos com a França e os Estados Unidos, está legalmente obrigado a pedir o consentimento de Washington antes de utilizar fora do país as armas norte-americanas.

As grandes potências ocidentais, mais os seus aliados na região, têm até agora salvado Mobutu do que seria uma derrota segura, porque a corrupção e ineficácia do regime levaram à completa tutela da sua economia por parte de instituições internacionais, que ali defendem «interesses vitais».

A bancarrota

Por ocasião das negociações de Londres de Outubro/Novembro de 1976, o Zaire devia 800 milhões de dólares a um consórcio de bancos norte-americanos, europeus e japoneses.

Entre eles figuram o First National City Bank, o Crédit Commercial de France, o Société Générale de Banque, o Morgan Vuaranty Trust, o Toquio Bank e o Morgan Grenfell.

Mas o total da dívida pública ainge 3 mil milhões de dólares, cifra que representa a maior dívida do Mundo por habitante.

A 26 de Abril deste ano, 39 dias depois da FLNC ter começado o levantamento armado em Shaba, o Fundo Monetário Internacional outorgou a Kinshasa dois novos créditos num total de 73 milhões.

No mesmo dia, o diário «International Herald Tribune», que se publica em Paris, em língua inglesa, com base em artigos de «The New York Times», incluiu um comentário pessimista sobre a situação financeira do Zaire.

«A menos que o país seja rapidamente salvo por meio de uma vitória militar, ou por meio de uma constante infusão de ajuda estrangeira, diz o «Herald Tribune», o Zaire poderia ser a primeira nação, na História recente, a deixar o pagamento das suas dívidas completamente a cargo dos bancos comerciais do Mundo, quer dizer, seria a bancarrota.»

Outras cifras explicam, também, a popularidade do levantamento em Shaba, província de riquezas minerais.

Se se estabelecer um nível 100 em 1960, ano da independência para os salários, preços e poder aquisitivo, resulta que em Março de 1976 estes atingiam 1530, 5888 e 26, respectivamente.

Em 1960, um trabalhador médio necessitava de quatro dias de trabalho para adquirir uma porção de mandioca que, em 1976, lhe custava 17 jornas. Naquele ano, com 2,24 horas comprava um peixe que, em 1976, lhe requeria três dias de trabalho, quase dez vezes mais.

Em Washington calcula-se que, se os marroquinos, com a ajuda da França e do Egipto, não conseguirem inverter a favor de Mobutu o curso da guerra, a Casa Branca terá de decidir se substitui ou não Paris e Rabat no papel de pontas de lança do Ocidente em África.

Sem dúvida, os «interesses vitais» ainda podem mobilizar grandes quantidades de armas e dólares e movimentar as pontas-de-lança, mas o levantamento do Shaba é um levantamento armado contra um dos mais corruptos e ineficazes capatazes do Ocidente, num país onde os camponeses médios têm redimentos em dinheiro que não atinge dois dólares por mês. •

CHINA

□ Alain Jacob ■ LE MONDE

O REGRESSO DE TENG HSIAO-PING

PEQUIM Várias fontes chinesas confirmaram recentemente a interlocutores estrangeiros que Teng Hsiao-ping retomaria proximamente as funções de vice-primeiro-ministro, de que fora destituído a 7 de Abril de 1976. Esta informação, publicada por uma agência estrangeira, foi também referida na primeira página de um boletim estritamente reservado a uma selecção de leitores chineses, mas cuja tiragem atinge os dez milhões de exemplares.

Segundo as mesmas fontes, é possível que tenha havido certo desencontro entre a data em que Teng Hsiao-ping **desaparecido** a 15 de Janeiro de 1976, aparecerá de novo em público, e aquela em que a sua nova nomeação será anunciada. Alguns cineastas chineses já anunciaram que estava em preparação uma nova versão do filme sobre Chu En-lai, apresentado no princípio do ano, e no qual desta vez aparece Teng Hsiao-ping a fazer o eleogio fúnebre do primeiro-ministro. A difusão deste filme poderia marcar a primeira etapa no processo de **reabilitação**. Numerosos observadores têm, no entanto, a impressão de que a reintegração do antigo vice-primeiro-ministro nos órgãos do Poder que em Fevereiro parecia iminente deu origem a discussões azedas. Assim se explicaria o atraso com que por fim seria anunciada.

Uma reunião do secretariado político, **alargada**, isto é, com a participação dos comandantes das regiões militares e de altas personalidades do exército, teve, aparentemente, o objectivo, de examinar o caso de Teng Hsiao-ping.

Uma parte dos presentes, entre os quais figuravam o vice-primeiro-ministro, Li Hsien-mien, o primeiro secretário do Kwantung, Wei Kuo-ching, o chefe da região militar de Cantão, general Hsu Shih-yu, e a maioria dos militares, teria fortemente insistido para que Teng Hsiao-ping fosse nomeado chefe do Governo, vice-primeiro-ministro do comité central e chefe do Estado-Maior-General do exército. Uma fracção minoritária teria feito objecção a que o antigovice-primeiro-ministrofosse assim promovido a postos superiores àqueles que ocupava antes da sua destituição. O presidente da Câmara de Pequim, Wu Teh, teria dito algumas palavras neste sentido. A discussão fora bastante quente para que alguém a acreditar numa narrativa que aceitamos com algumas reservas tivesse mesmo dito que, para se chegar ali, seria necessário ouvir também os «quatro» a sra. Chiang Ching, Wang Hongwen, Chang Chun-chiao e Yao Wen-yan, que, denunciados hoje na Imprensa como a pior gentalha, nem sempre estiveram oficialmente excluídos do secretariado político.

Vários dirigentes teriam mesmo adoptado uma atitude reservada durante este debate, principalmente o próprio Hua Kuo-feng e o comandante da região militar de Pequim, general Chen Hsi-lien. O marechal Yeh Chien-ying, actualmente o número dois do regime, teria mostrado, por sua parte, **pouco** entusiasmo com a nomeação de Teng Hsiao-ping para o posto de «primeiro» vice-presidente do comité central.

Outras personalidades teriam por fim modificado as suas posições durante a discussão, visto o general Li Teh-Sheng (que comanda a região miltar de Chen-yang) e Chi Teng-Kuei (vice-primeiro-ministro) terem-se juntado passado algum tempo, no campo mais favorável a Teng Hsiao-ping.

Como, no entanto, o acordo parecia de difícil realização, a maior parte dos participantes civis teriam sugerido que a reunião fosse adiada. Os militares insistiram, porém, numa decisão o mais breve possível e os seus argumentos fizeram com que a discussão seprolongassedurantequaseduas semanas, até 17 de Março, data em que foi resolvido: em primeiro lugar, que Teng Hsiao-ping retomasse as suas funções de vice-primeiro-ministro, vice-presidente do comité central e chefe do Estado-Maior-General do ALP; em segundo, que essas nomeações fossem anunciadas antes do dia 1 de Maio, sendo a data exacta deixada à discreção de Hua Kuo-feng por razões de oportunidade política. Durante a mesma reunião, os porta-vozes do exército teriam feito exigências muito claras em especial no respeitante a todos os estímulos possíveis a fim de acelerar o aumento da produção e um maior recurso aos créditos estrangeiros, a fim de favorecer o equipamento do país.

Teng Hsiao-ping

Se alguns detalhes desta narrativa são sujeitos a caução, vários pontos parecem bem claros. Primeiro, o papel dos militares. Desde a crise de Outubro que se sabia que o exército era um pilar essencial do novo poder da China. Hoje parece que ele procura de resto, com êxito limitado ter também um papel político. Vários observadores sentiram-se impressionados com a natureza das «fugas» de informação que têm aparecido nos jornais de Hong-Kong e cuja origem localizam em Cantão, mais precisamente, entre pessoas próximas do general Hsu Shi-yu, que teria assegurado a «protecção» de Teng Hsiao-ping, numa altura em que teria podido ser ameaçado de prisão. Ora estas «fugas» tendiam a dar a impressão de que o caso do antigo vice-primeiro-ministro já não era discutido no seio da direcção chinesa. É bom lembrar as velhas amizades de que goza Teng Hsiao-ping entre os veteranos do exército vermelho e o papel que teve como comissário político à frente do **segundo exército de campanha**.

A intervenção dos militares não se limitaria, de resto, a isto, e diria também respeito aos métodos do restabelecimento da ordem por meios mais enérgicos.

DUAS TENDÊNCIAS NO SECRETARIADO

As discussões a que o regresso de Teng Hiao-ping deu origem, mostram a existência de uma facção que, se não se opõe à eliminação do **bando dos quatro**, nem por isso está disposta a aceitar de mão beijada as consequências mais extremas de um regresso **à direita** do balancim político. Falar de uma oposição **de esquerda** seria muito exagerado e até deslocado, sobretudo se Wu Teh devesse ser considerado como um dos seus principais representantes. No entanto, o presidente da Câmara de Pequim foi precisamente criticado e muito pelos **dazibaos** que surgiram no mês de Janeiro na Praça Tien-An-Men, devido ao papel que teve nos acontecimentos de 5 de Abril de 1976. Mas, apesar da associação que então se fez entre a sua pessoa e os membros do **bando dos quatro** continua a exercer as suas funções, alguns autores desses **dazibaos** (que pareciam caminhar no sentido da história) foram presos semanas depois, em certos locais (na Universidade graça, ou, pelo menos a não os por exemplo), a campanha contra o **bando dos quatro** foi feita de modo a poupar os **agentes locais** dos dirigentes caídos em desgraça, ou, pel menos, a não os apontar como inimigos irrecuperáveis.

Todos estes indícios mostram que até meados de Março se manifestou uma tendência para limitar as consequências da crise, evitando, em todo o caso, uma autêntica depuração. A existência dessa tendência é provada pelas denúncias de que é alvo, ao mesmo tempo que são perseguidos os partidários dos **quatro** que haviam beneficiado de protecções até há pouco tempo.

Seis meses após a queda dos **quatro**, a direcção ainda tem sérias dificuldades para encontrar a sua estabilidade. Alguns problemas espinhosos continuam em suspenso como o da **revisão do veredicto** sobre o incidente de 5 de Abril de 1976, na Praça Tien An-Men, qualificado na altura de **contra-revolucionário** pelo comité central. Isto leva vários interlocutores chineses a apresentar (em conversas particulares) o próximo regresso de Ten Hsiao-ping como um acontecimento propício para o reforço da autoridade do presidente Hua. •

CHILE de hoje 1

A ECONOMIA DA MISÉRIA

Iniciamos neste número um trabalho do Centro de Estudos e Documentação «Chile-América» em que se analisa a economia chilena após Pinochet. Tudo leva à conclusão que o Chile de hoje se baseia numa economia conducente à miséria do povo chileno.

De acordo com o último estudo da Confederação dos Empregados Particulares do Chile (CEPCH), 70 por cento dos empregados particulares (num total de cerca de 250 mil) recebem ordenados que apenas chegam para pagar a renda de casa e viver em regime de subalimentação. As condições mínimas de subsistência não ficam, pois, satisfeitas. Quase 20 por cento dos empregados tem condições ainda piores e apenas 10 por cento ultrapassa tais níveis.Por seu lado, em Janeiro passado, os dirigentes da Confederação dos Donos de Camiões (os tristemente célebres camionistas, dirigidos por Vilarin) apresentaram um pedido ao Governo e afirmaram, em conferência de imprensa, que a política económica existente os afectou a tal ponto que 45 por cento do grémio se encontra na disponibilidade, trabalhando muitos outros ao nivel do emprego mínimo.

O sacerdote José Aldunate tem prosseguido as suas análises acerca dos salários e, na Revista «Mensagem» (Novembro de 76), publica a última que elaborou. Trata do período que vai de Setembro de 1975 a Setembro de 1976. A conclusão do estudo é a de que, no referido período, o nível geral das remunerações e dos salários se manteve relativamente constante no que diz respeito ao seu valor aquisitivo». Os salários mínimos apresentam uma ligeira minoria, que oscila entre 3,45 e 7,69 por cento. Esta melhoria significa, de acordo com o mesmo autor, que se «em Setembro de 1975, os salários mínimos dessem para viver quinze dos trinta dias do mês, um ano mais tarde, permitiriam fazê-lo durante dezasseis dias». Quer dizer, tratar-se-ia de uma melhoria insignificante.

No fundo, o que se pratica é o congelamento da miséria. Como afirma Aldunate, «nos dois anos anteriores àquele que analisámos, foi extremamente violenta a diminuição do poder aquisitivo dos trabalhadores». Foi esta situação de «violentissima» diminuição do poder aquisitivo dos trabalhadores que foi congelada. A redistribuição dos rendimentos verificou-se nos anos anteriores e trata-se agora de manter o salário dos trabalhadores ao nível de deterioração a que foi levado. Não foi alterada, por conseguinte, «a difícil situação económica enfrentada pelas massas laboriosas e, particularmente, as de menores rendimentos», diz Aldunate. Por outro lado, acrescenta «os que se encontram desempregados não participaram nesta ligeira melhoria», o mesmo sucedendo com «um importante sector dos trabalhadores, ocupado num plano nacional de emprego mínimo, onde o nível absoluto das remunerações é muitissimo menor ao existente no resto da economia. Os trabalhadores do emprego mínimo, aumentaram para um pouco mais de duzentos mil, ou seja, mais cem mil do que há um ano. Isso explica, em parte, uma certa diminuição da taxa de desemprego, alardeada pela ditadura. Trata-se, no entanto, apenas de uma transferência do desemprego real para o disfarçado, ambos mantidos ao nível da fome.

CONTRADIÇÕES FRANCESAS NO SARA OCIDENTAL

□ **Paul Balta**

■ **LE MONDE**

ARGEL — O quotidiano governamental **El Moudjahid**, de 8 de Maio, não deixa dúvidas sobre a degradação das relações entre Paris e Argel.

A primeira página é quase inteiramente consagarada à França. O jornal recorda, a duas colunas, o trigésimo segundo aniversário do **massacre de 8 de Maio de 1945**, em Sétif, Guelma, etc. O título é **O rosto odioso da França colonial.** Outro título, também na primeira página, é igualmente significativo: **Após as recentes ameaças e tentativas de intimidacão francesas, que visam a Argélia, Abdelaziz Bouteflika aponta os perigos que pesam sobre a independência e estabilidade do continente africano.**

Saindo oficialmente da reserva observada desde o ataque de Zonérate, o Governo argelino reagiu através do seu minstro dos Negócios Estrangeiros às pelavras pronunciadas em Paris por Guiringaud e por Galley.

Numa longa declaração publicada do dia 7, Bouteflika, expõe o «dossier» doseu país, afirmando que as palavras de Guiringaud e de Gallye são **de uma indubitável gravidade** e mostram **tendência para a aventura.**

Bouteflika cita excertos de uma mensagem dirigida a 5 de Março de 1976 por Giscard d'Estaing a Boumedième, a fim de pôr em evidência as contradições que existem, segundo os argelinos, na posição francesa.

Para mais, enquanto Paris refere insistentemente o rapto de seis franceses mantidos como «reféns» após a violação da fronteira de um Estado soberano, a Argélia diz que se trata de acontecimentos que é impossível analisar isoladamente.

Nos meios políticos argelinos, diz-se, em particular, que quando as tropas marroquinas começaram a invadir o Sara Ocidental, duas semanas antes da assinatura do acordo de Madrid (14 de Novembro de 1975), o Governo francês não levantara a voz. Ele teria, pelo contrário, e ainda segundo os mesmos meios, **encorajado** a conclusão desse acordo. Ao afirmar a sua neutralidade teria mesmo entregado a Marrocos e à Mauritâneia armas utilizadas para expulsar o povo sahraoui do seu território, impedindo-o assim de exercer o seu direito à autodeterminação. **El Moudjahid** cita, a este respeito, uma mensagem recentemente dirigida por Marcelino Oreya, ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, a Bouteflika.

Neste texto, Oreja, acentua o facto de a **Espanha, depois de se ter retirado da administração do território, não ter reconhecido nenhuma soberania sobre o Sara Ocidental.** Acrescenta que o seu Governo **deseja que se chegue a uma solução justa, de acordo com as partes e, sobretudo, que se respeite a expressão da vontade do povo sahraoui.**

A mensagem de 5 de Março de 1976 fizeram esquecer um pouco asseguram os argelinos — a «parcialidade» de que a França dera inicialmente provas, e relegara para segundo plano as precedentes declarações de Giscard d'Estaing, condenando a criação do «micro-Estado». A oferta para participar nos esforços de conciliação para resolver o problema sahraoui fora acolhido favoravelmente. A Argélia acha que a evolução positiva que então se desenhou, não foi longe.

Os dirigentes argelinos acentuam que sempre se ativeram à **legalidade nacional.** O apoio que damos aos movimentos de libertação, dizem eles, é uma constante da nossa política externa.

O vigor da reacção argelina é aparentemente, uma resposta a várias preocupações: mostra, em primeiro lugar, um real receio de que o Exército marroquinho ataque os refugiados sahraouis que se encontram na região de Tindout, criando assim um **casus belli** que poderia pôr o Maghreb a ferro fogo.

Ora pensa-se em Argel que Marrocos não se lançaria numa tal aventura sem «luz verde», pelo menos implícita, de uma grande potência, no caso a Franca, que lhe garantiria o fornecimento de armas e munições.

Alger também receia que a França mande armas, e sobretudo soldados, para a Mauritânia. As palavras de Galley, segundo as quais **A atitude constante da França é não fazer nada que não nos seja pedido,** foram imediatamente seguidas por novos pedidos de auxílio por parte de Novakchott. Até onde irá a assistência francesa?

Os dirigentes argelinos, estão, para mais, preocupados com o papel que Giscard d'Estaing está a ter em África. Um porta-voz do Ministro dos Negócios Estrangeiros disse recentemente que a actual política de Paris «é exactamente contrária» à **do general De Gaulle,** e que **do Mayotte ao Sara Ocidental, do Zaire a Djibuti, do Benin a Brazzavile, da África austral à do Norte, ela arrasta perigosamente a França para uma engrenagem onde os próprios Estados Unidos, depois dos trágicos problemas do Sudeste asiático, hesitam, e com razão, dar entrada.**

Ao reagir tão vigorosamente, os dirigentes argelinos esperam aparentemente pôr o Governo francês na defensiva, mobilizar a opinião pública francesa e europeia, e sensibilizar países africanos que ainda hesitam em tomar partido. •

HAITI

MAIS DENÚNCIAS CONTRA DUVALIER

«A política irresponsável da 'dinastia' Duvalier é a principal causa da fome que actualmente sofre o povo do Haiti»: esta é a principal denúncia do Reagrupamento de Forças Democráticas Haitianas, feita no Canadá.

Durante uma conferência de Imprensa, os seus representantes qualificaram de falsa e superficial e explicação dada pelo governo do Haiti, de que «a seca é a responsável pelas graves dificuldades económicas que a população enfrenta».

A passividade do governo dos Duvalier, manifestada em diversas situações críticas é novamente expressa, quando novamente a solução dos problemas é buscada através da «ajuda externa». As autoridades haitianas receberam «ajuda» do governo dos Estados Unidos pela famigerada AID — Agência Interamericana para o Desenvolvimento, e do governo do Canadá, que enviou 10 mil toneladas de trigo e de milho.

Entretanto, diz o «Reagrupamento», que a explicação dada pelos Duvalier é uma tentativa de esconder a responsabilidade directa da equipa que detém o poder, frente à opinião pública nacional e internacional.

Jean Claude Duvalier, o «segundo» da «dinastia» que oprime o Haiti

Os representantes haitianos alegam que a fome, o analfabetismo, o desemprego e a repressão a que o seu povo sistemáticamente é submetido, não são provocadas «pela natureza», como a seca, mas pela política desastrosa da ditadura dos Duvalier, durante os quase 20 anos em que dominam o Haiti.

Desde 1957, esta «dinastia» hereditária não tomou qualquer medida para melhorar as técnicas agrícolas arcaicas utilizadas pela agricultura nem aplicou nenhuma política consequente para combater a erosão que transforma aquela pequena ilha do Caribe num verdadeiro deserto.

Referindo-se à «ajuda externa» recebida pelo regime de Port au Prince, os representantes haitianos assinalam que essas medidas, em alguns casos, aliviam os efeitos mas não atacam, de forma nenhuma, as causas reais da crise. Além disso, não é certo que os alimentos enviados pelos outros países sejam entregues aos que, realmente, sofrem a fome, devido aos defeituosos sistemas de distribuição e, sobretudo, pelo que a ditadura reserva dos víveres para revendê-los e, assim, enriquecer mais ainda. De todas as formas, dez mil toneladas de alimentos repisentam uma quantidade insignificante num país de cinco milhões de habitantes e onde uma parte da população começa a vender as portas das suas casas para tentar subsistir. Concluindo esta análise, o Reagrupamento de Forças Democráticas Haitianas lembra que a «ajuda externa» contribui, objectivamente, para menter a ditadura no poder para reforçar um Governo irresponsável. •

FOTO EXCLUSIVO

Ao contrário do que seria de supor, esta foto não nos revela qualquer «spot» publicitário para as conservas portuguesas. Trata-se duma verdadeira peça escultórica, colocada num dos bairros mais modernos de Paris: a Défense. (foto Keystone).

Neste momento tudo na China converge para um mesmo ponto: a louvor do presidente Hua Kuo-Feng e crítica acerba ao «bando dos quatro». É o caso do quadro patente nesta foto, obra do artista Liu Tche-Teh (ao centro) da província de Chensi. (Foto Keystone)

Robert Fabre (dirigente dos Radicais de Esquerda) François Mitterrand, (do PSF), e Georges Marchais do PCF) reuniram-se em Paris para estudarem a actualização do Programa Comum, o plano com que a «esquerda unida» vai apresentar-se ao eleitorado nas próximas eleições legislativas de Março de 1978. Da reunião saiu o estabelecimento de um grupo de trabalho de 19 elementos que irão proceder às actualizações, as quais serão depois sujeitas a retificação. Espera-se que o trabalho esteja concluído em fins de Junho próximo. Aos três subscritores iniciais irá juntar-se um outro partido, recentementte formado, e no qual se congregam diversos grupos de «gaullistas» da esquerda. (foto Keystone).

Estas três (infelizes) jovens suecas, Ingrid, Silvia e Karin, são fanáticas dum «movimento», denominado «Punk Rocck», nado e criado nos EUA, e cuja expansão está em desenvolvimento no mundo ocidental. Ao que parece, os jovens ingleses com menos de 20 anos estão já a ser afectados pela «Punkrockmania». As jovens suecas da foto negam que sejam neonazis. O único objectivo que as move é, segundo dizem «chocar as pessoas, provocar o espanto o medo». Tenham elas consciência disso ou não, o certo é que esta nova pestilência vinda de além-Atlântico visa objectivos políticos muito concretos, numa altura em que a recrudescência neofascista começa a preocupar vastos círculos progressistas nas democracias ocidentais. «Foto Keystone).

□ Frida Modak ■ INTERPRESS

MODIFICAR APENAS A IMAGEM

Dois directores da Comissão Argentina dos Direitos Humanos, CADHU, denunciaram numa reunião pública do Senado dos Estados Unidos que o governo norte-americano está a promover a concessão de assistência militar à Argentina, num total de 80 milhões de dólares para 1978. É difícil de admitir que os senadores ignorassem o facto, posto que a Casa Branca tinha pedido ao Congresso que aprovasse esse pedido.

Os 80 milhões de dólares em assistência militar dividem-se da seguinte forma, de acordo com a denúncia: quinze milhões em créditos para adquirir material bélico; 54 milhões e 400 mil dólares em créditos para o mesmo fim, que estão assinados, mas que não foram entregues; quinze milhões em vendas de armas pagas a pronto; e setecentos mil dólares para financiar o treino de 186 estudantes militares nos Estados Unidos. Os denunciantes, Olga Talamantes e Horácio Lofredo, também afirmaram que o presidente James Carter pedira ao Congresso que aprovasse o envio de 20 conselheiros militares à Argentina.

Este facto, provado com a documentação correspondente pelas pessoas mencionadas, volta a pôr uma questão de primordial importância: até que ponto têm validade as afirmações do presidente norte-americano. É certo que, através de um funcionário do Departamento de Estado, o governo norte-americano anunciou que ficaria sem efeito a sua política de condicionar a ajuda económica e militar em relação aos direitos humanos, mas não se especificou se tal abrangeria decisões já tomadas nessa matéria.

A denúncia dos directores do CADHU é a primeira demonstracão de que, depois da tormenta passageira causada há algumas semanas, tudo volta à primitiva, apesar do presidente continuar a declarar que o seu país deve ser um «farol» em matéria de direitos humanos.

A pouca luz irradiada por esse farol fica demonstrada, não só com a renovação da ajuda militar à Argentina, o que leva a crer que outro tanto acontecerá em relação ao Chile, Uruguai e Brasil, mas também com outro episódio em torno do qual o governo norte-americano mantém uma discreção que, no entanto, não diminui o seu impacto.

Em Marco, um diário chileno, de circulação autorizada pela junta militar, informou que a senhora Rosalyn visitaria o Chile, a convite de Pinochet. A notícia foi recolhida por um diário norte-americano que verificou a sua autenticidade com funcionários da Casa Branca, que confirmaram que a senhora Carter tinha aceite um convite do ditador chileno.

Não se sabe quando se concretiza tal visita, mas era suficiente o reconhecimento de que o convite foi aceite. Não foram tornadas públicas as razões por que a senhora Carter decidira fazer essa viagem, nem era necessário. É evidente que, se vai a convite da ditadura, não se propõe investigar a situação dos direitos humanos, antes, na qualidade de embaixadora pessoal do seu marido, a sua missão consistirá em estreitar os canais de comunicação que não funcionam muito bem, segundo Carter fez notar ao embaixador de Pinochet durante a sua apresentação de credenciais.

Estes dois factos, para citar apenas alguns dos mais recentes, confirmam o que se vislumbrava desde o começo. A política latino-americana de Carter é limitada e acentuará aqueles aspectos que lhe restituam prestígio rápidamente e que não impliquem grandes riscos. Promover uma mudança radical que elimine as ditaduras latino-americanas é perigoso para os interesses norte-americanos na região, de modo que o objectivo real é moficiar imagens negativas, cuidando que tudo siga sem alterações, e já há indícios muito claros de que isso está em marcha. ●

ENCONTRO COM VIGLIETTI

UMA CANÇ CONTRA O

□ Lino Fernandez
■ PRENSA LATINA

Daniel Viglietti é um dos cançonetistas latino-americanos cuja canção popular é uma arma de combate, que sensibiliza as fibras revolucionárias e nos lembra o dever de fazer algo pela liberdade e pelo bem estar dos oprimidos. Embora uruguaio, os seus horizontes são mais amplos e, com as suas composições e interpretações, ele procura dar apoio, onde quer que se encontre, à luta continental contra o imperialismo.

●

Ouvimos Daniel Viglietti em Argel, por ocasião da sua segunda visita ao continente africano (da primeira vez esteve em Tunis), onde conheceu potencialidades revolucionárias que até então ignorara. A entrevista realizou-se no escritório da Prensa Latina, pouco antes do seu último concerto na sala «El Mouggar».

P.L. — Viglietti, qual foi a tua actividade nos ultimos tempos e que expriências ganhaste?

D.V. — No período desde 1973 até hoje, fiz um trabalho semelhante ao de muitos cançonetistas latino-americanos, dando a conhecer em meios muito diversos uma parte da nossa cultura, que é a canção popular.

Digo canção popular para lhe dar um nome com o qual muitos cançonetistas podem estar de acordo. Para não se cair no problema de uma canção ser de protesto, de combate ou de luta. Canção popular no sentido de tentar expressar os sentimentos e aspirações de um povo de que faz parte.

Pessoalmente desenvolvi esse trabalho durante bastante tempo, na Europa, onde se concentrou o exílio da canção latino-americana. Na sua maioria, num trabalho de denúncia, de constante difusão dos problemas dos nossos países da América do Sul.

Quanto a mim, trabalhei muito no caso uruguaio, pela simples razão de ser a minha nacionalidade e conhecer melhor esse terreno do que outros. De um modo complementar, também fiz o mesmo no que diz respeito ao Chile e, nalguns casos, à Argentina.

Europa

Recordo, como factos importantes, na Europa, as apresentações nos primeiros actos que se realizaram na Europa Ocidental, por altura dos golpes de Estado no Uruguay e no Chile, respectivamente em Junho e em Setembro. Tiveram grande força pois sabíamos que o público tinha certo conhecimento da América Latina. Não esperavamos, porém, que vissem estes problemas com tanta solidariedade. Claro que num contexto como o europeu ocidental, do qual tudo isso tende a ser eliminado ou diluido nos meios de comunicação. Nesse sentido, é importante a permanência da canção porque nos locais onde a televisão, a rádio e os diários começaram a desinteressar-se, a canção começa a cumprir uma tarefa mais permanente, mantendo patentes todos esses problemas. Para mais, não se pode esquecer a utilidade do contacto com gentes várias, cantores e músicos, que considero um dos factores de enriquecimento, entre tudo o que se perdeu no exílio.

Assim se deram os encontros com grande quantidade de cançonetistas latino-americanos, que se encontram em vários países europeus, desde os uruguaios, como Numa Morales, os chilenos como os Parra, o grupo Cédron da Argentina e Atahualpa Yupanqui, que foi para nós uma figura exemplar dentro da canção latino-americana.

Por fim, todo este período está cheio de encontros com estes factores culturais do exílio, na

«Devemos ter sempre presente o exemplo do

medida em que é tão difícil reencontrarmo-nos com o nosso país, unidos na necessidade de comunicar o que é nosso a outros povos.

Ao chegar a este ponto Viglietti recordou com satisfação a sua participação no Festival da Canção Política da RDA, em 1974, da primeira vez que visitou a Alemanha Democrática, onde teve uma excelente experiência em contacto com o público desse país socialista.

Também se referiu com admiração à visita que em 1967 fez

«A canção começa a cumprir uma tarefa mais permanente»

ÇÃO (DE UNIDADE) IMPERIALISMO

os vietnamitas»

a Moscovo, onde cantou na Universidade Patrice Lumumba.

América Latina

Quanto à experiência na América Latina, ela não é tão completa como ele o desajaria, devido a razões materiais concretas, e um certo tipo de dificuldades que impedem um contacto com o seu continente.

Em 1974 esteve no México e na Venezuela. No primeiro desses países trabalhou sobre tudo na capital e teve tempo suficiente para conhecer o interior. Na Venezuela efectuou uma «tournée» bastante ampla. A música latino-americana não foi um golpe emocional abrupto, mas real, como quando se volta a pôr na terra uma planta que foi transplantada.

D.V. — Essa planta é colocada na terra e não dá um salto, nem se mostra muito diferente, mas reconhece rapidamemte o seu ambiente, o seu solo, o seu ar. Foi o que aconteceu comigo e creio que com muitos latino-americanos, quando regressamos depois de uma estadia em países longínquos. Senti então a necessidade de voltar a contactar com a América Latina. Creio que isso terá bastante utilidade, no sentido de voltar a comunicar uma quantidade de vivências, até a do exílio, que é preciso dar a conhecer a povos que não vivem em regimes ditatoriais, como a Venezuela e o México. Por outro lado, também é uma forma de enriquecermos e de nos mantermos vivos no terreno da criação, tomar contacto com o meio a que pertencemos».

Africa

Em todo este quadro há um terceiro elemento que diz directamente respeito a esta conversa, e esse elemento é o descobrimento tardio de África por motivos históricos e culturais.

D.V. — Para mim, a Argélia não foi o primeiro contacto. Já antes tinha estado em Tunes, por ocasião do festival de Tabarca. Claro que isso não é representativo de África. As circunstâncias, os países e os momentos são muito diferentes.

P.L. — Quais foram as impressões mais significativas no teu trabalho?

D.V. — Se falar das impressões mais marcantes nos contactos que tive, e que são muito diferentes, muito amplos, devo destacar — e já o fiz antes — o caso da Nueva Trova Cubana, que conheci mais de perto durante a minha segunda visita a Cuba, em 1972, durante o encontro de música latino-americana.

Tive ali muitas conversas e o gosto de trabalhar com os cançonetistas mais representativos da Nueva Trova Cubana, como Silvio Rodriguez, Pablo Milanés, Noel Nicola, Sara Gonzalez, e senti profundamente a sua solidariedade.

Trabalhei com eles e inclui um testemunho de trabalho em conjunto num disco a que chamei Trópico e tinha por objectivo dar a conhecer as primeiras amostras da actual música cubana no meu país, e também na Argentina onde trabalhei muito.

No Uruguai conhecia-se o fenómeno do querido camarada Carlos Puebla, mas não a canção actual. Este disco procurava ser a ponta de lança através de alguém com uma certa audiência, como era o meu caso.

Isto quanto à Nueva Trova Cubana. Mas há outro fenómeno que me impressionou muito, a canção brasileira. Não quero dizer com isto que a canção chilena ou a argentina não me tenham impressionado. mas julgo que estas correntes são mais conhecidas.

Por isso prefiro referir-me ao fenómeno brasileiro e dizer como fiquei impressionado com o contacto que tive com Chico Buarque. Creio que a canção brasileira e principalmente a de Chico Buarque deve situar-se ao nivel da Nueva Trova Cubana.

P.L. — Qual a tua concepção do artista comprometido e que aconselhas aos novos valores?

D.V. — Esta é a parte mais difícil. Creio que quem melhor o exprimiu foi um companheiro uruguaio, que é um intelectual muito destacado: Mário Benedetti. Acho arriscado procurar uma fórmula melhor. Ele disse que «uma revolução numa sociedade nova não se faz só com um tiro, uma greve, um poema, com coisas concebidas separadamente, mas sim com uma súmula de todas elas».

Agora, dizer dogmaticamente qual é o equilíbrio de factores dessa súmula, quais são os factores que o intelectual ou o artista que quer o seu povo livre devem manejar, é arriscado, e creio que depende muito do contexto histórico do país.

Já dissemos muitas vezes que o cançonetista deve estar presente no povo e muitos de nós estivemos presentes com a canção nos sindicatos, nos centros de estudantes, nas marchas «cañeras», nas greves, na campanha eleitoral. Agora, desde que estamos no exílio, deixou de haver tal possibilidade.

Claro que fazemos um trabalho de denúncia, de encontro no exílio. Mas há um problema de tempo e de perspectiva e também de visão crítica de um período muito convulsivo que temos vivido em todos os sentidos, e que nos exige confrontar a canção com as suas possíveis limitações e com os seus erros. Há um repto na própria canção. A canção propõe ao cantor: «Agora que modelar-me, que trabalhar-me mais, porque quando voltarmos ao seio do povo deve-se estar enriquecido, mais profujdo e não permanecer estático». É muito fácil cair-se num mecanismo e nas conhecidas aldrabices da verborreia revolucionária, por trás da qual se pode esconder um produto mediocre, sob o ponto de vista artítisco. Então, este é o combate. É um fenómeno que muitos companheiros começam a viver. Isto de nenhuma maneira deve ser confundido com uma ideia perfeicionista, esteticista, de latino-americanos que querem conseguir uma filigrana. Não é isto. É uma proposta muito mais humana, mais real e, creio, mais complicada.

Nós tínhamos uma esperança elaborada no Uruguai. Todo um enorme grupo humano seguia esta esperança com diferentes bandeiras. Esta esperança acabou truncada, mas não destruída. Sofremos uma derrota. Isso, que agora demora cinco segundos para que eu o diga, consumiu mais de três anos para ser assumido. Neste sentido, a continuidade do processo cria problemas.

Não creio que haja nenhum grupo ou sector político no Uruguai com ideias progressistas que possa abarcar a todos, que demonstre com factos a posse de uma chave para abrir o futuro uruguaio e para dizer qual o caminho exacto a ser seguido. Estamos todos numa experiência de criação experimental. Isso, naturalmente, vai reflectir-se também na canção, porque ela funciona um pouco como um espelho do processo. Acredito que se deve ser muito autêntico consigo próprio. Deve-se trazer para fora todas as autenticidades e as verdades possíveis. Além disso, ter um verdadeiro sentido autocrítico e fazer sempre esforços para encontrar o verdadeiro alcance da canção, não crer que com ela se pode mover a história, mas sim que é um elemento de comunicação que toca a consciência que faz pensar e que cria inquietudes.

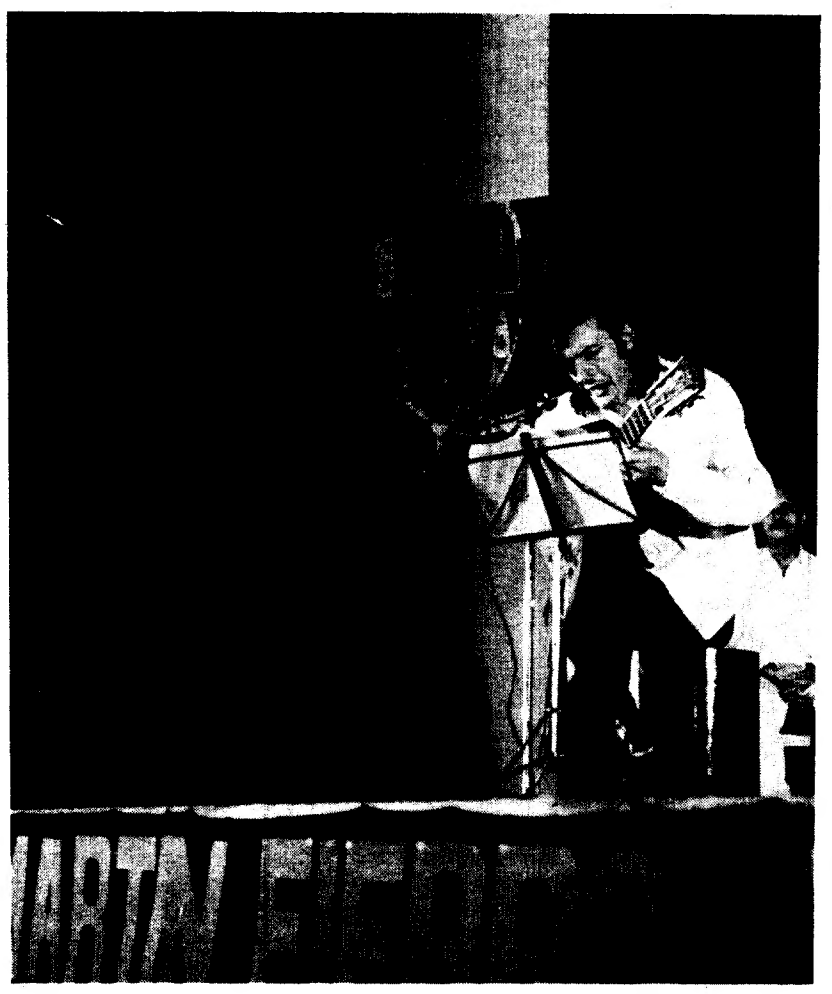
Então, creio que, com base na autenticidade do trabalho que alguém faz, em estreita relação com o processo popular do seu povo, é que o cantor terá que definir-se, de acordo com o momento histórico ou com as opções históricas que a ele se apresentam. Isto foi resolvido, num momento determinado, por Cruz, na Bolívia, e por Victor Jara, no Chile. E neste sentido, os esquemas não podem ser manejados. O importante é que, de um ou outro modo, haja uma relação muito estreita com o povo. Cuidar muito este equilíbrio fundamental, este entrelaçamento que deve haver entre a mensagem política mais ou menos directa. Isso depende de estilos e de concepções, e de todas as diversas qualidades de uma canção.

Não estou de acordo em dizer que o essencial de uma canção é que seja bela. Parece-me que também é uma simplificação dizer que seja belamente revolucionária. Deve-se buscar uma síntese. De todas as maneiras, às vezes tenho um pouco de temor de que o tempo passe, porque antes tinha uma relação muito complicada com a canção. Eu gostava do que fazia, mas, por vezes, não. Agora, dedico-lhe mais carinho. De repente, estou envelhecendo, mas estou mais identificado com o trabalho em si.

P.L. — Quais são os teus planos futuros?

D.V. — Bem, aí misturam-se o querer e o poder. Mas em termos gerais desejo continuar a desenvolver a canção, voltar a trabalhar nos países da América Latina e manter uma continuidade no trabalho desenvolvido em África, do qual ainda não tenho uma consciência muito clara, pois é uma experiência que se vai nutrindo em várias etapas. Quanto à Europa, procuro ser consciente das barreiras encontradas em todas as sociedades de consumo. Entretanto, devemos ser muito reais e objectivos quanto à Europa e aos Estados Unidos, que são plataformas de informação, de difusão internacional, muito importantes para denunciar o que se passa no nosso continente. Evidentemente, a utilização de uma plataforma norte-americana é bastante paradoxal. Mas também sabemos que os Estados Unidos não formam um bloco absoluto e que dentro deste país existem numerosos sectores que estão em desacordo com a política do seu Governo em relação aos nossos povos. E entre as frases de uma canção que estou a terminar há uma que diz: «Somos os invencíveis que fomos derrotados mas um dia venceremos».

Quero dizer que temos falado muitas vezes da unidade que deve existir entre os latino-americanos. Existem montanhas de folhas escritas sobre isso, canções e poemas. Creio que neste momento, diante do que está a ocorrer, é de uma importância enorme levar esta unidade a uma realidade mais concreta. O imperialismo trabalha unido em relação ao nosso continente. Joga com experiências com as quais tenta aniquilar um povo para atacar outro, com os erros cometidos numa frente para não voltar a cometê-los em outra. Então, acho que os povos devem responder de uma maneira global. Mas isso não pode acontecer de repente. É uma elaboração que passa por sustentar, por afirmar, que a unidade é fundamental. É uma tarefa de todo o continente latino-americano, pois quando alguém abre um diário e lê que existem cinco mil prisioneiros políticos, ou uma lista de desaparecidos do Chile, ou 500 pessoas assassinadas num curto período na Argentina, a dimensão da luta passa, de confrontos mais ou menos importantes, a uma verdadeira guerra. Somente muito unidos poderemos enfrentar o imperialismo. E, neste sentido, devemos ter sempre presente o exemplo dos vietnamitas. •



«nosso descobrimento tardio de África, ouvir razões históricas e culturais»

EXCLUSIVO

"APOCALYPSE NOW"
OS AMERICANOS PREPARAM-SE PARA VER NO CINEMA A SUA PRIMEIRA DERROTA

□ **Dominique Lhombres**
■ LE MONDE

Dois anos depois da queda de Saigão, a guerra do Vietname já entrou na história americana. O tempo dos soldados terminou; começa o dos comerciantes. Francis Ford Coppola, productor, realizador (o **Padrinho**, a maior receita da história do cinema), resolveu montar «o» grande filme americano sobre essa guerra (e a do Cambodja) que os especialistas do «marketing» cinematográfico desejavam desde que os **bo doi** substituíram os G.I.'s ao Sul do 17º paralelo.

Os americanos verão pois em breve uma «superprodução» intitulada «**Apocalypse now**», que vai custar, segundo Ford Coppola um número incrível de milhões de dólares. Os «exteriores» são filmados nas Filipinas, país «amigo» cuja paisagem não é muito diferente da do Vietname e do Cambodja. Mas Angkor? Um bom filme sobre a guerra da Indochina não se concebe sem algumas embuscadas, tendo por quadro o célebre templo, que antes da tomada de Phonom-Penh pelos Khmers vermelhos, ostentava a bandeira cambodjana. Foi portanto construída em Hollywood uma réplica de Angkor, que custou mais alguns milhões de dólares. Mas como a pasta de cartão tem as suas fraquezas, o templo ruiu espectacularmente há alguns dias. O que significa mais uma despeza de milhões de dólares.

Coppola, que não é destituído de espírito prático, contratou Pat Caddel, especialista em sondagens de opinião, e Gerald Rafshoon, agente publicitário, ambos (com o êxito que se sabe) a campanha eleitoral de Jimmy Carter, para «promover» o futuro monstro cinematográfico...

«**Apocalypse now**» põe, como é evidente, alguns problemas graves. Os americanos vão ter a possibilidade de contemplar, confortavelmente sentados numa sala, uma evocação romanceada e colorida da única guerra que perderam. Porém, nem todos poderão ter esse prazer no solo pátrio.

Carter, logo que a 20 de Janeiro entrou em funções, concedeu a graça presidencial aos «insubmissos», isto é, a todos os que recusaram juntar-se ao Exército, entre 4 de Agosto de 1964 e 28 de Março de 1973. Estes (várias centenas de milhares de pessoas, segundo os números oficiais) já estão portanto livres dessa guerra que não fizeram. Os desertores, porém, menos numerosos mas cuja situação é infinitamente mais trágica, acharão, sem dúvida, amargo, ver as imagens dessa guerra, no exílio em países estrangeiros, por entre a indiferença geral.

Poder-se-ia meditar longo tempo sobre o génio singular de um povo suficientemente livre para ver em família um filme sobre a sua primeira derrota militar (que foi acompanhada por uma excepcional crise moral) logo dois anos depois dessa mesma derrota, mas tão preso aos seus valores patrióticos que se recusa a passar a esponja nas «deserções». A América concorda em ver o «**Apocalipse**» de Hollywood, mas não perdoou ainda aos desertores do Vietname o facto de estes terem tido razão primeiro. •

TAITI EM BUSCA DO SEU PASSADO

□ **Yvonne Rebeyrol**
■ **LE MONDE**

Durante muito tempo julgou-se que as ilhas da Sociedade tinham sido povoadas, quando muito, no século XI. Um povoamento tão tardio excluia pois a necessidade de escavações: os vestígios — mesmo os mais «antigos» — eram demasiado recentes para estarem escondidos debaixo de pedras ou de vegetais. Em 1964 verificou-se, porém, que as ilhas da Sociedade haviam, na verdade sido ocupadas um pouco mais cedo do que se pensava: no século X da nossa era. Mas é possível que o povoamento do arquipélago possa ter começado no século IV, tal como sucedeu nas ilhas Marquesas.

Até à chegada dos europeus — no século XVIII — os vales de Taiti foram povoados apesar do seu relevo, muito difícil, e das chuvas (mais abundantes que na costa) e que transformam os rios em torrentes furiosas. A chegada dos europeus trouxe novas doenças, e quebrou as estruturas sociais tradicionais. A população autóctone diminuiu muito. O interior da ilha ficou deserto e há séculos que só a costa é habitada. Desapareceram quase todos os vestígios da beira-mar. Se se quiser encontrar traços de antes do século XVIII, é preciso ir aos locais onde não há pontes nem estradas e procurar sob uma vegetação por vezes inextricável e debaixo das camadas de húmus formadas pela decomposição dessa vegetação.

Até hoje, as descobertas que se fizeram não são antigas. Elas não vão além do século XVI. Mas as descobertas deveriam permitir encontrar, a pouco e pouco, pelo menos parcialmente, dois séculos de história taitiana, e compreender melhor o passado do conjunto do Pacífico.

No vale da Papenoo, tal como nos outros vales que foram prospectados, encontram-se alguns utensílios de pedra (essencialmente enxós) e, sobretudo, estruturas de pedras vulcânicas (talhadas, está bem de ver, sem ferramentas metálicas).

As mais importantes dessas estruturas são, sem dúvida, os **marae**, que, de resto, se encontram em toda a Polinésia Central. Residência temporária dos deuses ou dos antepassados divinizados, testemunho tangível da importância de uma família ou de um clã, reserva das geneologias e locutório onde alguns vivos autorizados entravam em contacto com os deuses e os antepassados, os **marae** são formados por uma plataforma de pedra erguida, com pálio cercado de muros. Todo o local é tabu.

Isto é o esquema teórico. Na prática há numerosas variantes conforme se trate de **marae** privadas, reais ou «internacionais». A maior parte das vezes, a plataforma só tem cinquenta centímetros de altura, mas algumas elevam-se, em degraus, até 10 metros. Os muros, quando existem, também têm alturas variáveis e o pátio que eles delimitam é mais ou menos espaçoso. No alto da plataforma e diante dela podem haver pedras erguidas simbolizando os deuses e os antepassados que ali vão temporariamente durante as cerimónias. No pátio havia, eventualmente, altares para as oferendas de homens, de animais ou vegetais, mastros, tambores, etc. No exterior do pátio podiam fazer-se plataformas de madeira destinadas a receber o corpo mumificado de um chefe, hangares para as pirogas dos deuses, uma cabana sagrada...

Claro que actualmente só restam as estruturas de pedra: as plataformas, os muros e as pedras erguidas dos **marae**, e ainda alicerces de casas, terraços destinados às culturas ou à defesa.

Em catorze semanas, as primeiras campanhas da Papenoo foram muito frutuosas: nos dois hectares em que se fez a prospecção ou escavação, encontraram-se doze **marae** importantes, numerosos conjuntos de habitantes e terraços e mais de quatrocentos objectos de pedra, que se encontram agora no Museu de Taiti e das ilhas. Também foram retiradas amostras de solos, de vegetação actual e passada, de modo a tentar reencontrar a evolução ecológica do vale. As ossadas que se encontraram em grutas funerárias permitirão conhecer a morfologia dos insulares antes da chegada dos europeus. Por fim, a análise do carvão vegetal encontrado forneceria datas concretas.

As investigações feitas no vale da Papenoo têm outra vantagem: elas permitem, pela primeira vez, iniciar no trabalho arqueológico jovens taitianos desejosos de encontrar a sua antiga cultura. E põem o problema da arqueologia polinésia. A Polinésia francesa, como outros territórios do ultramar, não faz parte de nenhuma circunscrição arqueológica — o que facilita a pilhagem dos locais por «coleccionadores». Não seria possível criar um «parque arqueológico» num dos vales da península de Talanapu? Há ali belas estruturas religiosas e o vale só é acessível por mar... •

"QUERELA DE AMIGOS" ENTRE PEQUIM E HANÓI

□ **Roland-Pierre Paringaux**
■ **LE MONDE**

Paracels ou Xisha (nome chinês)?

Esta poalha de pequenos ilhéus do mar da China do Sul, quase equidestantes das costas do Vietname e das do antigo Império do Meio, continua a provocar certa tensão entre os dois países «irmãos».

Respondendo sucintamente a uma pergunta sobre o problema, por altura da sua visita a Paris, Pham Van Dong, afirmou que ele seria solucionado oportunamente. A «oportunidade» de uma negociação surgira visivelmente aos dirigentes vietnamitas, durante o Verão passado, dois anos e meio após a ocupação por militares chineses, das referidas ilhas, anteriormente dirigidas por um punhado de marinheiros do regime de Saigão. A derrota do General Thieu não modificou em nada o ponto de vista vietnamita, mas a morte de Mao Tsé Tung e as lutas internas que se lhe seguiram impediram até hoje que uma delegação de Hanói fosse a Pequim confrontar os seus argumentos com os dos chineses.

Estes recifes de 6 quilómetros quadrados, utilizados desde há séculos pelos pescadores e com

Chiang Ching

algumas palhotas regularmente varridas pelos tufões, valerão uma querela de amigos? Claro que sim, se se tiver em conta a sua posição estratégica numa rota marítima muito frequentada, e perto de vastas zonas ricas em petróleo. Vietnamitas e chineses procuram portanto exumar os seus documentos, os seus mapas, os testemunhos de viajantes do passado e também os arquivos coloniais, a fim de provar o seu direito soberano sobre as ilhas, durante longo tempo entregues às visitas regulares das tartarugas marinhas.

O imperador vietnamita Gia Long apoderou-se delas em 1816. Prova-o um pagode ainda ali existente. Piratas chineses instalaram-se depois nas ilhas, antes de serem expulsos pelos ingleses. Em 1909 as Paracels foram colocadas sob a guarda de duas canhoneiras chinesas vindas de Cantão, o que não preocupou grandemente a administração colonial francesa de Hanói. Para confundir mais as coisas, os vizinhos filipinos pretendem, em 1950, ter «descoberto» certos ilhéus esquecidos, mas até 1974 não se produziu nada de grave.

Pequim lança uma banda desenhada, edificante e racista, que mostra uma heroina chinesa, armada com uma forquilha, e que galvaniza os seus atléticos camaradas, fazendo fugir os grotescos e raquíticos marinheiros de Thieu. Em 1974 Hanói não podia, como é evidente, comentar em público essa vitória sobre os «maus» vietnamitas, que são em todo o caso, vietnamitas.

Qual seria a solução da querela? A força ou o direito?

Para a China, a maneira de lhe pôr fim seria evidentemente responsabilizar o «bando dos quatro», culpados do ataque de 1974.

É esta, pelo menos, a hipótese posta por certos vietnamitas geralmente bem informados. •

FIGURA EM DESTAQUE

MODIBO KEITA

Com 62 anos de idade e quase oito de prisões mais ou menos rigorosas, faleceu no passado dia 16 um dos líderes históricos da África anti-imperialista: Modibo Keita.

Fora primeiro presidente da República do Mali (isto desde a independência em 1960 até 1968) até que um golpe de Estado militar o derrubou para colocar no Poder o actual presidente Moussa Traore.

A importância de Modibo Keita na África moderna remonta ao tempo em que, ao lado de meia dúzia de notáveis das colónias francesas foi participando nas diversos parlamentos com que os franceses «treinaram» os homens que iriam continuar a sua dominação em África (mas agora sob a forma neocolonial). Essa importância ganha vulto ao deslocar-se Keita, nitidamente, para o lado do então nascente bloco anti-imperialista e que se começava a reclamar do «socialismo científico».

Modibo Keita nasceu em 1915 tendo estudado em Dakar, na William Ponthy School, posto o que se tornou professor. Começa, então, a interessar-se pela política e de 1953 a 1956 foi conselheiro da União Francesa tornando-se deputado pelo Sudão (que abrangia os actuais Estados do Sudão, Mali e Senegal) à Assembleia Nacional Francesa em 1956. Foi, aí, o primeiro vice-presidente africano.

A 4 de Abril de 1959 foi eleito presidente da Federação do Mali que englobava os territórios hoje compreendidos pelo Mali, Senegal, Alto Volta e Benin. Sucessivamente vão-se separando o Alto Volta e o então Daomé (Benin).

A ruptura com o Senegal é já um indício das tensões políticas que agitariam a África até aos nossos dias: de um lado, a antiga esquerda sudanesa advogando centralização radical e uma condução política mais vincadamente anticolonial; do outro, os moderados senegaleses, com Senghor em chefe de fila (apesar de nessa altura se afirmar ainda «marxista») defendendo uma maior autonomia dentro do espírito da Federação. O Senegal pretendia, inclusive, continuar dentro da comunidade francesa.

A ruptura efectiva-se quando a 20 de Agosto de 1960 a Assembleia senegalesa vota a saída da Federação e os líderes sudaneses são expulsos de Dakar. A Assembleia do Sudão proclama, então, formalmente a independência, estabelecendo a República do Mali, com Modibo Keita como presidente, e rompendo os laços que ligavam a antiga colónia à França.

E a partir daqui que Modibo Keita se desloca definitivamente para o bloco que na altura se pretendeu chamar do «neutralismo positivo» e que defendia ligações estreitas aos países socialistas, mas sem com isso deixar de manter as tradicionais relações económicas, políticas e culturais com o Ocidente.

A oposição que a França começou a mover a este projecto, radicalizou os mentores desse neutralismo positivo (Modibo Keita, Kwame N'Krumah e Sekou Touré) e levando-os a tentar formar uma união dos seus três países — Mali, Ghana e Guiné-Conakry. Essa organização, designada União dos Estados Africanos, foi proclamada em Abril de 1960, mas teve vida efémera.

Para se situar melhor a personalidade de Modibo Keita, deve remontar-se à data da fundação da OUA, 1963, e aos grupos que então tentavam controlar politicamente a organização. A revista «Spark», órgão teórico do partido de N'Krumah publicava no seu número de 24 de Maio de 1963, véspera da fundação da OUA três grupos de fotografias dos chefes de Estado africano. Um dos grupos era designado como favorável ao «imperialismo anglo-americano» e reunia as fotos de Hailé Sélassiè, Tubman (da Libéria), e Tafala Balewa (da Nigéria); o outro grupo recebia o epíteto de favoráveis ao «imperialismo francês» e eram eles Senghor, Hou-Phouet-Boigny (da Costa do Marfim), Fulbert Youlou (Congo-Brazzaville) e Yameogo; o tercieo grupo, «nacionalismo africano radical» era composto por Nasser, N'Krumah, Nyerere e Modibo Keita. Destes últimos só é vivo o presidente da Tanzânia.

As divisões práticas faziam-se em torno das questões do «neocolonialismo» e da «unidade africana»; a separação ideológica centrava-se na questão de os dois primeiros grupos (ou os seus principais expoentes) falarem de socialismo africano para esconder um real neocolonialismo, enquanto o grupo de Keita sempre se afirmou do «socialismo científico».

Esse radicalismo e a prática consequente, que levou a grandes nacionalizações no Mali e à ira dos franceses, viria a custar o Poder a Modibo Keita que foi derrubado por um golpe de Estado militar em 18 de Novembro de 1968.

Mas a sua influência foi de tal ordem e a doutrinação então feita tão fecunda junto dos jovens quadros militares, especialmente, que o Mali é ainda hoje um país onde predomina o sector público da economia e que em política externa tem tomado posições nitidamente progressistas, como seja no apoio ao MPLA.

A formação marxista de Modibo Keita deixou raízes que estão a dar alguns frutos mesmo para além da sua morte.

MARROCOS .

OS JUDEUS VINDOS DE ISRAEL

□ **Luís Gravier**
Le Monde

RABAT — **Temos todos a mesma bandeira, o mesmo rei e os mesmos direitos** — lembrava recentemente o governador de Marrakech, Mustafá Tarik, aos membros do conselho das Comunidades Judaicas de Marrocos, reunidos em assembleia geral. Essas sessões realizam-se tradicionalmente em Rabat ou em Casablanca. Também a escolha de Marrakech, numa altura em que o soberano lá residia, pareceu significativa. Segundo certos meios judaicos, a eleição de David Amar, importante personalidade do sector económico, para posto de secretário-geral do Conselho das Comunidades — função esta que já ocupava desde a independência a 1971 —, teria sido favoravelmente acolhida no palácio. Constituídos nas principais cidades, os Conselhos das Comunidades Judaicas têm actividades que estão principalmente ligadas à assistência aos indigentes e à gestão de fundações pias. Nada exclui os judeus marroquinos das instituições do reino. Alguns foram eleitos para conselhos municipais em Novembro de 1976, e para a Câmara do Comércio no passado mês de Março. Podem apresentar-se as eleições legislativas.

A constituição não faz nenhuma discriminação a seu repseito. A oposição irredutível de Mohamed V, sob o protectorado, à aplicação aos seus súbditos israelitas das leis raciais de Vichy, testemunha historicamente esta preocupação de igualdade.

O convite para regressar ao reino, feito há mais de um ano por Hassan II aos judeus marroquinos emigrados em Israel ou em qualquer outro país, não é mais do que a confirmação de um direito permanente de regresso, tanto mais evidente quanto o soberano, segundo as suas próprias palavras, **nunca lhes pediu que abandonassem Marrocos. Eles constituem,** acrescentara, **um elemento inteligente, trabalhador, económico, rentável e muito interessante.**

As partidas por razões várias reduziram a umas vinte mil pessoas a população judaica de Marrocos, que contava em 1950 com umas duzentas e cinquenta mil. Não há estatísticas sobre regressos. Calcula-se que mais de um milhar de judeus tenha correspondido ao apelo do rei. Na sua maioria vinham de França e de Israel.

A sua reinserção foi muito discreta. Eles não quiseram, por exemplo, responder a um pedido de entrevista feito por uma cadeia de televisão americana. O facto de parte das suas famílias continuar em Israel justifica aparentemente uma tal reserva.

Pouco depois da iniciativa do rei, jornais de tendências tão opostas como **Marco Soir**, de linha próxima do Governo, e **Al Bayane**, do Partido do Progresso e do Socialismo (comunista), fizeram análises convergentes, pelo menos em certos pontos essenciais, como, por exemplo, haver em Marrocos um património cultural judaico, cuja perservação o impõe, e a minoria judaica, mesmo reduzida, que ficou no reino, ter um papel a desempenhar para promover um judaísmo marroquino novo e eficaz.

Surgiram preocupações análogas, nos planos cultural e político, no seio do grupo Identidade e Diálogo, que teve nos últimos meses a sua assembleia em Paris, assembleia essa que reuniu intelectuais e quadros judeus de Marrocos, que trocaram esse país pela França. Os membros do grupo mostram-se ao mesmo tempo atentos ao processo de democratização iniciada no reino, e à possível evolução do conflito israelo-árabe para a paz. Decidiram por isso iniciar um diálogo com Marrocos, Israel e os palestinianos. Em Marrocos já se realizaram contactos com algumas entidades responsáveis.

SEMANA INTERNACIONAL

O RETROCESSO

Depois de quase três décadas de domínio do Partido Trabalhista, Israel é agora governado pelo direitista Partido Likud, cujo «leader», Menahem Begin, apontado como o próximo primeiro-ministro, uma semana após a vitória, foi internado de urgência num hospital de Telavive com uma crise cardíaca. A vitória dos direitistas em Israel vem diminuir bastante as possibilidades de uma solução para o conflito israelo-árabe, já comprometida anteriormente pela possibilidade do derrotado «falcão» trabalhista, Shimon Peres, vencer as eleições. Quer dizer: qualquer que fosse o vencedor, as teses sionistas sobre a criação de um Estado palestiniano e a desocupação das áreas conquistadas, póuca ou nenhuma alteração sofreriam. Begin, velho inimigo de Ben Gurion, que há 29 anos aspira a chegar ao poder, finalmente conquistado, deu uma entrevista à Televisão americana onde deixa antever que não está disposto ao diálogo em bases justas e, para tal, usa a Bíblia como argumento. O que talvez consiga com as suas posições é desencadear uma nova crise do petróleo, pois os árabes não estão por sua vez dispostos a aceitar o reforço e prepotência sionistas.

Persistência

Apesar dos pedidos de calma feitos pelos partidos e pelos sindicatos, o País Basco continua em efervescência. Depois da greve que paralisou meio milhão de trabalhadores na região mais industrializada do território espanhol, como protesto pela brutalidade policial e como forma de pressão para a libertação dos presos políticos que ainda estão nas cadeias do rei, a situação permanece instável com novos focos de agitação, como o atentado que matou um polícia, os ataques à bomba a várias esquadras de Madrid, o sequestro do industrial Ybarra e divisões na ETA. Este último factor teve a sua origem na ordem de deportação dada pelo Governo de Suárez para os condenados à morte bascos que já começaram a chegar à Bélgica. Enquanto a organização nacionalista basca, na sua maioria, estaria disposta a aceitar momentaneamente esta solução, outros membros ligados ao sector militar, não estariam propensos a acatar esta «meia liberdade», quando falta pouco menos de um mês para a realização das primeiras eleições. livres em Espanha. A campanha eleitoral promete ser bastante acidentada.

Armas

Em Genebra, Andrei Gromyko e Cyrus Vance, respectivamente ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS e secretário de Estado dos EUA, reiniciaram as conversações SALT com vistas á limitação de armas estratégicas. O encontro dá-se após o malogro de Vance em Moscovo, em princípios deste ano, quando os soviéticos rejeitaram as propostas norte-americanas por serem unilaterais. Desta vez, o comunicado final da reunião referiu «progressos no sentido de estabelecerem um quadro comum», com as divergências que separavam as duas partes a ser «parcialmente superadas». Soviéticos e norte-americanos decidiram ainda estabelecer um sistema de «consultas mensais» sobre o Médio Oriente e convocar uma nova reunião, também em Genebra, no próximo Outono.

Escalada

Calados pela força, desde 1968, os estudantes brasileiros voltaram aos velhos tempos em que actuavam na política nacional ao mesmo tempo que foi divulgado publicamente, e pela primeira vez, que 54 coronéis entregaram a Geisel um documento onde, entre outras coisas, exigem o fim do actual regime militar de extrema-direita e, consequentemente, a sua deposição. Reprimidos com a violência habitual, em que Universidades foram invadidas pela Polícia e São Paulo praticamente ocupada por contingentes militares, a ditadura brasileira parece estar com os dias contados, tanto mais que, segundo consta, muitos dos coronéis signatários do «documento« regressaram recentemente dos Estados Unidos e trazem novas ideias a respeito dos Direitos Humanos que Carter diz defender. E se a ditadura já nao interessa aos Estados Unidos, que em 1964 foram os seus promotores e ao longo de 13 anos foram o seu sustentáculo, é porque, realmente, está a chegar a hora dos generais brasileiros fazerem as malas.

Ataque

Repetindo uma acção desencadeada em 1975 e que deu muito que falar, nacionalistas das ilhas Molucas do Sul, sob o domínio da Indonésia, capturaram outro comboio e, aogra, mais uma escola, na Holanda. Motivo: querem o reconhecimento do seu país, pelo qual lutam há 25 anos. Em 1975, o caso durou 10 dias e causou a morte de três pessoas.

C.D.

PELO MUNDO

Conferência Mundial dos Crentes

DE 6 a 10 de Junho próximo decorrerá em Moscovo uma conferência Mundial dos Crentes, subordinada ao tema: «Os religiosos pela paz estável, pelo desarmamento e pela justiça nas relações entre os povos». A conferência contará com a participação de 500 delegados, representando o Budismo, o Judaísmo, o Islamismo, o Shintoísmo e o Cristianismo. Cada um dos três temas principais (paz, desarmamento, justiça) será estudado noutros tantos grupos de trabalho.

●

RACISMO E REPRESSÃO NOS EUA

Realizou-se em São Francisco (EUA) uma conferência consagrada aos actos arbitrários da polícia americana, organizada pela União Nacional contra a Repressão Racial e Política.

Os participantes na conferência sublinharam que as autoridades recorrem à força policial para reprimir os direitos constitucionais e cívicos dos americanos perseguir e intimidar as minorias nacionais.

D. Banks, um dos dirigentes do «Movimento dos Indiõs americanos» — declarou que informadores e agentes da polícia são largamente utilizados para desacreditar a luta dos habitantes autóctones da América. P.Parkman, presidente da secção local da União Nacional da Luta contra a Repressão Racial e Política, afirmou que a Polícia intensificava a repressão com o recrudescimento da luta dos americanos pelos seus direitos.

●

A LONGA VIAGEM

O «Lyness», da marinha real britânica, entrou quase despercebido em águas filipinas, no decurso de uma longa viagem ao Extremo Oriente. Embora um informador da Embaixada britânica tenha declarado que o barco não procurava publicidade, o certo é que ele se destina à promoção de vendas no estrangeiro de um material que muitas pessoas não consideram extremamente sedutor: armas. Esta espécie de loja ambulante levaria mesmo no seu bojo, segundo fontes bem informadas, mísseis terra-ar e tanques Scorpion. O «Lyness», que não foi autorizado a entrar no porto de Tóquio, visitará ainda Banguecoque, Singapura, Jacarta e Porto Kelang, na Malásia, antes de regressar (muito mais leve?) à origem.

INSÓLITO

O senador americano William Proxmire atribuiu o «prémio para o melhor exemplo de como se gasta mal o dinheiro do contribuinte» à «Smithsonian Institution», pela edição que esta fez de um dicionário que, no próprio prólogo se reconhece como «essencialmente inútil». A referida instituição gastou 89.000 dólares (3500 contos aproximadamente) para traduzir para inglês uma língua estranha, o tzotzil, falada por 100.000 camponeses do Sul do México. O dicionário assinala, no prólogo, que é inútil, até para o referido grupo de camponeses, visto não possuir a tradução espanhola falado no México.

Sin Proxmire declarou: «Não sei como se diz em tzotzil **estão a gozar connosco**, mas isso resume os meus sentimentos».

●

A cidadã soviética Sofia Misilevich, natural de Minsk, espantou todos os médicos ao morrer 24 vezes. A sra Misilevich fora dada como clinicamente morta logo após ter dado entrada no hospital, com dores cardíacas e dificuldade de respiração. Logo em seguida, porém, recuperou os sentidos, mas daí a uma hora voltava a morrer. O processo repetiu-se 24 vezes durante 48 horas.

A senhora Misilevich já regressou ao trabalho mas o seu caso continua a intrigar os médicos. Um especialista citado pela Tass pensa que Sofia pode sofrer de instabilidade eléctrica do coração, estado esse que pode ser originado por instabilidade emocional.

A ÚLTIMA FOTOGRAFIA DUM EXÍLIO

Esta foto de família é a última de um longo exílio que durou 38 anos para Dolores Ibarruri, «La Pasionaria». Pouco antes de regressar a Espanha, Dolores pousou em Moscovo para o fotógrafo, rodeada da filha Amaia e dos netos Calita e Feodor. (Foto France Presse). Uma foto duplamente histórica...

ÁFRICA DO SUL E RODÉSIA

O empenhamento dos países capitalistas no apoio aos regimes racistas da Rodésia e África do Sul, apesar das decisões da ONU e da opinião pública internacional, tem por base a defesa dos poderosos interesses das multinacionais, que exploram a mão-de-obra barata e as riquezas da região.

Os dados das Nações Unidas sobre os investimentos das companhias estrangeiras na África Austral ajudam a compreender esta situação que os próprios países de «democracia ocidental» têm dificuldade em justificar: o apoio maciço e constante aos regimes fascistas, onde impera o terror e a discriminação racial.

Segundo esses dados, o investimento das multinacionais na Africa do Sul quintuplicou no último decénio, atingindo no ano passado 14,7 biliões de dólares. No fim de 1975 os investimentos dos EUA ultrapassavam 1,7 biliões de dólares. No total, cerca de 350 monopólios americanos operam actualmente na África Austral, dominando a indústria automóvel, electrónica, electrotécnica e petrolífera da República da África do Sul.

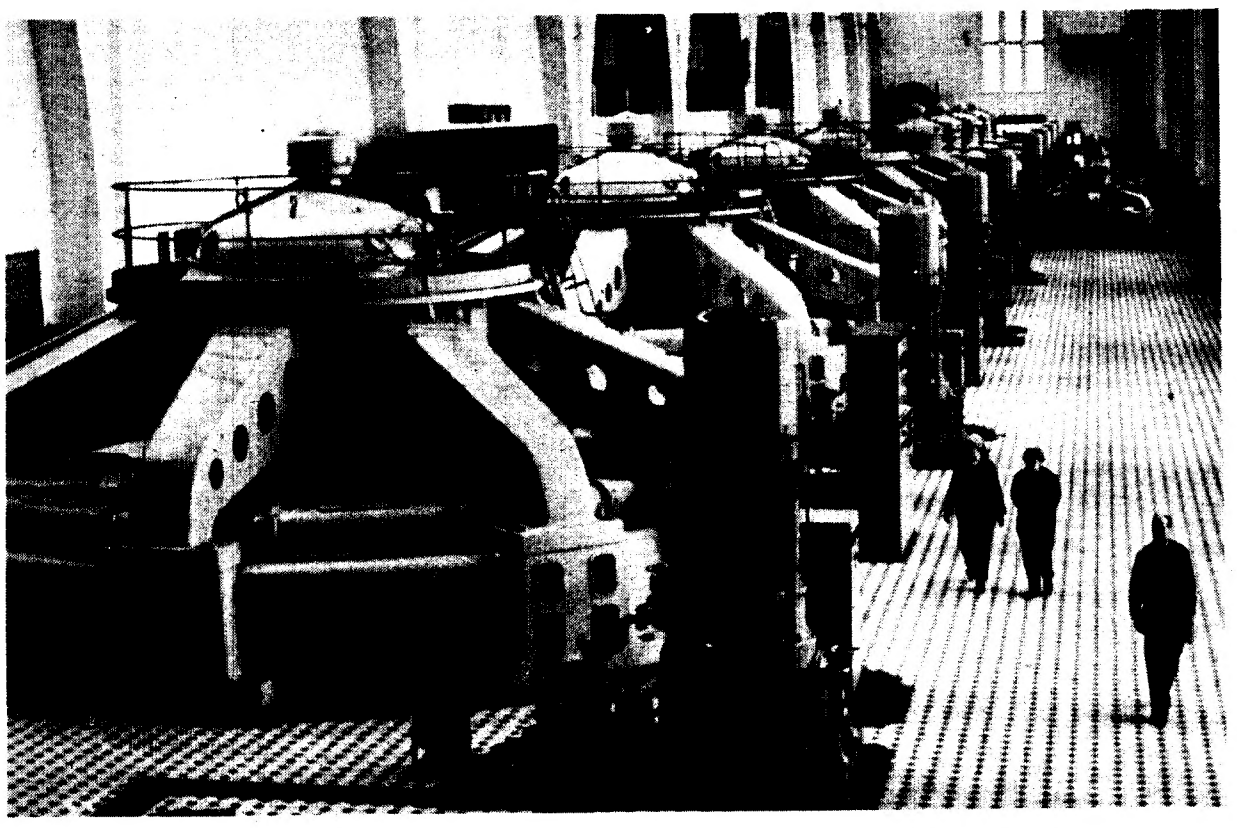
Os monopólios da Grã-Bretanha e dos outros países da NATO também partilham do bolo em boas condições: dispõem de cerca de 70 por cento de todos os investimentos estrangeiros.

Segundo os cálculos do «Christina Science Monitor», os monopólios estrangeiros controlam 80 por cento da produção do sector privado da África do Sul.

Os interesses imperialistas não se limitam a esse país, desempenhando um importante papel na manutenção do regime de Smith, apesar das sanções económicas decididas pela ONU.

Mais de 80 por cento da indústria mineira da Rodésia é controlada pelos monopólios dos EUA, Grã-Bretanha e África do Sul; os monopólios petrolíferos destes países fornecem este produto, de que carece a Rodésia.

Estes dados confirmam a ligação entre os interesses económicos imperialistas e os regimes racistas de Vorster e Smith. A existência destes regimes minoritários, que se mantêm à custa da repressão e do terror sobre a esmagadora maioria da população, seria impossível sem o apoio económico, militar e político dos países capitalistas que defendem os superlucros das multinacionais. A demagogia da defesa dos direitos humanos desaparece, quando se trata de salvaguardar esses interesses, mesmo à custa da opressão, exploração e miséria de milhões de pessoas.



A ELECTRICIDADE CRESCEU...

A inauguração central hidroeléctrica do rio Volkhov em Dezembro de 1926, assinalou a primeira grande realização do famoso plano executado pelo Comité de Estado para a Electrificação da Rússia (Goslro), segundo as instruções de Lenine. Este plano cuja realização se estabelecia para um periodo de dez a quinze anos, previa a montagem de trintas centrais eléctricas regionais com a capacidade de total de 1,5 milhões de kws. De então para cá a produção de energia aumentou mais de 550 vezes na URSS, o que coloca este país no primeiro lugar europeu em produção de energia e no segundo mundial. A foto mostra-nos o aspecto actual da sala de máquinas da central do Volkhov, cuja produção atingirá em breve os 105 mil kws.

EXCLUSIVO
N.º 16/77